

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO NÍVEL
DE MESTRADO/PPGEFB
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

O COLÉGIO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA E O PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO - PR
(1951-1982).

MOACIR DA COSTA BELLIATO

Francisco Beltrão – PR

2017

MOACIR DA COSTA BELLIATO

O COLÉGIO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA E O PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO - PR
(1951-1982).

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - nível de Mestrado - Área de concentração: Educação, Linha de Pesquisa: Sociedade, Conhecimento e Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: **Prof. Dr.º. André Paulo Castanha**

Francisco Beltrão – PR

2017

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas - UNIOESTE – Campus Francisco Beltrão

Belliato, Moacir da Costa

B443c O Colégio Nossa Senhora da Glória e o processo de escolarização no município de Francisco Beltrão-PR (1951-1982). / Moacir da Costa Belliato. – Francisco Beltrão, 2017. 165 f.

Orientador: Prof^o. Dr^o. André Paulo Castanha.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão, 2017.

1. Educação - História. 2. Professores - Formação. I. Castanha, André Paulo. II. Título.

CDD 20. ed. – 370.98162

Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090

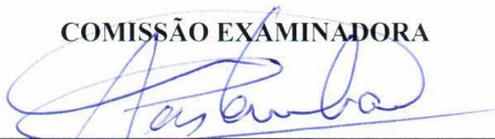
FOLHA DE APROVAÇÃO

MOACIR DA COSTA BELLIATO

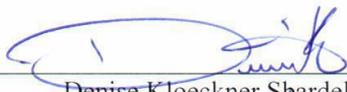
TÍTULO DO TRABALHO: O COLÉGIO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA E O
PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO/PR
(1951-1982)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado,
Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná,
UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão
final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestre em Educação ao autor.

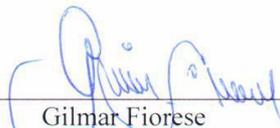
COMISSÃO EXAMINADORA



Orientador(a) - André Paulo Castanha
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Denise Kloeckner Sbardelotto



Gilmar Fiorese
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia
Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Realeza

Francisco Beltrão, 02 de junho de 2017

Às Irmãs Escolares de Nossa Senhora pelo trabalho desenvolvido no Município de Francisco Beltrão e região em prol da Educação. A todos os professores, alunos e funcionários que participaram da história do Colégio Nossa Senhora da Glória.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao professor André Paulo Castanha que esteve sempre à disposição durante a realização desta pesquisa. Seu espírito crítico, científico, incentivo e ao mesmo tempo sua simplicidade enquanto pessoa fez com que fosse possível não terminar, mas interromper esta pesquisa que oxalá provocará novos pesquisadores a desenvolver outras questões que não foram resolvidas.

O meu agradecimento aos professores membros da banca de qualificação Professora Caroline Machado Cortelini Conceição, Professora Denise Sbardelotto e ao Professor Paulo Fernando Diel pelas importantes contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho que possibilitou avanços relevantes neste processo.

Um agradecimento especial aos professores membros da banca de defesa Professor Dr^o Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia, Professora Dr^a Denise Kloeckner Sbardelotto e Professor Dr^o Gilmar Fiorese pelas importantes contribuições que fizeram a partir de uma leitura atenta e crítica possibilitando ainda mais brilho para a versão final desta dissertação.

Aos companheiros e professores do mestrado que compartilharam comigo seus conhecimentos;

À Comunidade das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, funcionários e ex-funcionários, alunos e ex-alunos do Colégio Nossa Senhora da Glória de Francisco Beltrão, que, com gentileza e simplicidade nos atenderam oferecendo suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos amigos João Paulo Danieli e sua esposa Carla Cattelan por me incentivarem desde o início.

À Secretaria do Programa na pessoa do Coordenador Professor Clésio e da Secretária Zelinda Correa pela competência, gentileza, profissionalismo e disposição.

À minha família Rosana Ambrósio, João Paulo Ambrósio Belliato e Emanuela Ambrósio Bállico pelo apoio e compreensão.

A todos aqueles que estiveram conosco neste período de pesquisa apoiando-nos de forma direta e indireta.

“Então iremos, contentes, com o pouco que temos, para todo o mundo, às vilas e barracos mais pobres, para onde o Senhor nos chamar, para levar às pobres crianças a Boa Nova do Reino de Deus”.

(Madre Maria Teresa de Jesus Gerhardinger).

BELLIATO, Moacir da Costa. **O Colégio Nossa Senhora da Glória e o Processo de Escolarização no Município de Francisco Beltrão-PR (1951-1982)**. Francisco Beltrão-PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, 2017. Dissertação, n. 165 folhas (Mestrado em Educação).

RESUMO

Esta investigação teve como objeto de estudo o Colégio Nossa Senhora da Glória e a sua participação no processo de escolarização de Francisco Beltrão e região entre os anos de 1951 e 1982. Diante deste objeto surgiu a problemática: em qual situação se encontrava a educação em Francisco Beltrão na época? As Irmãs Escolares atuaram em quais segmentos educacionais? Como se deu a relação das irmãs com o poder público e com a comunidade? O período inicial foi 1951 por ter sido o ano do primeiro contato com a região, momento em que foi viabilizada a vinda das irmãs para Francisco Beltrão, para abrirem uma escola na cidade. O recorte final foi 1982, momento que representou uma autonomia e identidade própria do Colégio Glória. No texto procuramos resgatar parte desta história que se iniciou na Região da Baviera - Alemanha no início do século XIX, chegando ao Brasil na década de 1930 até chegar em Francisco Beltrão em 1951. Posteriormente analisamos o processo de construção da estrutura educacional das Irmãs Escolares de Nossa Senhora - o Colégio Nossa Senhora da Glória e sua relação com a comunidade beltronense. Nos amparamos no método dialético para conseguir compreender o processo histórico de escolarização no município. Para respondermos ao objeto utilizamos a legislação educacional, fontes bibliográficas, crônicas, documentos, fotografias, jornais e revistas, bem como depoimentos orais entre outros. A bibliografia e o conjunto de fontes possibilitaram a compreensão da história da instituição situando-a em um contexto mais abrangente. O estudo evidenciou que as Irmãs Escolares contribuíram decisivamente no processo de escolarização de Francisco Beltrão e região. Quando aqui chegaram, instalaram a escola em salas improvisadas, depois abriram o primeiro Jardim de Infância no município, posteriormente construíram o Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO e o da Rua Tenente Camargo em parceria com entidades católicas alemãs como: a ADVENIA, MISERIOR, a Província das Irmãs Escolares em São Paulo, os poderes públicos e com a comunidade. As irmãs se empenharam na criação de Escolas Normais para formar professores. Além disso, o Colégio Nossa Senhora da Glória serviu como epicentro, contribuindo diretamente para a instalação de Escolas públicas em Francisco Beltrão.

Palavras-Chave: Irmãs Escolares de Nossa Senhora, História da Educação Regional, Formação de Professores, Francisco Beltrão – PR.

BELLIATO, Moacir da Costa. **Our Lady of Glory School and the schooling process in Francisco Beltrão, PR (1952-1982).**

Francisco Beltrão-PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, 2017. Dissertação, n. 165 folhas (Mestrado em Educação).

ABSTRACT

The purpose of this research was to study the Nossa Senhora da Glória College and its influence in the creation of teacher training courses, as well as in the establishment of normal and parish schools in Francisco Beltrão-Pr and region, contributing to the schooling process in the municipality in years from 1951 to 1982. Faced with this objective, the problem arose: In what situation was education in Francisco Beltrão at that time? Have school nuns, in partnership with municipal, state or federal agencies, built more schools in the region? The objective of the research was to understand the contribution of the school nuns of Nossa Senhora from the Glória College in the process of schooling in the municipality and the region during her career, articulated to the economic, political, religious and social issues of the period.

The beginning of the cut was 1951 because it was the year of the first contact with the region and has agreed to build a house and College in Francisco Beltrão. The final cut was 1982 because it represents an autonomy and identity of the Gloria College. The idea was to recover part of this history that began in the region of Bavaria - Germany and continued in Brazil from 1937, starting in the interior of São Paulo and reaching Francisco Beltrão in 1951. We adopted as support the dialectical method to be able to understand the historical process of schooling in the municipality. In order to answer the problematized questions, we investigated the educational legislation, bibliographic sources, chronicles, documents, photographs, newspapers and magazines, as well as oral testimonies and interviews, among others. The bibliography and the set of sources made possible the understanding of the history of the institution, placing it in a more comprehensive context. The result of the study was that nuns made an important contribution to municipal and regional education. When they arrived here, they installed the Nossa Senhora da Glória Institute in makeshift rooms. Then they opened the first kindergarten in the municipality. Soon after, they built the Nossa Senhora da Glória College in CANGO, in partnership with the Federal and State Governments and with the help of the community.

They encouraged the installation of two Normal Schools. One of them worked for the training of regent teachers. The other trained teachers to work in primary education. Glória College also functioned as an epicenter, contributing directly to the installation of three parochial schools in the region.

Key words: Our Lady of Glory College, History of Education, Teacher Training, Francisco Beltrão-Pr.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 - Grupo das 08 Irmãs Escolares que vieram para o Brasil em 1937	42
FOTOGRAFIA 2 - O navio Caparcona que trouxe as Irmãs para o Porto de Santos - SP em 1937	43
FOTOGRAFIA 3 - Madre Maria Recaldis Haberl	59
FOTOGRAFIA 4 - Casa da Criança Jaú - SP 1937	61
FOTOGRAFIA 5 - Chegada das Irmãs em 1952 e o 1º encontro com o Bispo Diocesano em Francisco Beltrão	74
FOTOGRAFIA 6 - Casa comercial que serviu de escola em 1952	76
FOTOGRAFIA 7 - Irmã Maria Illuminata Singer	77
FOTOGRAFIA 8 - Cinema de Francisco Beltrão - 2º. sala de aula provisória do Instituto Nossa Senhora da Glória 1952.	78
FOTOGRAFIA 9 - Salão Paroquial, 3ª Sala de aula provisória do Instituto Nossa Senhora da Glória, 1952	79
FOTOGRAFIA 10 - Inauguração do Instituto Nossa Senhora da Glória – CANGO - 2 de fevereiro de 1956	90
FOTOGRAFIA 11 - Chegada da Procissão no dia da Inauguração em 02 de fevereiro de 1956.	90
FOTOGRAFIA 12 - Crianças do Jardim de Infância 1954	98
FOTOGRAFIA 13 – Bênção da Pedra Fundamental do Jardim da Infância	100
FOTOGRAFIA 14 - Maquete do prédio da Rua Tenente Camargo	102
FOTOGRAFIA 15 - Bloco C, a segunda etapa da construção do Colégio Glória em junho de 1967	106
FOTOGRAFIA 16 - Inauguração do Bloco C	107
FOTOGRAFIA 17 - Irmã Boaventura Gress	108
FOTOGRAFIA 18 - Escola Primária Regina Mundi de Dois Vizinhos, 1959	112
FOTOGRAFIA 19 - Missa Solene para Inauguração da Escola Nossa Senhora de Fátima - Nova Concórdia, 12 de fevereiro de 1961	115
FOTOGRAFIA 20 – Visão panorâmica da Escola Nossa Senhora de Fátima – Nova Concórdia 1962	115
FOTOGRAFIA 21 - Educandário São José Jaracatiá Enéas Marques, 1962	119
FOTOGRAFIA 22 - Irmã Arcélia Maria Paese	142
FOTOGRAFIA 23 - Irmã Bárbara Zimmermann	143

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Um cabrito com seus berros atrapalham as aulas de Carolina	33
IMAGEM 2 - Madre Maria Teresa Gerhardinger	34
IMAGEM 3 - Diploma da Professora Noeli Tomé	117
IMAGEM 4 - Grade curricular, com carga horária e distribuição semanal para o curso Normal Ginásial no Paraná a partir de 1962	126
IMAGEM 5 - Grade curricular, com carga horária e distribuição semanal para o curso Normal Colegial no Paraná a partir de 1962	126
IMAGEM 6 - Diploma da professora Neide Maria Ramella formada pela escola em 1963	129
IMAGEM 7 - Verso do Diploma da professora Neide Maria Ramella formada pela escola em 1963	130
IMAGEM 8 - Instalação da Escola Normal Regina Mundi em 28/12/1965	132
IMAGEM 9 - Diploma recebido por Ana Gracik em 1968	136
IMAGEM 10 - Diploma do professor Evaristo Castanha formado em 1972	138

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Países com a presença das Irmãs Escolares de Nossa Senhora em 1992	46
MAPA 2 - Cidades do interior de São Paulo onde trabalharam as Irmãs Escolares de 1937 a 1953	60
MAPA 3 - O Sudoeste na Região Sul do Brasil	65
MAPA 4 - Região Sudoeste do Paraná 1952	66

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - A cronologia dos principais acontecimentos na Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora de 1797 a 1985	44
QUADRO 2 - A expansão do projeto missionário pelo mundo das Irmãs Escolares entre 1850 a 1970	45
QUADRO 3 - Quadro 3 O número de Irmãs da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora hoje em Projeto educacionais e missionários no mundo.	46
QUADRO 4 – População da Região Sudoeste 1940 a 1975	70
QUADRO 5 – Número de Alunos do Colégio Nossa Senhora da Glória de 1952 a 1955	79
QUADRO 6 - Alunos do Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO de 1956 a 1962	94
QUADRO 7 - Programa de ensino para a Escola Normal Regional definido na Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946	122
QUADRO 8 - Programa de ensino para a Escola Normal Colegial definido pela Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946.	123
QUADRO 9 - Relação das primeiras alunas matriculadas da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória em 1959.	128
QUADRO 10 - Relação da primeira turma de Formandas da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória, ano de 1962	129
QUADRO 11 - Estatístico das Alunas que receberam os diplomas de Regente de Ensino da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória entre 1962 e 1967	129
QUADRO 12 - As Irmãs Escolares que foram diretoras no Colégio Glória de Francisco Beltrão.	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA DA ALEMANHA A FRANCISCO BELTRÃO – PR	21
1.1. Estado, Igreja e educação no século XIX aproximações e distanciamentos	21
1.2. A trajetória da Madre Teresa e da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora	31
1.3. Estado, Igreja e educação no Brasil no século XIX e XX	47
1.4. A trajetória das Irmãs Escolares de São Paulo a Francisco Beltrão	53
CAPÍTULO II - A CHEGADA E A INSTALAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA EM FRANCISCO BELTRÃO – PR	65
2.1. O Contexto da chegada e instalação da Congregação em Francisco Beltrão	65
2.2. A chegada das Irmãs e a instalação provisória em Francisco Beltrão	71
2.3. A Construção do Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO	80
2.4. A instalação do Jardim de Infância e do Curso Primário para Adultos	96
2.5. A construção do Colégio Nossa Senhora da Glória na Rua Tenente Camargo: Bloco A e C 1964 / 1969	102
CAPÍTULO III – O COLÉGIO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA COMO EPICENTRO PARA O SURGIMENTO DE NOVAS ESCOLAS E NOVOS CURSOS ENTRE 1959 E 1982	109
3.1. A Instalação de Escolas primárias e casas das irmãs fora de Francisco Beltrão	109
3.1.1. A instalação da Escola Primária Regina Mundi em Dois Vizinhos em 1959	111
3.1.2. A instalação do Instituto Nossa Senhora de Fátima em Nova Concórdia em 1961	113
3.1.3. A instalação do Educandário São José em Enéas Marques em 1962	118
3.2. A Instalação da Escola Normal Ginásial e Colegial em Francisco Beltrão	121
3.2.1. As bases legais da Escola Normal entre as décadas de 1950 e 1970	121
3.2.2. A Instalação da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória em 1959	127
3.2.3. A Instalação da Escola Normal Colegial Estadual Regina Mundi em 1965	131
3.2.4. A proposta pedagógica da Escola Normal Colegial Regina Mundi e experiências de formação	134

3.3. As parcerias entre as Irmãs Escolares e a Secretaria da Educação do Estado do Paraná	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	154
ANEXOS	160

INTRODUÇÃO

Quase na metade do século XIX aconteceu algo extraordinário na história da Baviera¹. Sobre os escombros da guerra provocada por Napoleão Bonaparte que deixou a região destruída e, em consequências, ficaram famílias e crianças marginalizadas em condições sociais desumanas. Foi nesse cenário que houve a fundação da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora (1833), abrindo a possibilidade de educação para meninas.

O interesse por este tema está ligado a minha caminhada de mais de 20 anos na vida religiosa franciscana² e teve origem no seguinte fato: estava em férias na fraternidade franciscana no Kloster Kreuzberg³ da Província de Munique na Alemanha, em 2003. Naquela ocasião, participei de um curso básico de Alemão na Cidade de Munique. Num determinado dia, caminhando pelas ruas da cidade com um grupo de estudantes estrangeiros, ao passar em frente a um Convento e Colégio um professor disse-nos que aquele Convento era das Irmãs Escolares de Nossa Senhora e, que há algumas décadas atrás, um grupo de irmãs foi enviado como missionárias para o Brasil, com o objetivo de abrirem escolas, para educar os filhos dos imigrantes alemães.

No ano de 2014, num certo dia já em Francisco Beltrão, retornando do supermercado olhei para a esquerda e visualizei um Colégio com o letreiro escrito: Colégio Nossa Senhora da Glória. Não sei o porquê, mas aquele Colégio despertou a minha atenção. Depois de alguns dias, fiquei sabendo que se tratava de uma instituição escolar de ensino privado de origem alemã. As fundadoras do Colégio eram da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora da Província de São Paulo, cuja origem era Munique, na Alemanha, onde estive em 2003. Hoje a sede da congregação se encontra em Roma, mas o primeiro Colégio Convento que conheci em 2003, que foi a primeira sede da congregação, a qual continua em atividade.

Para além da justificativa pessoal, a pesquisa se justifica pela necessidade de um estudo abrangente e articulado para compreender a importância do Colégio Nossa

¹ A Baviera faz parte do território Alemão e se encontra na região sul da Alemanha.

² Iniciei os estudos na Escola Estadual de Primeiro Grau Professora Maria Cecília da Silva Grohmann no bairro de Itaquera, Zona Leste da periferia de São Paulo em 1981. Comecei minha caminhada como seminarista franciscano no Seminário Menor São Francisco de Assis em Ituporanga – SC, em 1990. Posteriormente cursei o Segundo Grau no Seminário Santo Antônio em Agudos – SP. Depois estudei Filosofia no Convento São Boaventura em Campo Largo – PR. Iniciei os estudos de Teologia no Instituto Teológico de Petrópolis – RJ por um semestre, sendo transferido para Jerusalém – Israel no Seminário São Salvador onde continuei o curso que havia iniciado no Brasil concluindo em 2003.

³ Kloster Kreuzberg: Convento da Montanha da Cruz.

Senhora da Glória na região Sudoeste do Paraná, principalmente em Francisco Beltrão, articulados às questões sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas e educacionais, características dessa região de colonização recente.

A pesquisa também ganha relevância devido à importância da história viva representada por diversos depoentes e não depoentes que passaram pelo Colégio. Além da formação primária que havia naquela época, o Colégio Nossa Senhora da Glória, também foi responsável pela instalação de dois cursos de formação de professores. O primeiro foi o Curso de Regentes de Ensino Primário com a duração de quatro anos. O segundo foi o Curso de Formação de professores Primários com a duração de três anos. A pesquisa também demonstrou que o Colégio Glória está na origem de outras escolas na região e teve relação direta com a criação de escolas públicas em Francisco Beltrão.

A pesquisa foi importante para o resgate de parte da história do Colégio Nossa Senhora da Glória, que corria o risco de ficar esquecida na consciência daqueles que contribuíram e contribuem, participaram e participam dessa história, na medida em que aos poucos migram para outras cidades, estados ou até países e, não retornam mais para a região, perdendo a oportunidade de contar essa história. Sem esquecer, aqueles pioneiros e pioneiras que carregam dentro de si “histórias vivas” desta Instituição e levam consigo quando vão a óbito.

O interesse em desenvolver a pesquisa sobre o Colégio Nossa Senhora da Glória, veio ao encontro à minha formação religiosa franciscana recebida na área da Filosofia e Teologia. Nesses anos de estudos, aprendi que para a transformação da sociedade, é fundamental o desenvolvimento do ser humano, portanto, é necessário passar pelo crivo da educação. Mas que tipo de educação? Uma educação que transforma, liberta, humaniza, oferece senso crítico para seus alunos e alunas durante todo o processo de formação. Então, a educação precisa sempre ser compreendida como bem definiu Saviani: educar é, "o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (1991, p. 13).

O fato de não ter encontrado alguma pesquisa mais densa sobre o Colégio Nossa Senhora da Glória de Francisco Beltrão, despertou em mim maior interesse em querer desvelar uma história que muitos desconhecem. Trata-se de uma história que se encontra adormecida nas atas e documentos do Colégio Nossa Senhora da Glória, nos testemunhos vivos de ex-alunos e alunas, professores e professoras que estudaram, trabalharam nesta instituição de ensino.

Na expectativa de encontrar alunos, professores, diretores da escola e com o suporte da História Oral fundamentado em Meihy (2005) e Freitas (2002), fomos à busca de pessoas que passaram pela escola. Vale lembrar que os relatos orais constituem-se de extrema relevância em nossa pesquisa, visto que são fontes⁴ inesgotáveis para a compreensão das questões que surgiram em torno do objeto em estudo e da prática educativa do passado. A ideia foi indagá-los para conseguirmos compreender o desenrolar dos acontecimentos dentro do contexto histórico, social, político e religioso no período estudado. Conseguimos encontrar várias pessoas que estudaram e foram professores no período.

A problemática surgiu após o contato com uma diversidade de fontes. Estes materiais encontrados evidenciaram que o Colégio esteve presente na origem de várias escolas de Francisco Beltrão e região e que trouxe contribuições para a análise das seguintes questões:

Como se constituiu historicamente a educação no Colégio Nossa Senhora da Glória desde a sua origem em 1952 até 1982? Mediante a questão mais ampla, problematizo: Em qual situação se encontrava a educação em Francisco Beltrão naquela época? As Irmãs Escolares em parceria com os órgãos municipais, estaduais ou federais construíram mais escolas na região? Que tipos de relações se estabeleceram para essas parcerias? Que fatores levaram a consolidação do Colégio Nossa Senhora da Glória em Francisco Beltrão? Para entender estas indagações levantadas investiguei as fontes bibliográficas, documentos, fotografias e realizei entrevistas na perspectiva da história oral.

No recorte destacamos o ano de 1951, porque foi o ano em que houve o primeiro contato das Irmãs Escolares com os habitantes de Vila Marrecas (logo depois Francisco Beltrão), com o Frei Deodato, as autoridades da época e a comunidade como um todo. O ano de 1982, expressa a consolidação da congregação depois de 30 anos da existência da escola. Marcou o encerramento de um ciclo em que houve parcerias entre o Colégio e o Estado para a difusão da educação escolar.

Durante este tempo em que fiz o levantamento dos materiais que utilizei na pesquisa para a reconstituição de parte da história desta instituição escolar, descobri que

⁴ Segundo Castanha, "As fontes não falam por si, como afirmam os positivistas, porém os vestígios, as testemunhas que manifestam as ações dos homens no seu tempo, por isso respondem como podem por um número limitado de fatos" (2013, p. 29).

o carisma⁵ de Madre Maria⁶ Teresa de Jesus Gerhardinger⁷, foi à base para a articulação dos projetos educacionais desta escola, que se encontra em Francisco Beltrão.

No estudo procurei demonstrar as relações existentes entre o Colégio Nossa Senhora da Glória e o processo de escolarização em Francisco Beltrão e região entre 1951-1982 em parceria com o Estado.

Para articular esse conjunto de fontes optamos pelo método dialético para a realização da pesquisa, porque, no nosso entendimento, é o mais adequado e indicado para a compreensão do desenrolar de todo este processo histórico, desde a Alemanha até o Brasil, passando São Paulo e chegando por fim, em Francisco Beltrão. Isto ainda foi relevante porque as análises dos documentos encontrados foram feitas a partir dos determinantes históricos.

A presente pesquisa é de caráter documental e bibliográfica. Como técnica, fizemos análises de documentos e entrevistas. Adotando também como técnica de trabalho, a entrevista semiestruturada, que segundo Trivinos:

é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a Coleta de Dados. Já expressamos que, no enfoque qualitativo, podemos usar a entrevista estruturada, ou fechada, a semiestruturada e a entrevista livre ou aberta. Estas duas últimas são importantes para esta classe de enfoque. Não obstante isso, apesar de reconhecer o valor da entrevista aberta ou livre, que não deve ser confundida com a entrevista não diretiva, queremos privilegiar a entrevista semiestruturada porque esta, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (1992, p. 147).

Dentre as mais variadas formas de entrevistas possíveis sugeridas por Trivinos, neste caso, a mais interessante foi a semiestruturada, na perspectiva da história oral por oferecer espontaneidade e liberdade para quem foi entrevistado.

Mas o que devemos entender por história oral? A história oral deve ser entendida como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros

⁵ Carisma: dons e talentos de cada cristão para o desempenho de sua missão dentro da Igreja.

⁶ Percebe-se nos nomes nas primeiras missionárias da Congregação das Irmãs Escolares que vieram ao Brasil a serviço da Igreja Católica, o nome Maria. Havia antigamente na Igreja Católica uma tradição de acrescentar o nome Maria referindo-se a Maria a mãe de Jesus. Qual o significado desse gesto? Da mesma forma que Maria a mãe de Jesus se colocava como serva do Senhor, as religiosas quando ingressavam em uma Congregação, também se colocavam como servas do Senhor representada pela instituição Igreja.

⁷ Madre Maria Teresa de Jesus Gerhardinger: é Carolina Gerhardinger, (1797-1879) filha de Willibald Gerhardinger e Maria Francisca Kuber. Carolina nasceu em 20 de junho de 1797 em Stadtahof, faleceu em 9 de maio de 1879 em Múchen e foi beatificada na Basílica São Pedro em Roma no dia 17 de novembro de 1985.

procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2002, p. 18). Para tanto, o pesquisador, ao utilizar essa prática como itinerário para coleta de dados, precisa-se adotar três medidas importantes, durante a pesquisa em curso, ou seja, a entrevista deve acontecer da seguinte forma: “1. A partir do projeto; 2. Na definição do corpus documental (se derivado da documentação escrita ou oral); 3. Do encaminhamento das conclusões tendo em vista o uso das entrevistas” (MEIHY, 2005, p. 49).

A essência de uma boa entrevista consiste “em saber ouvir as pessoas (...) nunca devemos interromper uma fala e nunca devemos demonstrar desinteresse pela fala (...), aliás, saber ouvir as pessoas é uma característica do pesquisador que utiliza a história oral como instrumento em sua pesquisa” (FREITAS, 2002, p. 96).

Quando um pesquisador assume a responsabilidade de estudar a história de uma instituição escolar, se faz necessário o esclarecimento desta expressão e a busca por uma base teórica sólida é importante. Para Werle quando se pensa em história, necessariamente “implicará na elaboração de narrativas acerca da vida da escola” (2004, p. 14). Com isso não se está dizendo que as narrativas se bastam em si mesmas, como caminho para a reconstituição de parte da história. Werle recorda que é fundamental “articular a noção de discurso, até mesmo pelo fato de os documentos serem textos que reconstituem a realidade e não meras fontes que retratam factos acerca da realidade” (2004, p. 14). Assim, reconstruir parte da história de uma instituição escolar, não significa produzir “um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que se apresentam na dimensão de representação, de uma versão da história institucional” (WERLE, 2004, p. 14).

A partir das reflexões de Werle, torna-se interessante a compreensão do termo instituição como “uma unidade escolar, espacialmente localizável (mesmo ocupando vários prédios dispersos), com componentes identificáveis na memória coletiva” (2004, p.18). Assim, podemos entender que reconstituir parte da história de uma instituição escolar, “exige revisitar o projeto primitivo, a posição do fundador, aquele que lhe deu paternidade, retomar as formas de organização jurídica e material” (WERLE, 2004, p. 19).

Para demonstrar o que estamos anunciando, organizamos o texto em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o resultado das análises de fontes bibliográficas, que evidenciaram os conflitos políticos que existiram entre o Estado e Igreja nos Séculos XIX e XX com suas aproximações e distanciamentos; a trajetória de

Madre Maria Teresa e da Congregação das Irmãs Escolares; a relação entre o Estado e a Igreja no Brasil nos séculos XIX e XX bem como a vinda das Irmãs Escolares para o Brasil até sua chegada em Francisco Beltrão.

O segundo capítulo foi resultado das análises bibliográficas complementadas com relatos orais de depoentes que participaram daquele momento histórico. As fontes evidenciaram como se deu a chegada, a organização e instalação da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora em Francisco Beltrão, a construção e inauguração do Colégio na CANGO, bem como a construção da estrutura atual na Rua Tenente Camargo.

O terceiro capítulo resultou de análises realizadas em fontes primárias e bibliográficas bem como de depoimentos orais que demonstraram como o Colégio Glória tornou-se um centro de “irradiação”, um epicentro que fez no decorrer das décadas de 1960 e 1970, contribuiu para o desenvolvimento de projetos de educação articulados ao Estado.

Neste momento, convido você leitor, leitora a tomar conhecimento desta pesquisa que retrata a trajetória da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora e seu papel na construção de uma estrutura educacional em Francisco Beltrão e região. Ainda hoje, ex-alunos e ex-professores sentem saudade dos velhos tempos do Colégio Nossa Senhora da Glória pela formação intelectual que receberam a qual influenciou, de forma positiva na vida de milhares de alunos. Convido-os a refletir sobre a história dessa instituição que muito influenciou na história da educação de Francisco Beltrão e região.

CAPÍTULO I

A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA DA ALEMANHA A FRANCISCO BELTRÃO-PR.

Neste capítulo centraremos a nossa atenção na congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, fundada por Carolina Gerhardinger na Alemanha, buscando compreender a trajetória dessa instituição em meio aos conflitos entre Igreja e Estado.

Com a ascensão ao trono do rei católico Ludovico I em 1825, a educação católica novamente adquiriu espaços para se reorganizar na Alemanha. Em 1833 surgiu a congregação das Irmãs Escolares com uma proposta de ensino diferenciada dando preferência àquelas crianças mais pobres. A congregação cresceu na Alemanha e de lá se expandiu por diversos países da Europa. Ainda em 1847, devido à insistência de vários bispos, a congregação fundou comunidades nos Estados Unidos.

Com a ascensão de Hitler ao poder, as ordens religiosas passaram a ser perseguidas na Alemanha. Isto fez com que elas buscassem se instalar em outros países. Foi assim que em 1935, um grupo de irmãs partiu da Silésia para Forquilha em Santa Catarina e em 1937, as religiosas da província da Baviera migraram para São Paulo instalando-se em Matão. Foi desse grupo de São Paulo que se originou a comunidade de Francisco Beltrão.

1.1. Estado, Igreja e educação no século XIX aproximações e distanciamentos

O contexto em que Carolina Gerhardinger nasceu e cresceu foi marcado por momentos de grandes tensões em sua pátria. Ocorreram disputas políticas e religiosas causada por um modelo de governo embasado na ideologia iluminista. Esse sistema governamental sustentava a ideia de que o uso da razão deveria prevalecer, impossibilitando as pessoas de viver uma crença religiosa. Aliás, essa crença era entendida pelas novas autoridades como algo supersticioso e um poderoso instrumento de alienação. Instalou-se na Alemanha naquele período as bases para o ateísmo.

Conforme Nelson:

O país no qual Carolina nasceu não era a Alemanha que nos é familiar hoje. Em 1648, o tratado da Vestefália tinha terminado a "Guerra dos Trinta Anos", muitas vezes citada como guerra religiosa. Esse conflito viu monarquias católicas aliadas com monarquias protestantes, contra outras nações católicas para criar "equilíbrio de poder", um conceito que dominaria mais tarde o movimento político do século XIX na Europa. Em 1806 o santo Império Romano foi dissolvido e substituído por uma criação Napoleônica, a "Confederação do Reno". Excluindo a

Prússia e a Áustria da sua reorganização dos territórios alemães; Napoleão procurou enfraquecer estes maiores. Por outro lado, através da secularização de muitas terras da igreja, algumas das quais eram adquiridas pela Baviera, ele fortificou, tornando-a um estado mais proeminente. Foi nesta época crítica que um bom número de ordens religiosas de ensino, na Baviera, foram secularizadas, entre elas, como vimos a Congregação de Notre Dá-me, fundada na Lorraine (Lorena), no fim do século XVI, por São Pedro Fourier (1979, p.18).

Conforme o autor a Alemanha havia saído de um conflito sangrento por disputas territoriais, conflitos esses definidos por alguns historiadores como de guerras religiosas. Naquele período, quem estava comandando a região da Baviera era um grupo que se contrapunha declaradamente à doutrina da Igreja Católica, comandada pelo general estrategista francês Napoleão Bonaparte. Tratou-se do movimento iluminista que teve sua origem na França e estava fazendo uma oposição radical aos ideais da Igreja Católica. Napoleão Bonaparte se destacou como líder deste movimento e se contrapôs ao poder político vigente, bem como ao modelo de Igreja da época.

A ideia de Napoleão era estabelecer entre as regiões alemãs igualdade de poder. Para isso, Napoleão entendeu que seria necessário, em primeiro lugar, exterminar o império Romano Alemão, para então, estabelecer uma nova articulação territorial para controlar as regiões que mais lhe interessavam. Tanto foi, que logo em seguida instalou-se a Confederação do Reno. Com esta nova rearticulação territorial, ficou de fora a Áustria e a Prússia. Por quê? Ficou claro que seu interesse estava na Baviera. Por isso, desestabilizou e deixou bem vulnerável a Áustria, a Prússia e, concomitantemente confiscou as terras da Igreja Católica do Império Alemão na Baviera, transformando-a em uma região estratégica e mais forte que as outras.

Para cumprir seu objetivo, Napoleão contou com seu exército poderoso, usando do arsenal militar que tinha à sua disposição, praticamente dizimou a Baviera deixando-a em um estado, “de extrema pobreza moral, social e econômica. Além da guerra, como slogan: ‘abaixo com a superstição’. O iluminismo dirigia a guerra contra a fé cristã e contra a Igreja Católica” (ARNS, 2012, p. 29). Movido pelo interesse de divulgar e implantar as ideias do iluminismo francês, os militares combatiam de forma avassaladora a religião católica e protestante, que eram vistas pelo movimento revolucionário como um retrocesso na sociedade.

De forma imperativa, rápida e sem explicações, todas as instituições escolares religiosas foram proibidas de ensinar sendo monitoradas constantemente pelas autoridades governamentais. Para Arns as escolas religiosas “deviam ser substituídas

por instituições estatais” (2012, p. 29). Assim, foram ganhando espaço e força as escolas estatais dentro de uma visão educacional laica. Por que os governantes estavam modificando a forma de ensinar? Será que a educação na Baviera não estava muito católica apresentando uma concepção reduzida de mundo? Neste sentido não estava faltando elementos racionais no ensino para provocar uma concepção de mundo mais abrangente que ultrapassasse o parcial e limitado modo de ensinar da concepção católica?

Arns afirma que “inúmeras escolas de instituições religiosas foram fechadas em 1809 uma vez que já vinham enfrentando dificuldades desde 1803” (2012, p.29).

Dix complementou dizendo que:

Nas últimas semanas de escola elementar de Carolina, os dias se tornaram sombrios, com o fechamento de sua querida escola conventual. Embora as irmãs tivessem suportado a tempestade de secularização de 1803, quando outros conventos foram extintos, as exigências de impostos da guerra e outras taxas, intoleráveis, a dura interferência governamental nas suas escolas, nos métodos de educação e mesmo na vida conventual forçou as irmãs a pedirem a seu bispo o fim da instituição. No dia 15 de agosto de 1809 foi rezada a última missa; o oratório foi fechado e no dia 10 de setembro, as irmãs deixaram o lugar onde haviam trabalhado durante 80 anos. Um jornal anunciou o leilão público de suas posses: uma cômoda, mesas, cadeiras, esculturas e pinturas, duas vacas, vinte metros quadrados de lenha e a produção de sua horta (DIX, 1993, p. 21).

Desde então, havia um controle total da vida religiosa e da vida pessoal de cada irmã. As religiosas eram vigiadas, não tinham liberdade de expressão, pois tudo era controlado. Tais medidas governamentais tinham por finalidade a expulsão das religiosas do serviço educacional. Constata-se que esta foi a política de exclusão adotada para os religiosos e religiosas católicos e protestantes que não aceitavam as mudanças. Mas quais as razões da resistência em não aceitar as reformas educacionais? Nos bastidores de tudo isso não estaria a preocupação da Igreja com a instalação do ateísmo e do liberalismo e a perda da hegemonia da doutrina da Igreja Católica e Protestante?

A escola das Cônegas Agostinianas que Carolina estudava fechou. As religiosas não suportaram a enorme pressão governamental articulada em taxas de guerra altíssimas e a direta influência e controle no modo de ensinar e na vida conventual. As irmãs tiveram que fechar definitivamente a escola conventual. Assim, no dia 15 de Agosto de 1809 foi celebrada a missa pela última vez no oratório do convento e as simples e poucas coisas que as Cônegas possuíam foram leiloadas. Conforme Dix, as

Irmãs que recebiam um salário do governo precisavam sobreviver como costureiras. "A tristeza pela destruição da sua comunidade conventual foi intensificada pela dor dos pais e das crianças que haviam perdido a escola, e pela preocupação do padre Wittmann, que enfatizava o valor da educação feminina" (DIX, 1993, p. 21).

A situação foi se tornando cada vez mais difícil para as jovens religiosas ensinarem sob o controle total pelo governo. Nos debates sobre aquele período, no documento do III Encontro Interprovincial de Educação das Irmãs Escolares da América do Sul (1999), destacou-se que na Alemanha, sob o domínio do sistema iluminista, imperava:

O espírito anticlerical e principalmente antirreligioso que tinha como meta, tirar o povo da "escravidão", da superstição religiosa e automaticamente levá-los a autodeterminação exercitando o uso da razão. Assim, esta ideologia provocou o confisco dos bens da Igreja e a secularização dos Conventos e Escolas (MADRE TERESA E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO, 1999, p. 7).

Constata-se claramente que havia uma pressão psicológica emocional serrada sobre o clero, de modo geral, e também contra as religiosas. Este novo grupo que estava no poder não suportava mais aquele modo piedoso de ensinar. Por isso, as pessoas deveriam ser libertadas da escuridão da religião? Será que era apenas isso mesmo ou havia maiores interesses por trás? Quem nos garante que o povo não estava sendo usado mais uma vez como pretexto pelo iluminismo liderado por Napoleão, para conseguir o poder e depois chegar ao trono e tornar-se o imperador?

Foram os momentos de dificuldades que forçaram as religiosas a iniciarem projetos novos.

Segundo Nelson (1979) e Arns (2012), em Regensburg havia o pároco da Catedral e seu nome era George Michel Wittman, que gostava de educar as crianças e, preferencialmente por aquelas mais pobres. Padre Wittman, também, era pedagogo e inspetor escolar das cidades de Regensburg e Stadtamhof e ficou abalado com o fechamento das escolas. Diante de tamanhas dificuldades, um grupo reduzido de professores da Universidade de Landshut com Wittman, entendeu que a solução dos problemas sociais e religiosos poderiam ser resolvidos com a educação para as mulheres e, de modo particular para aquelas que viviam nas zonas rurais e pobres.

Um fato importante para a futura congregação foi que entre os alunos da Universidade de Landshut, "se encontrava o futuro Rei da Baviera, Ludovico I (1786-1868) que em 1825 subiu ao trono, fazendo grandes mudanças" (ARNS, 2012, p. 32). O

Rei se aconselhava com seus antigos professores Sailer e Wittmann a respeito das reconstruções das escolas católicas e também da fundação de novos Institutos. Para Arns, “todas as outras instituições dependiam do Estado” (2012, p. 32).

Conforme Cruz, em certa ocasião, o Rei Ludovico I afirmou que “era impossível uma nação estar em paz, sem a vivência religiosa” (1992, p.18). Será que a vivência religiosa era tão importante assim? A religião era um instrumento de emancipação ou de alienação social, onde tudo era compreendido como vontade de Deus? O Rei entendia que o futuro de uma nação era a infância e a juventude, mas qual o modelo de formação era a ideal para o Rei? A opção por favorecer escolas católicas, se deu pela formação recebida em uma universidade católica ou isso favoreceu ao controle do povo pelo Estado? São questões relevantes que merecem ser investigadas em outros momentos.

Para Eby “durante os últimos 150 anos, o tipo de educação desenvolvido pelos povos da Europa Ocidental difundiu-se por todos os países civilizados e, por toda parte, tendeu a se separar do controle eclesiástico” (1978, p. 462). Percebe-se que se tratava de uma forma muito interessante e que funcionava, apresentando importantes resultados do ponto de vista prático. Eis a razão, pela qual, o modelo alemão influenciou diretamente os sistemas educacionais de outras civilizações.

Entende-se assim porque acreditavam ser necessário se libertar de um modelo educacional que havia se tornado supersticioso e fantasioso e, por isso, um obstáculo para o conhecimento profundo da realidade, a qual a sociedade estava inserida. O ensino católico era visto como um atraso e com consequências sérias para o futuro.

Como destacou Eby, o império Alemão, obteve destaque na história política europeia e na formação do sistema educacional durante o século XIX. Segundo ele, “esse resultado foi devido, principalmente, ao desenvolvimento da hegemonia prussiana entre os estados germânicos. A eficiência de seu sistema escolar tornou-se modelo para todos os Estados” (1978, p. 462). Assim, passou a predominar uma visão mais racional da realidade e de seus acontecimentos superando aquela concepção medieval de que tudo era vontade de Deus.

Conforme Huffner:

Durante a juventude de Carolina, o Classicismo alemão buscava inspiração no ideal da "nobre simplicidade e silenciosa grandeza". Goethe escreveu seu "Fausto"; Shiller, o "Wallenstein"; Haydn compôs seus "Oratórios"; e Bethoven, as primeiras sinfonias. A "literatura romântica exaltava as grandes paixões e celebrava o indivíduo. O período mais sóbrio encontrava sua expressão no realismo, em meados do século. Na arte alternavam as formas serenas

e puras da arquitetura clássica com os quadros emotivos dos pintores românticos que se inspiravam em motivos de contos e sonhos saudosos da Idade Média. Quando a vida de Carolina chegava a seu fim, os impressionistas franceses começavam um estilo de pintura totalmente novo, baseado na luz e na cor. Dostojewski e Dickens escreveram seus romances sobre a miséria humana; Brahms e Bruckner, Wagner, Verdi e Tchaikowski deram a música novos impulsos (1979, p. 18).

O texto acima revela uma sociedade alemã que almejava algo novo. Reflete uma sociedade inquieta, insatisfeita da forma como se encontrava. Foi nesse contexto que com o teatro e a música (destaque para Richar Wagner⁸ entre outros artistas) deram um novo impulso à música, a arte e a literatura, as quais se tornaram canais que possibilitaram novas descobertas, uma vez que a religião católica, que na época tinha como autoridade máxima o Papa Pio IX,⁹ que exerceu o seu pontificado entre (1846-1878).

A Igreja já havia chegado ao máximo em um estágio de estagnação e não correspondia mais para as transformações econômicas, sociais em pleno curso sendo pouco compromissada com os problemas de sua época. A Igreja do século XIX foi indiferente e incapaz de responder às necessidades e aos apelos do seu tempo estando em uma grande decadência, envolvida apenas com os aspectos do culto litúrgico cristão, com bens materiais, esquecendo-se de desempenhar um papel importante e determinante do ponto de vista social, humanista e solidário, diante das dificuldades enfrentadas pela maioria de seus fiéis mais pobres.

Os países da sociedade Europeia estavam sendo cada vez mais influenciados pelo liberalismo. O papa Pio IX e a Cúria Romana, constatando que por de traz da ideia de um estado leigo se estabelecia um mundo sem Deus (ateu) tomou a decisão de dar uma resposta firme através do Documento intitulado Syllabus,¹⁰ foi publicado em 1864.

⁸ Richar Wagner nasceu em Leipzig em 22 de maio de 1813 na Alemanha e foi mestre, compositor e diretor de teatro. Morreu em Veneza no dia 13 de fevereiro de 1883.

⁹ Pio IX, cujo nome de batismo era Giovanni Maria Mastai Ferreti nasceu em 13 de maio de 1792 em Senigallia – Itália estudou em Roma. Queria ser militar, mas não conseguiu por ser epilético. Foi ordenado em 1819 e trabalhou no Chile. Em 1825 foi nomeado arcebispo de Espoleto. Em 1840 já era cardeal e em 1846 foi eleito Papa e assumiu o nome de Pio IX para homenagear seu antigo benfeitor Pio VIII. Durante seu pontificado criticou duramente o falso liberalismo, condenou o panteísmo, o naturalismo, o socialismo, o comunismo bem como a maçonaria, o judaísmo e outras organizações tidas como contrárias à doutrina católica. O Papa Pio IX insistia que a única teologia e filosofia que deveria ser seguida era a de São Tomás de Aquino. A Biografia do Papa Pio IX em: www.vatican.va/news. O Papa Pio IX desempenhou uma função muito importante na história da Congregação das Irmãs Escolares autorizando e reconhecendo eclesiasticamente a forma de vida simples que elas se propunham viver de maneira definitiva em 26 de Agosto de 1865 (OESHTEL, 2012, p.25).

¹⁰ Syllabus: Lista de erros que o papa condenou. (Dicionário Aurélio, 1999, p. 1854) Erros: 1 – o primeiro grupo de erros (1-18): Diz respeito ao panteísmo, ao naturalismo, ao racionalismo absoluto e

Não foi por acaso que a literatura romântica do século XIX, exaltava as grandes paixões e destacava a pessoa do indivíduo. Essa trazia a tona novamente o saudosismo da Idade Média. Renomados escritores da literatura russa e inglesa como Dostoiévski e Dickens que percebendo os problemas sociais de sua época escreveram romances sobre a miséria humana apontando alternativas mais humanas para os indivíduos.

Da mesma forma que a "Revolução Industrial" trouxe "progresso" provocando crescimento das cidades, esta também foi a responsável pelas enormes "fraturas" sociais que a migração dos campos provocou nas cidades. Surgiram as enormes fábricas que absorveram a mão de obra de toda a região ocasionando a falência de pequenas empresas. A consequência disso tudo foi o surgimento de um pequeno grupo de milionários de um lado e do outro, uma enorme massa de proletários sem seus direitos fundamentais garantidos. Não se pode negar que grandes invenções diminuíram a fome e a mortalidade infantil, todavia, para a grande maioria da população empobrecida e explorada, a justiça era algo inatingível.

De acordo com Huffner:

A Igreja nem sempre encontrou a força de anunciar a Boa Nova. Embora Adolf Kolping (1813-1865) recomendasse a seus religiosos que o "sacerdote deve inclinar-se até a terra para levantar aqueles que estendem a mão, pedindo auxílio"; embora o bispo "social" Wilhelm Emanuel von Ketteler (1811-1877) lembrasse aos estados sua obrigação de solucionar a questão social, contudo, em sentido amplo, havia na Igreja uma funesta indiferença frente aos problemas dos trabalhadores. O manifesto comunista conclamava, em tons apaixonados, para a revolução. "Busco cidadãos para o reino da liberdade", foi o lema da primeira revista feminina com temas sociológico-pedagógicos dirigida por Louise Otto-Petters (1819-1895). Ela conclamou a mulher a se tornar independente, a desenvolver-se sua personalidade, a interessar-se pelos direitos civis e pela situação dos pobres. Mostrou a miséria das operárias, a falta de educação das meninas e a dependência indigna das mulheres casadas. Ao mesmo tempo, que Louise Otto-Petters dava motivo para falar de si como publicitária socialista. Teresa Gerhardinger, urgida por

mitigado, ao indiferentismo, a incompatibilidade entre razão e fé; 2 – o segundo grupo (56-74): Reúne os erros sobre a ética natural e sobrenatural, especialmente em relação ao matrimônio; 3 – a terceira série (19-55 e 75-76): diz respeito aos erros sobre a natureza da Igreja e do Estado e sobre as relações entre os dois poderes; 4 – Teses 77-80: As mais graves, ao menos pelas relações suscitadas na opinião pública, é a última classe, de apenas 4 proposições. A Religião Católica deve ser também em nossos dias considerada religião do estado, com exclusão dos outros cultos; condena-se a liberdade de culto e a plena liberdade de pensamento e imprensa. Em síntese, rejeitam-se algumas das teses fundamentais da sociedade moderna, os "princípios imortais" de 1789. A última proposição afirma categoricamente ser falsa a afirmativa segundo a qual "o Romano Pontífice pode e deve se reconciliar com o progresso, com o liberalismo e com a civilização moderna. (<http://crernalavra.blogspot.com.br/2016/02/o-documento-syllabus-1864-do-papa-pio-ix.html>). Postado por [Luís Rodrigues](#) às 16:55 . Consultado em 20.01.2017.

responsabilidade cristã, construía sua obra de ensino e educação da mulher (1979, p. 18).

A Igreja Católica naquele contexto se comportou de forma indiferente frente aos problemas sociais. Ela não usou dos mecanismos que disponibilizava na época para denunciar as injustiças e promover a dignidade das pessoas. Era muito raro uma autoridade eclesiástica se manifestar para debater e questionar os problemas sociais, até porque, a Igreja era proprietária de grandes áreas de terras.

O sacerdote alemão Adolf Kolping (1813-1865) desempenhou em sua época um trabalho brilhante de caráter humanitário e diria até profético. Este padre dialogava de uma forma franca com os padres a respeito da postura que cada um deveria adotar diante de uma realidade tão opressora em que os mais pobres se encontravam. Kolping dizia aos padres que deveriam ser a voz dos sem voz e sem vez, denunciando as injustiças sociais. Naquele período, não foram muitos os padres e bispos que tiveram determinação em demonstrar que o Estado, bem como a Igreja devia cumprir a sua função social humanista oferecendo uma resposta equilibrada para resolver os problemas dos trabalhadores oprimidos e explorados pela revolução do século XIX que enriqueceu uma minoria e empobreceu e explorou a grande maioria, sem nenhum escrúpulo. Quais as vantagens para os proletários viver dentro de um sistema que tem como ponto de partida as ideias contraditórias do capitalismo?

Somente com o Papa Leão XIII (1878 - 1903) foi que a Igreja de Roma resolveu tomar uma decisão publicando a primeira encíclica com um conteúdo tipicamente social. A encíclica *Rerum Novarum*¹¹ surgiu como uma resposta aos problemas sociais de seu tempo. Nesta Encíclica ficou clara a posição da Igreja diante dos desafios sociais no continente europeu.

O governo com ideias do iluminismo francês que administrava a Baviera naquele momento entendia que a educação cristã da forma como era aplicada, impedia a população de ter acesso ao conhecimento como deveria ser por estar carregada de ideias católicas supersticiosas que alienavam as pessoas do verdadeiro conhecimento. Esta metodologia deveria mudar o quanto antes. A primeira medida tomada de forma radical, consistiu em praticar uma política de fechamento dos conventos católicos que normalmente funcionavam como escolas.

Todavia, entre 1919-1933 a Alemanha constituiu-se como a República de Weimar como resultado da derrota esmagadora da Alemanha na primeira Guerra

¹¹ Esta Carta Encíclica foi escrita pelo Papa Leão XIII e divulgada em 15 de maio de 1891.

Mundial cujo grande inimigo foi os Estados Unidos. A República de Weimar foi à primeira democracia parlamentar da história alemã. Naquele período, existia por lei, a liberdade religiosa. “Ateia, deísta, panteísta qualquer associação podia ser reconhecida pela administração com a condição de não ferir o direito público. O Estado garantia a sua autonomia defendia contra qualquer ofensa seus princípios, às suas cerimônias ou dependências” (RICHARD, 1988, p. 148).

Na República de Weimar houve um cidadão chamado Gustav Wyneken, que tinha a pretensão de desenvolver uma educação mais voltada para a juventude. Era filósofo e estudou Schopenhauer e Hegel. Para ele “o papel da educação era encaminhar a humanidade para um progresso espiritual, formar cavaleiros do espírito livre de qualquer constrangimento político ou religioso” (RICHARD, 1988, p. 167).

Wyneken fomentava entre as crianças e a juventude de sua época “comunidades escolares livres, no interior das quais as crianças descobririam por si mesmas o sentido da responsabilidade e o gosto por ela. Nessa perspectiva, fundara em 1906, na Turíngia, a Escola Wickerdorf” (RICHARD, 1988, p.167). Constatamos que nesta escola, as crianças e os jovens escolhiam uma pessoa como orientadora que não impunha um saber pronto, mas se propunha conduzi-los conforme a sua personalidade. Wyneken foi muito perseguido por suas ideias libertárias.

Essa metodologia de aprendizado a partir da liberdade de escolher o que aprender sem forçar o aluno, mas deixá-lo livre para escolher o estudo da disciplina que lhe agradasse, tornou-se uma importante revolução pedagógica na República de Weimar. Ou seja, “cada um se organizava de acordo com seu interesse e capacidade. [...] E nos dias bonitos, essas reuniões amigáveis se desenrolavam ao ar livre, na orla de uma floresta ou nos prados” (RICHARD, 1988, p. 168). Diante da repercussão mediante os resultados alcançados, inúmeras escolas a partir deste modelo autônomo começaram a funcionar na Prússia e eram mistas, sem se submeter a nenhum diretor. Os professores possuíam total liberdade para atuar com autonomia. Quanto aos pais e visitantes, “podiam a qualquer momento entrar nas salas de aula e assistir aos cursos. [...] O cinema e o rádio eram utilizados regularmente” (RICHARD, 1988, p. 168).

Segundo Wernet (2002):

Com a subida de Adolf Hitler ao poder, em janeiro de 1933, começou, para a Alemanha, um processo sistemático de dismantelamento do regime liberal democrático da República de Weimar e, paralelamente, o estabelecimento de um regime totalitário e ditatorial: o Terceiro Reich - 1933 a 1945. No ano de 1934, Adolf Hitler acumulou ao cargo

de Chanceler o de Presidente da Alemanha. Este cargo ficou vago, após o falecimento de Paul Von Hindenburg, último Presidente eleito da República de Weimar. Foram dissolvidos o Parlamento e os Partidos Políticos. Restou apenas o partido de Fuhrer - NSDAP (*Nationalsozialistische Partei Deutschlands*). Estabeleceu-se um controle estatal e absoluto de instituições como imprensa, rádio, cinema e teatro. O terceiro Reich, obviamente, procurou também o controle das Igrejas e das instituições escolares, como Escolas Primárias, Técnicas, Ginásios, Seminários e Colégios particulares, Universidades e Institutos de formação de professores. O controle das instituições eclesiásticas foi retardado pela concordata de 20/07/1933, entre a Santa Sé e o Terceiro Reich. Mas a partir de 1935, não havia dúvida de que o culto ao Fuhrer e a ideologia do Nacionalismo e do racismo deveriam substituir a tradicional cosmovisão cristã (2002, p. 47).

Diante deste cenário desastroso para a Igreja e para os Institutos de Religiosos e Religiosas na Alemanha, os anos seguintes foram cada vez mais difíceis. As religiosas estavam em situação delicada e ou se submetiam às normas do novo regime, ou então seriam consideradas como inimigas do governo totalitário.

A situação tornou-se insustentável diante do poder de Adolf Hitler e todo seu autoritarismo. As Irmãs como já comentamos foram prejudicadas em todos os sentidos, tanto materialmente com a expropriação de suas escolas e conventos, como também intelectualmente não podendo exercer a profissão dentro de suas convicções religiosas. Elas estavam pressionadas por uma política de exclusão total e anticlerical do governo alemão. As pessoas que não se sujeitassem a seus comandos eram simplesmente descartadas. Diante deste quadro de mudanças e exclusão, muitas Irmãs se capacitaram para a área de enfermagem uma vez que elas também precisavam sobreviver ganhando o pão de cada dia.

Antes da segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o regime de Hitler tinha-lhes tirado muitas escolas proibindo-lhes o ensino, as irmãs fugiram do regime nazista para o Brasil. Elas vieram de duas diferentes províncias da Alemanha, de forma que, quando chegaram ao Brasil, o primeiro grupo se instalou em Forquilha - SC, pertencendo atualmente à Província de Porto Alegre, vindas da região da Silésia. O segundo grupo, partiu da Baviera, desembarcou no Porto de Santos em 1937 e se instalou na cidade de Matão-SP nas proximidades de Araraquara. A trajetória deste grupo, de São Paulo para este estudo é mais relevante, pois foi de lá que as irmãs vieram para Francisco Beltrão.

1.2. A Trajetória da Madre Maria Teresa e a Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora

Carolina Gerhardinger, (1797-1879) este era seu nome de batismo. Filha de Willibald Gerhardinger e Maria Francisca Kuber, nasceu em 20 de junho de 1797 em Stadtamhof, faleceu em 9 de maio de 1879 em München aos 82 anos.

Carolina Gerhardinger cresceu dentro de um contexto de tensão provocado pela guerra napoleônica. Não demorou muito tempo, para ela descobrir o seu grande potencial como educadora. Para Arns “As crianças gostavam de vir às aulas do Padre Mauerer e suas jovens professoras auxiliares. No inverno até traziam lenha para a escola afim de que, por causa do frio as aulas não fossem suspensas” (2012, p. 33).

Carolina Gerhardinger convivendo e presenciando as dificuldades e conflitos daquele momento histórico, idealizou um modelo diferente daquele que já havia na sua época. Sob a orientação do bispo Wittmann, do padre Francisco Sebastião Job e padre Siebert. Conforme indicou Arns era:

“fundar pequenas comunidades rurais inseridas, com 2 ou 3 irmãs, vivendo da confiança da Providência Divina [...] devemos viver de acordo com o povo pobre daquele lugar que nos receber, viver de esmolas e contribuições oferecidas [...] para a educação e o ensino do povo pobre” (2012, p.66-67).

Conforme Dix “em 1812 as jovens Carolina Gerhardinger, Anna Praun e Anna Hotz fizeram o exame e foram aprovadas e então receberam seu certificado para a Volksschule (escola elementar)” (1993, p. 27). No ano seguinte iniciaram o ano escolar como professoras reconhecidas pelo estado. Em 1815 Carolina decide iniciar um trabalho educacional diferenciado do que havia e, segundo Oesthel, ela “conversa com o cônego Wittmann a respeito de seu propósito da possível fundação de uma ordem, como poderá ser constatado em anotações posteriores” (2012, p. 11).

Conforme Nelson:

Em 1818 Wittmann estava começando seus planos para a restauração do convento de Notre Dame, em Stadtamhof. L. Ziegler explica que Wittmann percebia que para levar novamente as pessoas a um amor, à simplicidade e ao zelo pela vida de oração e trabalho, era necessário começar a formar as meninas. Para isto, eram necessárias professoras provenientes do povo simples, que partilhassem sua vida simples [...] pudessem ser enviadas pelo mundo. [...] Wittmann já percebia que o novo instituto diferia do modelo de mosteiros grandes e formais [...]. Um instituto que enviasse seus membros dois a dois e três a três, pelo país. O essencial para este seu esquema era a mobilidade, formação comum, uma casa mãe para a formação e educação das postulantes e

noviças e para o cuidado dos doentes e irmãs idosas, bem como uma Superiora Geral para a administração Geral (1979, p. 22).

A educação católica da Baviera foi substituída pelo modelo estatal. Padre Wittmann começava, ainda que mentalmente, uma mobilização contra-hegemônica, com planos de reformar o prédio do Convento de Notre Dame em Stadtamhof para uma retomada da escola. Mas, o novo modelo de religiosas idealizado por ele para este trabalho, não poderiam ser da forma de como faziam antigamente os grandes conventos das Congregações e Ordens Tradicionais da Igreja Católica. Este trabalho com a educação básica que pretendia retomar nos moldes do catolicismo, necessariamente, precisaria ser a partir da formação das meninas de procedência das classes mais pobres da sociedade Bávara. O novo instituto deveria oferecer mobilidade e formação comum para as candidatas com uma administração central oferecendo assim, mais praticidade e simplicidade.

Para Cruz:

Estavam ocupando as grandes salas do Colégio das Irmãs de Nossa Senhora. Mas de repente numa frieza glacial, o governo transformou o ex-claustro em quartel para soldados. As três professorinhas tiveram que alojar-se numa sala apertada, junto ao hospital da cidade. E esta salinha era ocupada por uma senhora idosa que, além disso, guardava consigo um cabritinho travesso (1992, p. 12-13).

Pelo relato evidencia-se a posição clara dos militares com uma invasão sem aviso prévio. Uma atitude indelicada e desrespeitosa, independente com quem quer que fosse. Portanto, de escola, o convento foi modificado para quartel de soldados. A situação ficou cada vez mais difícil para as professoras continuarem com as aulas. Muito além do clima tenso, tudo começava ficar improvisado e apertado, faltava o material escolar, o ambiente já era extremamente inadequado e pairava uma insegurança total.

A imagem a seguir, ilustra a cena descrita por Afonso de Santa Cruz. A adaptação educacional foi necessária, pois a jovem professora encontrou dificuldades no magistério de ensinar naquele contexto de mudanças.

Imagem 1 Um cabrito com seus berros atrapalham as aulas de Carolina.



Fonte: Arns, 2012, p. 34.

Carolina ainda sentia um grande interesse pela vida religiosa e iniciou uma experiência com duas amigas em 1820. Uma delas resolveu abandonar o projeto e foi morar com seu irmão. No entanto, a convicção de Carolina aumentava ainda mais em uma experiência original. Conforme Oesthel “depois do ano 1825, o novo rei da Baviera, Ludwig I, voltou a permitir ordens religiosas” (2012, p. 11).

A certeza se concretizou a partir das orientações do padre Wittmann em que deveria de fato, fundar uma Congregação de Religiosas que desenvolvesse um trabalho na área de educação com meninas e moças. Segundo Oesthel, "neste meio tempo, Carolina tornou-se uma professora entusiasmada não restando nenhum resquício daquela oposição contra a tarefa monótona e enfadonha de ser professora" (2012, p. 10).

A partir das orientações do seu diretor e pedagogo Padre Wittmann e do Padre Mauerer, Carolina foi criando gosto pela arte de ensinar. Nesta perspectiva, surgiu a ideia da fundação da Congregação. Mas qual seria o foco principal? O trabalho direcionado para a educação feminina e, preferencialmente para as crianças mais pobres. Mais tarde, este projeto educacional ultrapassaria as fronteiras da Europa.

No dia 24 de Outubro de 1833 conforme Dix “a jovem Carolina com suas três companheiras começaram oficialmente a Congregação das pobres Irmãs Escolares de Notre Dame (Nossa Senhora)” (1993, p. 13). Na imagem a seguir podemos visualizar

Madre Maria Teresa Gerhardinger¹², rodeada de crianças. A Madre foi a fundadora da Congregação e depois, a articuladora dos projetos educacionais.

Imagem 2 Madre Maria Teresa Gerhardinger



Fonte: Osthel, 2012, p. 2.

Naquela época, as congregações eram ricas e as religiosas se dedicavam especialmente, na sua maioria, às classes média e alta da sociedade. Segundo Arns, o projeto das Irmãs Escolares tinha suas características específicas, pois “era voltado de forma exclusiva às classes mais desfavorecidas” (2012, p. 66).

Segundo Arns:

[...] em 1836, as irmãs assumiram uma escola em Schwarzhofen, tanto que entre 1833 e 1843, já tinham sido fundadas 12 casas filiais e outras 40 localidades demonstravam interesse no projeto educacional católico das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Com o passar dos anos, o convento de Neunburg já não tinha mais capacidade para o acolhimento de novas candidatas que procuravam aquela proposta do carisma educacional. Na verdade, inclusive o número de religiosas já naquele breve espaço de tempo, eram 59 (2012, p. 71-73).

¹² Carolina Gerhardinger torna-se Madre Maria Teresa Gerhardinger da Congregação, a partir do momento em que ela e suas companheiras iniciaram oficialmente a experiência como religiosas. A palavra Madre, na vida religiosa significa: Mãe, a que responde pelo grupo, articula, orienta, direciona as atividades e todos os acontecimentos em torno da congregação.

Constata-se um rápido e considerável aumento em um curto espaço de dez anos na quantidade de filiais da Congregação. O trabalho das religiosas despertava a atenção dos moradores de tal forma que outros lugares também solicitavam a presença das irmãs. Isso ficou evidente pelo aumento do número de candidatas à vida religiosa, tanto que o convento de Neunburg não tinha mais condições estruturais para receber as jovens vocacionadas.

Para melhor acomodar as irmãs e dar seguimento no projeto educacional que estava em expansão, Madre Maria Teresa, precisou procurar outro lugar para a sede da Casa Central da Congregação. Segundo Dix “em 1841, Madre Maria Teresa com suas seguidoras, foram comunicadas que o Rei Ludovico I fez a doação do antigo Convento das Irmãs Clarissas de München para as Irmãs Escolares”. Após os reparos necessários e convenientes, em "30 de Setembro de 1843, 50 irmãs professoras, estavam reunidas com as noviças e se transferiram de Neunburg para München" (1993, p. 77).

As religiosas professoras receberam várias críticas no início do próprio Governo Real por aplicarem uma superformação para as crianças do interior. Para Arns, Madre Teresa percebia que as crianças tinham muito no que melhorar e respondeu:

"como podem crianças ser superformadas, sendo incrivelmente desleixadas quanto à formação de casa e a educação intelectual? [...] As crianças com pouco sentido para o belo e nobre. No verão, elas vêm raras vezes e cada ano precisa recomeçar com as matérias tudo outra vez" (2012, p. 84).

Mesmo com as críticas, o projeto educacional católico das Irmãs Escolares não desperdiçava as oportunidades e a educação era voltada aos pobres. Segundo Arns, “em 1842, as irmãs assumiram a escola elementar dos pobres na periferia de Munchen e ainda no mesmo ano, o Instituto dos Surdos e Mudos na cidade de Amberg” (2012, p. 85).

Segundo Huffner:

A era industrial havia começado. Numa única geração, a vida diária sofreu as maiores mudanças do que durante os séculos precedentes. Carolina Gerhardinger assistiu as invenções importantes, tais como a instalação do primeiro trem de ferro, a aparição dos barcos a vapor, o desenvolvimento do telefone. Todas as conquistas ela pode usar para a expansão de sua obra, A nova era trouxe também muita miséria e opressão. A "Revolução Industrial "do século XIX, provocou o crescimento das cidades, originou a emigração dos campos; poucas fábricas grandes absorveram as forças ativas de toda a região e condenaram as empresas pequenas à falência. No final surgiu a sociedade classista, com um pequeno número de milionários de um

lado, e uma esmagadora massa de proletários sem direito, de outro; grandes invenções diminuíram a fome e a mortalidade infantil, porém para a maioria, a justiça estava fora do alcance (1979, p.18).

Com o apogeu da Revolução Industrial, Madre Teresa Gerhardinger conviveu com transformações aceleradas nos meios de produção e nas relações sociais. Como enfatizou Huffner, Madre Teresa conheceu e soube tirar proveito de importantes descobertas fruto de sua época como a invenção do trem de ferro, o surgimento dos barcos a vapor, bem como o surgimento do telefone. Estas importantes descobertas, Madre Teresa usou como mediação para a ampliação e benefício da Congregação. Não obstante as importantes descobertas que facilitaram a vida das pessoas, a que se considerar, as contradições que a Revolução Industrial trouxe em sua "bagagem". Foram inúmeros mecanismos que geraram muita miséria humana e opressão aos mais pobres e desfavorecidos.

Apesar desses novos desafios que a Revolução Industrial causou como a pobreza e a exploração, o aumento no número de candidatas na congregação das Irmãs Escolares seguiu aumentando. Dentro de pouco tempo, o Convento de München tinha um grande número de candidatas para a vida religiosa e o carisma educacional feminino. Diante disso, Madre Maria Teresa com o apoio do educador e pedagogo Padre Sieger, fizeram da Nova Casa Mãe um Centro de Educação modelo de formação para que fossem preparadas Irmãs educadoras para atuar no Magistério. Um dado interessante: “a Congregação das Irmãs Escolares, foi o primeiro instituto na Alemanha a oferecer formação no magistério para as mulheres” (ARNS, 2012, p. 88). Segundo a autora “somente depois de 30 anos em 1872, o Estado Alemão começou a fundar Escolas de magistério para mulheres” (2012, p. 88).

Este projeto educacional foi se expandindo. As famílias das comunidades e as autoridades percebiam mudanças positivas que aos poucos avançavam. Arns confirma que “em Munique havia muitas crianças que não tinham para onde ir e ficavam vagando pelas ruas da cidade” (2012, p. 89). Segundo ela, os pedidos dos "Kinderhorte"¹³ só aumentavam, assim, logo, “Madre Teresa entendeu que era necessário um curso que preparasse professoras para esta modalidade escolar” (2012, p. 88 - 89). Deste modo, as religiosas foram assumindo e estruturando casas para inúmeras crianças em situação de risco.

¹³ Kinderhorte: Eram as casas para acolher crianças que viviam abandonadas sem famílias. Lá recebiam todos os cuidados básicos bem como alimentação e educação.

Madre Maria Teresa Gerhardinger estava inserida em um contexto de muita miséria e pobreza, no sentido mais amplo da palavra, como consequência direta da "Revolução Industrial" do século XIX. Justamente neste contexto, o Manifesto Comunista de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) foi articulado como uma resposta às forças capitalistas que massacravam, exploravam os trabalhadores com salários miseráveis empobrecendo a população humilde da Alemanha. Este importantíssimo tratado político se apresentou como uma "Nova Revolução", não mais a nível industrial e sim uma "Nova Revolução Social", onde as classes trabalhadoras seriam vistas com mais humanidade e mais igualdade social para todos. O que fizeram Marx e Engels, no nosso entendimento, foi o que poderia ter sido feito pela Igreja Católica com o seu enorme "exército de cabeças pensantes". Ora, a Igreja sempre se destacou no decorrer dos séculos com importantes filósofos, teólogos. Neste sentido, a Igreja sem tolher o aspecto religioso amadurecido ultrapassando as barreiras das meras práticas devocionais poderia ter feito muito mais. Uma pergunta que podemos nos fazer: por que a Igreja se comportava de forma indiferente diante da realidade gritante em que a maioria da população era empobrecida? A Igreja, para dar uma resposta eficaz, necessariamente precisaria ser coerente com a sua teoria e se desfazer de suas enormes riquezas, que não eram poucas, principalmente no que referia às grandes áreas de terras.

Foi neste contexto de descobertas e acontecimentos em que viveu Madre Maria Teresa, que se destacou a figura de Louise Otto-Petter¹⁴. Louise foi dirigente da primeira revista feminina com temas sociológicos e pedagógicos. Louise convocou as mulheres de sua época a serem independentes. Para Louise, as mulheres deveriam desenvolver sua personalidade e ao mesmo tempo, lutar pelos seus direitos civis.

Na revista em que ela foi diretora, conseguiu demonstrar a miséria em que viviam as operárias, a falta de educação das meninas e a dependência indigna das mulheres casadas. Diante desses acontecimentos e da acalorada luta pelos direitos femininos promovidos por esta publicitária socialista, tanto ela que defendia os direitos humanos das mulheres, quanto Madre Maria Teresa perceberam a necessidade de desenvolver projetos de educação integral para as mulheres que viviam na região da Baviera.

¹⁴ Louise Otto Petter nasceu em Meißen em 1819 na Alemanha. Faleceu em Leipzig em 1895 também na Alemanha. Louise mostrou a miséria das operárias na sua época, a falta de educação das meninas e a dependência indigna das mulheres casadas na sociedade machista do século XIX. Huffner, (1989, s/p).

Estes projetos deveriam corresponder às necessidades primeiramente femininas, não apenas no âmbito espiritual, mas também humanista e profissional. Uma vez que naquele contexto europeu, as mulheres não tinham oportunidades de obterem uma educação e uma formação de qualidade a não ser àquelas que tinham condições financeiras, que era uma minoria da classe burguesa.

O projeto de Madre Maria Teresa foi relevante naquele momento histórico e contribuiu na promoção de muitas mulheres esquecidas pelos programas educacionais de sua época. A Igreja do século XIX era machista na sua essência. As meninas eram excluídas dos programas educacionais e tinham poucos espaços também nas estruturas religiosas.

A Congregação das Religiosas Escolares em 1847 foi solicitada para atender inúmeros imigrantes alemães nos Estados Unidos. Conforme Nelson:

Diversos Bispos e missionários da América vieram aqui e pediram com urgência pobres Irmãs Escolares para a educação cristã, especialmente das meninas, que para a tristeza deles estão completamente desprovidas deste benefício. Eles consideram a missão das Irmãs Escolares tão necessárias como a de sacerdotes se é que o cristianismo católico requer raízes mais profundas nas famílias, e que se florir aí, torna-se produtivo permanentemente (1979, p.72).

Na medida em que os imigrantes alemães se deslocavam em direção às Américas, eles eram acompanhados por sacerdotes missionários alemães. Desta forma, eles teriam uma assistência espiritual na qual eles acreditavam e estavam inseridos. Os missionários alemães, entendendo que não era suficiente apenas a administração dos sacramentos aos imigrantes, retornaram à Alemanha e conversaram com o Rei para pedir reforço nos trabalhos apostólicos e projetos educacionais.

Em 1848, o Rei Ludovico I renunciou ao Trono Real, assumindo seu filho Maximiliano II. O trabalho das irmãs prosseguiu e o novo Rei também via com bons olhos o projeto educacional das religiosas. Em 1852 publicou uma bula incentivando a expansão do Instituto das Irmãs Escolares.

Segundo Oesthel iniciava-se um novo momento importante para a Congregação das irmãs. A Madre Teresa deveria concluir definitivamente a redação da Regra para enviá-la a Roma”. Para Oesthel, depois de avaliados, “em 1859 a Congregação obteve o reconhecimento da regra por seis anos. A aceitação definitiva da regra, das Irmãs Escolares, por Roma se deu no dia 26 de agosto de 1865” (2012, p. 25).

Na Europa, a Congregação tinha ultrapassado as barreiras estaduais da Baviera, segundo Oesthel com novas filiais “na Westfália, Silésia, Hungria, Boemia e nos bispados de Rottenburg e Freiburg e em 1864, as irmãs iniciaram um trabalho na Inglaterra” (2012, p.22 - 23).

Os anos foram passando e as forças físicas de Madre Teresa naturalmente foram se esgotando. Foi adoecendo e se tornando cada vez mais fraca e vulnerável às enfermidades. Seguindo o ciclo natural da vida, ”em 09 de maio de 1879, o Núncio Apostólico Aloisi-Mazeila lhe deu a bênção papal e não se afastou até que ela tivesse vencido a última barreira do cristão, que é a morte” (CRUZ, 1992, p. 103-104).

Depois da morte de Madre Maria Teresa¹⁵, a história demonstrou que a congregação continuou seu processo de expansão para outros países da Europa, Estados Unidos e outros continentes.

A partir do início da década de 1930, na Alemanha e mais diretamente na região da Baviera, a situação da Igreja Católica se tornou insustentável. Iniciou-se um anticlericalismo radical com inúmeras formas de perseguições e controle sobre tudo aquilo que fazia referência à Igreja Católica. Era o regime totalitário se instalando e criando situações de instabilidade na Baviera. As Congregações Religiosas tanto masculinas quanto femininas, foram atingidas de forma "letal". Não foi diferente com as Religiosas da Congregação das Irmãs Escolares. Conforme Wernet:

Em 1935, iniciou-se nos moldes desta filosofia, a reforma educacional que, entre outras medidas, tirou das instituições religiosas o direito da formação de Professores, criando as Academias Pedagógicas, ideologicamente alinhadas ao Regime. Semelhantemente a outras Congregações Religiosas, também as Irmãs Escolares de Nossa Senhora, perderam os seus Institutos de Formação de Professores (*Lehrerausbildungsanstalten*” (2002, p. 47).

A nova política de Hitler proibiu todas as ordens e institutos religiosos de ensinar. As Irmãs Escolares por trabalharem com a educação, também foram excluídas do processo de formação de professores e foram confiscados seus Institutos. Para nós ficou claro mais uma vez, que quando o regime totalitário articulado por Hitler tomou o poder e proibiu a forma católica de ensinar, este era um forte indício de que a situação ficaria cada vez mais complexa para as religiosas se dedicarem ao ensino. Segundo Wernet:

¹⁵ A Igreja Católica a partir de um grupo de peritos que dispunha, depois de ter analisado a história de vida de Madre Maria Teresa, concedeu a ela a honra dos altares. Em 1985 foi beatificada na Basílica São Pedro no Vaticano, pelo Papa João Paulo II.

No ano de 1936, dentro desta filosofia de descristianização da Alemanha, iniciou-se o processo de reciclagem dos professores existentes e a reconstrução da formação dos professores primários e secundários. Foi diminuído também o número de aulas de Religião, modificou-se o conteúdo dos catecismos, proibiu-se a oração no início das aulas e foram retirados os crucifixos das salas. Os que se opuseram a tais medidas e não acompanharam a reciclagem, como por exemplo, as Irmãs Escolares foram consideradas inimigas do Führer e do Povo Alemão, sem contar com os prejuízos materiais. Muitas Irmãs professoras que eram funcionárias públicas, por permanecerem fiéis a religião, aos ideais cristãos e católicos e da vida consagrada, perderam suas moradas gratuitas nos prédios escolares ou, pior ainda, o seu emprego. Cerca de mil Irmãs ficaram desempregadas e a Congregação sofreu grandes prejuízos materiais (2002, p. 48).

A intenção de Hitler ao reformar o ensino primário e secundário fazia parte do processo de descristianizar a Alemanha. Hitler entendia que o cristianismo era um mal desnecessário ao povo alemão, e assim, desmontou a articulação dos católicos e protestantes. Para ele, quanto mais à educação estivesse distante do cristianismo, tanto melhor para manipular o povo e se impor como líder do estado alemão. Como estratégia, iniciou um processo de formação de professores com um modelo diferente do que vinha sendo aplicado e praticado a um bom tempo. Sabemos da importância dessa mudança, no entanto o processo foi desrespeitoso. Este novo programa de formação estava articulado em 4 pontos fundamentais. Primeiro, diminuíram o número de aulas de religião no currículo escolar. Segundo, os conteúdos catequéticos sofreram alterações. Terceiro, foram proibidas as orações no início das aulas. Quarto: proibiram os crucifixos nas salas de aula.

Os religiosos que não aceitaram as chamadas reformas não eram bem-vistos pelo novo sistema de educação articulado pelo novo governo da Alemanha. Estas mudanças trouxeram três consequências sérias para as Irmãs Escolares uma vez que, várias delas eram funcionárias públicas e não aceitaram as reformas impostas: tiveram que desocupar os conventos em que moravam; foram dispensadas do emprego que tinham e em torno de mil religiosas das Irmãs Escolares ficaram desempregadas entre as religiosas escolares; e o governo alemão confiscou os bens materiais como casas e escolas das Congregações.

Conforme Wernet:

Nestas circunstâncias, portanto, a Superiora Geral, através da Vigária, Irmã Adolfine Meissner, que veio ao Brasil com o primeiro grupo de IENS, em 1935, fixando-se em Forquilha - SC (atual Província de Porto Alegre), ficou sabendo que um certo Sr. Francisco Malzoni, de Matão interior do Estado de São Paulo, estava à procura de religiosas

alemãs Ele queria cinco Irmãs para o hospital de Matão e três Irmãs para uma escola. Mais tarde, mostrou interesse em obter mais duas: uma para a Escola e outra para o Jardim de Infância. Madre Maria Almeida Schriker não hesitou e logo indicou 8 Irmãs para esta missão, no interior paulista (2002, p. 50).

Irmã Adolfine da província da Silésia, outra região da Alemanha, que chegou ao Brasil em 1935 em Santa Catarina, foi informada sobre a necessidade de mais irmãs. Quem informou não se sabe, apenas sabemos que ela foi informada. Através desta mediação, a religiosa abriu portas para as religiosas da província da Baviera que também se encontravam sem emprego por lá. Diante desta situação de instabilidade e pressão de Hitler sobre o clero e todas as comunidades religiosas de modo geral, surgiu à alternativa de as religiosas virem para o Brasil. Para as religiosas Escolares, o convite para virem a São Paulo chegou numa boa hora, pois beneficiaria a Congregação economicamente e elas poderiam continuar professando a fé em Cristo, sem perseguições, bem como contribuir com projetos educacionais importantes para o ensino básico da educação brasileira.

As portas se abriram para a América do Sul e devido às grandes necessidades em cidades brasileiras como no Estado de São Paulo, as religiosas vieram para a prestação de serviço na cidade de Matão. Sr. Malzoni proprietário ou administrador do hospital de Matão demonstrou grande interesse com a presença de Irmãs Religiosas para atuar em hospitais e escolas. Com esta possibilidade, Madre Maria Almeida Schriker em seguida enviou as oito pioneiras para esta missão no interior de São Paulo.

Assim, conforme registrado na Crônica:

No dia 5 de Janeiro de 1937, reuniram-se todas na filial de, MUNCHEN, onde foram acolhidas pela comunidade com cordialidade até o dia de sua partida no dia 4 de abril no domingo. Um teólogo da Congregação dos Redentoristas, brasileiro nato deu com muito zelo, amor e alegria as primeiras aulas de Português, língua oficial do Brasil. [...] A 4 de abril partimos de MUNCHEN, pela manhã. O diretor espiritual Rudolf Gerg despediu-se de nós no trem. À noite, às 8 horas, chegamos em Hamburgo, onde Ir. Sanktina esperou por nós no pensionato de S. Rafael (WERNET, 2002, p).¹⁶

Definida a viagem para o Brasil, as irmãs iniciaram os preparativos. O primeiro passo foi se instalarem na comunidade de Munchen para aprender língua portuguesa.

¹⁶ As crônicas são anotações feitas em um livro por uma integrante da comunidade religiosa. As crônicas eram redigidas a mão tornando um manuscrito com anotações relevantes na vida da comunidade religiosa. Esta crônica foi encontrada nos anexos do livro IENS rompendo fronteiras de autoria de Augustin Wernet, 2002.

Foram três meses recebendo aulas de um seminarista redentorista que estudava no Seminário Maior da Congregação em Munchen. Nesse período aprenderam o básico da língua portuguesa para iniciarem a missão. Assim que terminaram o estudo, iniciou-se a viagem, sob a bênção do Padre Rudolf Gerg no terminal ferroviário de Munchen.

Conforme descrito na Crônica:

À noite, às 8 horas, chegamos em Hamburgo, onde Ir. Sanktina esperou por nós no pensionato de S. Rafael. No dia seguinte visitamos o Instituto Tropical. No dia 6 de abril embarcamos no navio Caparcona. A viagem durou 14 dias, tudo correu bem e no dia 20 de abril chegamos em Santos, onde Irmã Adolfinia e o Sr. Malzoni esperaram por nós. Passamos uns dias bonitos junto às Cônegas de Santo Agostinho, especialmente com madre Domitilla, em Santo Stella Maris, depois no Colégio das Cônegas em São Paulo (WERNET, 2002, Anexo 3, s/p)¹⁷.

As irmãs iniciaram uma viagem longa pelo mar adentro pelas águas do Oceano Atlântico até o porto de Santos – SP.

Na fotografia a seguir podemos visualizar as primeiras oito missionárias Escolares que vieram para os trabalhos no Estado de São Paulo, no início da missão em 1937. Eram elas: Irmã Maria Recaldis, Irmã Maria Gunthildes, Irmã Maria Boaventura Gress, Irmã Maria Irmingard, Irmã Maria Hygina, Irmã Maria Dicientia, Irmã Maria Déicola e Irmã Maria Tuskana. Dessas 8 missionárias Escolares, Irmã Recaldis e Irmã Boaventura Gress, fizeram parte da comunidade das Irmãs Escolares e foram protagonistas dos projetos educacionais em Francisco Beltrão e região.

Fotografia 1 Grupo das 08 Irmãs Escolares que vieram para o Brasil em 1937.



Fonte: Wernet, (2002, p. 52).

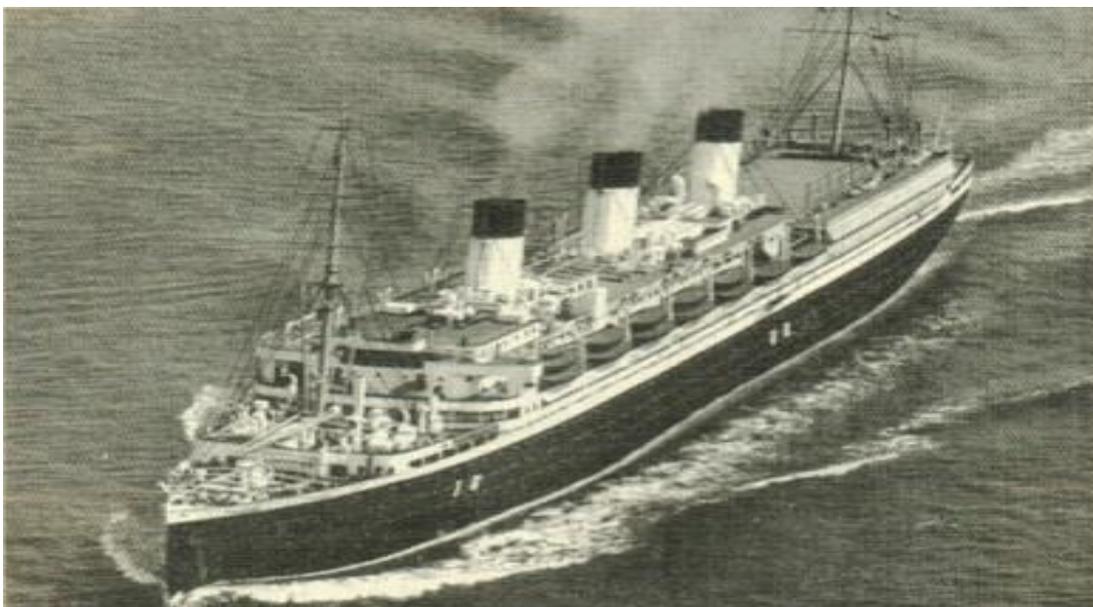
¹⁷ Confira os anexos do livro IENS, rompendo fronteiras, de Augustin Wernet, 2002.

Segundo Wernet:

[...] temos poucas notícias sobre a viagem. Irmã Maria Tuskana escreveu que o Caparcona era um navio de luxo e as Irmãs Escolares, acostumada com um estilo de vida simples, não se sentiram a vontade em meio à fina sociedade da primeira classe (2002, p. 53).

A fotografia seguinte apresenta o Navio Caparcona movido a vapor que trouxe o grupo das primeiras missionárias das Irmãs Escolares da Província da Baviera da região sul da Alemanha, para São Paulo, em 1937, para se instalar em Matão, região central do Estado, próximo a Araraquara.

Fotografia 2 O navio Caparcona que trouxe as Irmãs para o Porto de Santos - SP em 1937.



Fonte: Álbum Histórico. Arquivo do Colégio Nossa Senhora da Glória, (s/d, s/p).

Diante das perseguições que a Congregação enfrentou na Alemanha, as religiosas perderam todos os bens que tinham em comum, como escolas e conventos. O Brasil foi uma das alternativas para as religiosas recomeçarem, tanto no aspecto do crescimento no número de religiosas, como também na disseminação das propostas educacionais desenvolvidas pela Congregação.

Para trás, as Irmãs também deixaram valores importantes como seus familiares, a própria cultura e a pátria devastada pela guerra promovida por Hitler e seus aliados “dificultadas ou impedidas no exercício de suas tradicionais atividades educacionais, de certo modo passaram por uma perseguição religiosa e, por causa disso, procuravam novos campos de trabalho” (2002, p. 47). Ficou claro o que motivou a vinda das Irmãs para São Paulo foi à situação de pressão resultante de uma política de

“estrangulamento” ou “asfixia” psicológica promovida pelo governo alemão contra as ordens religiosas para não permanecerem na Baviera.

Devido a estes motivos as religiosas vieram a São Paulo para se colocarem, em primeiro lugar, a serviço da Igreja promovendo a fé, mas com o foco em projetos educacionais direcionados, inicialmente aos imigrantes alemães e, posteriormente a todos os que procuravam a instituição. O Brasil se tornou para os imigrantes, o país da esperança quando já não mais encontravam condições de viver uma vida tranquila, na Alemanha. Mas será que foram apenas estes os motivos? Ou será que não existia nos bastidores uma política de imigração, pois também a Alemanha havia enfrentado algumas guerras? Como consequência, a situação econômica não teria ficado fragilizada e, por este motivo, a imigração foi à alternativa que sobrou para diversos países de outros continentes?

Como podemos perceber pela leitura, a história da Congregação das Irmãs Escolares é composta de datas e fatos importantes, que se sucederam durante toda a trajetória desta ordem voltada à educação. Por isso, construímos um quadro cronológico com as principais datas que se inicia com o nascimento Carolina Gerhardinger, culminando com a data da beatificação de Madre Maria Teresa Gerhardinger pela Igreja Católica.

Quadro 1 Cronologia dos principais acontecimentos da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora de 1797 a 1985.

Ano	Acontecimento
1797	(20.06) - Nascimento de Carolina Gerhardinger em Regensburg – Stadtamhof
1809	Supressão da escola conventual das Cônegas de Notre-Dame em Stadtamhof
1812-1833	Carolina Gerhardinger, professora em Stadtamhof
1833	(24.10) Fundação da Congregação em Neunburg vorm Wald
1834	Aprovação do instituto pelo Rei Luís I da Baviera
1843	(16.10) Inauguração da casa mãe em Muchen (antigo claustro das Irmãs Clarissas)
1847	Partida para a América do Norte
1849-1864	Novas fundações na Boêmia, Westifália, Silésia, Áustria, Baden, Hungria e Inglaterra
1865	Aprovação definitiva da regra pelo Papa Pio IX
1870-1886	Secularização de conventos na Prússia e Baden, devido ao "Kulturkampf"
1879	Morte de Madre Teresa Gerhardinger
1890-1914	Florescimento da Congregação, ampliação do ensino
1931-1938	Fundações na Suécia, Brasil e Argentina

1933-1945	Repressão da Congregação pelo regime totalitário imposto por Hitler ¹⁸
1945	Fortes restrições à atuação na Europa Oriental
1948 – 1983	Outras fundações na Ásia, África e América Latina
1957	Transferência do Generalato de Munchen para Roma
1985	(17.11) Beatificação de Madre Maria Teresa de Jesus Gerhardinger pelo Papa João Paulo II, em Roma

Fonte: Huffner, (1989, s/p).

Como vimos, a congregação das Irmãs Escolares se expandiu por diversos países. Por isso, construímos um quadro apresentando o país com a respectiva fundação e a província que se responsabilizou pela fundação e o ano.

Quadro 2 A expansão do projeto missionário das Irmãs Escolares entre 1847 a 1970.

País	Província Casa Mãe	Ano da Fundação
Baltimore (Estados Unidos)	Baviera	
Porto Rico	Baltimore	1915
Suécia	Baviera	1930
Brasil (Santa Catarina)	Silésia	1935
Brasil (São Paulo)	Baviera	1937
Argentina	Baviera	1937
Japão (Guam), Yap	Baltimore	1948
Honduras, América Central, Bolívia e Peru	Baltimore	1948
Libéria, Nigéria, Serra Leoa, Ghana e Kenia	Baltimore	1970
Nepal	Baltimore	1970

Fonte: Huffner, (1989, s/p).

Na tabela acima podemos visualizar a expansão da Congregação das Irmãs Escolares. Os projetos demonstram que a comunidade americana da cidade de Baltimore nos Estados Unidos foi a que mais se expandiu. Talvez, por ser a maior comunidade da Congregação em número de religiosas, fora da Alemanha ou ainda,

¹⁸ “Com a subida de Adolf Hitler ao poder, em janeiro de 1933, começou para a Alemanha, um processo sistemático de desmantelamento do regime liberal e democrático da República de Weimar e, paralelamente, o estabelecimento de um regime totalitário e ditatorial: o Terceiro Reich” (WERNET, 2002, p. 47).

quem sabe, pelo próprio espírito de dominação da cultura americana, de sempre querer controlar outras regiões.

No quadro a seguir apresentamos o número de Irmãs Escolares presentes nos respectivos continentes empenhadas em projetos educacionais e missionários desenvolvido pela Congregação.

Quadro 3 O número de Irmãs da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora em 1989 em projetos educacionais e missionários no mundo.

África	40
América Central	80
América do Norte	4.300
América do Sul	280
Ásia	130
Europa Oriental	800
Europa Ocidental	1800

Fonte: Huffner, (1989, s/p).

Para uma melhor visualização e expansão da Congregação das irmãs Escolares no mundo, apresentamos o mapa, esboçado a mão pela Irmã Artúris.

Mapa 1 Países com a presença das Irmãs Escolares de Nossa Senhora em 1992.



Fonte: Irmã Artúris, IENS, (1992 capa do livro).

No mapa pode-se constatar a presença das irmãs Escolares de Nossa Senhora em todos os continentes, desenvolvendo projetos propostas e orientações educacionais.

Ao concluirmos este tópico, podemos acompanhar a trajetória da Congregação desde o nascimento da fundadora, e toda articulação feita por ela e suas companheiras tendo em vista a educação para as crianças mais pobres na Alemanha; o processo de expansão dentro do continente Europeu e para a América do Norte como Estados Unidos, Oceania, África, América Central e América do Sul com a chegada em Forquilha – SC em 1935 e em São Paulo em 1937.

No próximo tópico, veremos como se desenvolveu a relação entre Estado, Igreja e a Educação no Brasil no século XIX e XX.

1.3. Estado, Igreja e Educação no Brasil do Século XIX e XX

Que proposta de Igreja as Irmãs Escolares encontraram no Brasil e mais especificamente, no Estado de São Paulo quando chegaram? O que realmente esta Congregação dentre tantas, veio fazer aqui?

Para compreendermos bem a chegada das Irmãs Escolares no Brasil, antes exige entender o contexto da religiosidade brasileira que foi imposta a partir do século XVI pelo Império Lusitano. A partir dos interesses em expandir a colônia portuguesa para o Brasil motivado por interesses econômicos, a religião serviu como instrumento para tal empreitada.

Por meio do padroado¹⁹ se instituiu a Igreja Católica Romana no Brasil a partir dos Reis de Portugal. Os Reis eram as autoridades da Igreja no Brasil. A Igreja concedeu mais autoridade ao Rei português do que a seus bispos. Azzi destacou que, em “1522, o papa Adriano conferiu a D. João III a dignidade de Grão-mestre da Ordem de Cristo, transmitida aos seus sucessores no trono” (1987, p. 21). Desta forma, os Reis portugueses eram legitimados como autoridade máxima da Igreja no Brasil pelo padroado e por ser Grão-mestre, que lhe concedia o direito de cuidar da vida cristã nas colônias.

Segundo Azzi foi instalado o primeiro bispado na Bahia “dois anos após a chegada dos primeiros jesuítas em companhia do governador geral Tomé de Souza” (1987, p. 23). Havia uma íntima colaboração entre a Igreja e o Estado. Se de um lado os padres se empenhavam na difusão da fé, por outro, o Estado bancava financeiramente as despesas dos mesmos. Assim, os padres eram funcionários da Coroa Portuguesa. A parte religiosa era um departamento do Império Lusitano. Havia uma submissão da

¹⁹ Consistia especificamente no direito de administração dos negócios eclesiásticos, concedidos pelos papas aos soberanos portugueses (AZZI, 1987, p. 21).

Igreja ao Estado tornando-se dependente deste, tanto para a sua manutenção, quanto para a sua expansão.

Qual era o projeto de Igreja em vigor no Brasil naquele período? Azzi afirmou que: “durante os três primeiros séculos da colonização, vigorou no Brasil o modelo de Igreja Cristandade. Tratava-se de uma reviviscência dessa concepção de igreja que perdurou durante a Idade Média na Europa Ocidental” (1987, p. 29).

Em que este projeto se apoiava? A Igreja não era um poder paralelo ao Estado e sim, ligada como prestadora de serviço religioso. O entrosamento era tão consistente que os clérigos não encontravam dificuldades em seguir as determinações do Império Lusitano. A ideia central consistia em estabelecer a cristandade nas colônias a fim de desenvolver o comércio. A atividade comercial era o objetivo principal que estava atrelado aos aspectos políticos, sociais e religiosos como mediação para o pleno desenvolvimento deste, possibilitando grandes lucros.

Para funcionar bem o processo de colonização na concepção imperial, a imposição de determinados padrões culturais fazia parte do projeto autoritário lusitano transformando os habitantes da colônia em pessoas úteis e dóceis aos interesses do Império.

Conforme Azzi:

[...] na segunda metade do século XVIII, porém, a burguesia em formação começa a dar os primeiros sinais de presença na sociedade, tentando articular um novo projeto para a população brasileira, a partir dos pressupostos iluministas e liberais. É a época das conjurações e dos movimentos insurrecionais contra o domínio metropolitano (1987, p. 229).

Estes sinais não seriam um descontentamento com as imposições do Império Português? Havia sinais de um descontentamento da forma de como funcionava o sistema. Os ideais do iluminismo e do liberalismo rondavam as colônias no Brasil. Fica claro que havia um descontentamento contra o Império dominante Lusitano. Isto representava a possibilidade de possíveis mudanças.

A partir da metade do século XVIII em diante, ampliou-se a concentração de grandes propriedades de terras nas mãos de poucos, reforçando a condição agrária do país.

No século XIX a atividade cafeeira favoreceu os grandes latifúndios nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Com a perspectiva de grandes safras foi fechado o contrato com uma Companhia Inglesa para a construção da ferrovia que

ligaria o Porto de Santos a São Paulo e depois, Bauru, Campinas, Limeira e Jundiaí onde se concentravam os grandes produtores de café e açúcar.

Embora o Brasil sendo agrário, aos poucos começou a se desenvolver paralelamente o lado urbano, de tal forma que “entre 1850 e 1870 foram inauguradas no país 70 fábricas, 14 bancos, 23 companhias de seguros e 8 estradas de ferro. Inicia-se também neste período a comunicação telegráfica” (AZZI, 1992, p. 15). Com o fim do tráfico de escravos, os investimentos receberam outros destinos, desde a modernização das lavouras de café, bem como outros investimentos importantes beneficiando a indústria daquele período.

Com a proclamação da independência do Brasil (1822) as relações entre Estado e Igreja não foram alteradas. As elites brasileiras que antes, estudavam normalmente nas faculdades europeias passaram a estudar no Brasil nas faculdades de Direito em São Paulo e Recife e medicina no Rio de Janeiro e Salvador. A elite agrária passou a estudar nestes centros urbanos.

Em 1850 surgiu outro centro cultural no país: a Escola Politécnica no Rio de Janeiro onde as ideias de Augusto Comte ganharam força combatendo a cultura ocidental no Brasil, sinalizando para um novo momento no país através dos estudos científicos. O surgimento da escola Politécnica no Rio, nada mais foi do que esta inquietação, que se articulava em favor do desenvolvimento científico no Brasil.

O episcopado²⁰ brasileiro, aos poucos foi constatando que a Igreja estava perdendo a sua relevância social e poder junto ao Estado demonstrando sinais de que uma reforma católica seria necessária. Azzi, afirmou que: “diversos visitantes europeus que estiveram no país ao longo do século XIX manifestaram seu estupor e estranheza diante das formas antiquadas de expressão religiosa que o catolicismo brasileiro continuava apresentando” (1992, p. 29). Era um catolicismo atrasado que não mais despertava a atenção das pessoas. Parece que não atingia a população espiritualmente, no sentido de dar uma resposta às necessidades da vida cotidiana das pessoas.

Diante deste contexto da necessidade de reformar o catolicismo brasileiro, despertou em alguns prelados a ideia de iniciar uma reforma a partir dos parâmetros do Concílio de Trento, onde a instituição Igreja possuía sua autonomia em relação ao Estado civil reforçando assim, o poder da hierarquia na Igreja.

²⁰ Episcopado: Conjunto de bispos e Arcebispos (Dicionário Michaelis, p. 883).

A palavra reforma indica outra forma de Igreja. Este novo formato, em primeiro lugar não mais funcionaria dentro do modelo serviçal, como acontecia no Império Português. Naquele momento histórico, a Igreja era submissa, estava a serviço do imperador como que um departamento, uma vez que dependia, inclusive financeiramente, para a manutenção de seus membros, bem como para a sua expansão.

Esta reforma foi articulada pelos bispos por uma questão de necessidade e atingiu primeiramente, o clero liberal e o catolicismo devocional brasileiro, de origem portuguesa. No modelo imperial português se acentuou o aspecto devocional, cuja tônica era a formação intelectual do clero e a parte sacramental. Tal reforma começou a ser gestada pelos bispos, uma vez que foram eles que articularam a reforma e esta, de forma autoritária, sem nenhuma possibilidade da opinião das massas. Os bispos reformadores tomaram como referência dois nomes importantes do período tridentino, São Carlos Borromeu, o grande reformador da diocese de Milão na Itália, e Frei Bartolomeu dos Mártires, o reformador da diocese de Braga em Portugal. Os bispos que coordenaram a reforma no Brasil foram Dom Antônio Ferreira Viçosa, bispo de Mariana-MG em 1844 e Dom Antônio Joaquim de Mello, bispo de São Paulo em 1851.

A ideia do episcopado era clara, a Igreja deveria realizar uma reforma no âmbito exterior e interior. Do ponto de vista externo, seria referente ao Estado adquirindo mais autonomia nas suas funções religiosas e, para isso precisava fortalecer-se, enquanto instituição, visto que o governo a considerava apenas como um departamento. Aliás, era o governo quem nomeava padres e bispos além de zelar pela fé.

Do ponto de vista interno, os bispos entendiam que o clero deveria levar uma vida de acordo com o evangelho sendo exemplo para os fiéis. Os padres deveriam assumir o papel de líderes frente às associações. Quanto aos fiéis, de modo geral, receberiam mais atenção a partir das missões, visitas pastorais, devoções e formação catequética tirando o povo da ignorância religiosa e das ideias supersticiosas.

Através destas medidas, a Igreja começava a aparecer ao lado do Estado, mais como uma Instituição Hierárquica autônoma vinculada à Santa Sé do que completamente dependente do Estado. A Cúria Romana influenciava diretamente nas reformas na Igreja do Brasil. Os institutos que aqui se encontravam viviam uma profunda crise de identidade devido à sintonia que ainda havia com a Coroa de Portugal, distanciando-se do carisma de seus fundadores.

A partir da separação entre Estado e Igreja e da proclamação da República, que se evidenciam as reformas do catolicismo no Brasil, aconteceram a partir da presença

das congregações e dos movimentos católicos que interviram em situações, que naquele momento no Brasil, estavam em situação precária, como: a assistência social, a saúde e a educação.

De acordo com Azzi:

Ao lado dessas antigas ordens, começam a se instalar no país novas congregações religiosas masculinas e femininas, com a finalidade específica de atender a educação, à saúde e a assistência social. É principalmente na área urbana que tais religiosos passam a atuar, encontrando o apoio da burguesia rural e urbana emergente para a instalação de escolas, hospitais, asilos outras obras assistenciais. Frequentados pelos filhos das famílias abastadas fonte de renda dessas congregações. Esses recursos utilizados para a sustentação dos religiosos, para a formação de novos membros e para dinamizar a expansão da obra no país (1992, p. 38).

Conforme Azzi a reforma começou a ganhar um ritmo novo a partir da chegada de novas congregações da Europa, para desenvolverem trabalhos na área da educação, saúde e assistência social. A reforma desejada pelo episcopado brasileiro não aconteceria a partir das congregações que aqui estavam, justamente por estarem acostumadas, viciadas dentro de um esquema de Igreja nos moldes do padroado. Seriam necessárias “cabeças” diferentes para iniciar algo novo. Essa foi à estratégia da Cúria Romana, enviar para o Brasil institutos que movidos por um ideal missionário, pudessem auxiliar no desenvolvimento da formação das elites agrárias. Essas novas ordens se instalavam nos centros urbanos, onde os filhos dos ricos frequentavam suas escolas. A educação era uma atividade que gerava muito lucro. Os recursos adquiridos serviam para o sustento das congregações e garantiam a expansão, com a preparação de novos membros.

A religião tornou-se fundamental para a manutenção do Estado e da Igreja. Os pronunciamentos dos bispos e missionários eram direcionados no sentido do quanto era importante o temor de Deus, aliado a obediência às autoridades governamentais constituídas.

Com o regime republicano instalado no Brasil, o estado leigo foi organizado de tal forma que a Igreja se sentiu esquecida da vida pública e social. A Igreja procurou responder a esta marginalização pelo Estado. De que forma? Os bispos buscavam recatolizar o Brasil. Como? Sob a orientação da Cúria Romana. A maneira que Roma determinasse, buscava se seguir.

A Cúria Romana exportou para o Brasil um projeto de Igreja a ser implantado aqui de forma autoritária. Quem esteve na linha de frente da implantação deste modelo romanizado no Brasil foi Dom Sebastião Leme (1870-1942) que “ao tomar posse da Arquidiocese de Olinda em 1916 publicou uma carta pastoral sobre o ensino religioso que passou a ser considerada a partir dos anos 1920 como um verdadeiro programa de ação pastoral para todo o país” (AZZI, 2008, p. 11).

Segundo Azzi:

Uma das chaves para a compreensão da história da Igreja no Brasil, durante o período das quatro décadas que se inicia em 1922, é o conceito de sacralização da sociedade. De fato a ideia de ressacralizar a sociedade brasileira está subjacente ao projeto pastoral da hierarquia, conhecido sob o nome de restauração católica (2008, p. 11).

A proposta do episcopado brasileiro em sacralizar a sociedade não era outra coisa a não ser “transformar o Estado republicano num Estado religioso” (AZZI, 2008, p. 13). O episcopado e o clero olhavam a laicização do estado como uma oposição aos ideais da Igreja Católica. Dom Leme demonstrou esta insatisfação quando questionou sobre o ensino leigo.

Conforme Azzi:

Que se entende por ensino leigo? – Quer dizer: ensino neutro. Ensino neutro quer dizer não confessional, ensino que não professa religião alguma. Ora, se é sem religião alguma é anti-religioso (...). Em gênero de instrução e educação, laicismo, neutralidade, irreligião e ateísmo são termos que na prática se equivalem (2008, p. 13).

Para Dom Leme, escola leiga era sinônima de escola ateuista que deixaria as pessoas sem direção. Na sua concepção isto era um perigo para a sociedade brasileira.

Como resposta às ideias Iluministas e Liberais, o episcopado brasileiro sob a orientação da Cúria Romana instalou no Brasil um processo de sacralização da sociedade como um todo, desencadeando uma tentativa de cristianização do povo brasileiro. O objetivo era tornar o Estado brasileiro Católico, a partir de uma Romanização dos hábitos e costumes, nos moldes do catolicismo europeu, desprezando a cultura local brasileira de forma autoritária.

No final do século XIX e início do século XX várias ordens religiosas entraram no Brasil e se consolidaram no setor educacional. Todavia, o contexto das décadas de 1930 e 1940, marcados pela Segunda Guerra mundial (1939-1945) dificultou a atuação

das novas ordens religiosas naquele período. No caso das Irmãs Escolares, isso ficou evidente.

Segundo Wernet:

Os serviços em hospitais não pertenciam, inicialmente, aos fins específicos da Congregação. Mas percebeu-se bem cedo que pelas atividades hospitalares e enfermagem, as IENS, com maior facilidade, conseguiram ser aceitas em países estrangeiros do que pelas atividades educacionais, mais controladas pelos respectivos Governos. Foi essa também a situação em São Paulo. Tendo plena consciência disso. A Superiora Geral não hesitou quando surgiram possibilidades de serviços em hospitais (2002, p. 58).

A opção por aceitar o trabalho em hospitais foi um ato estratégico bem articulado pelas Irmãs Escolares e outras ordens, diante das enormes restrições governamentais. Entenderam que deviam aceitar os serviços que lhes aparecessem por primeiro, até que as coisas se organizassem melhor, abrindo portas para o trabalho educacional no futuro.

No tópico seguinte, demonstraremos como aconteceu a chegada das Irmãs Escolares no Brasil e o que isso representou para um grupo de religiosas que deixaram sua pátria, sua cultura local bem como a língua materna, e colocaram-se a serviço dos projetos educacionais em outra realidade com exigências diferentes das quais estavam habituadas.

1.4. A trajetória das Irmãs Escolares de São Paulo a Francisco Beltrão

A viagem durou quase 15 dias e quando chegaram foram recebidas pela Irmã Adolfina Meissner da comunidade de Forquilha que tinha sido nomeada Vigária²¹ das religiosas e o Sr. Francisco Malzoni.

Assim as religiosas se hospedaram alguns dias na residência Stela Maris das Irmãs Agostinianas. Conforme Wernet (2002) três Irmãs permaneceram durante algumas semanas no Instituto das Cônegas de Santo Agostinho em São Paulo para aperfeiçoarem seus conhecimentos da língua portuguesa. Foram elas: Irmã Maria Guthilde Haberl²², Maria Boaventura Gress²³ e Maria Imingardis Moder²⁴.

²¹ Vigária (Feminino de Vigário): Freira que fazia às vezes da superiora (Dicionário Aurélio, p. 2072)

²² Irmã Maria Gunthilde (Theresia Harberl) filha de Alois Harberl (agricultor) e Margarete Harberl. Nasceu em 06/04/1894 em Hitzelsberg – Alemanha. Fez o noviciado entre 19/08/1918 a 23/08/1919 era professora.

²³ Irmã Maria Boaventura (Maria Gress – nome civil). Filha de Joseph Gress (moleiro) e Monika Gress. Nasceu em Altensstadt – Alemanha. Fez o noviciado entre 16/08/1922 a 16/08/1923 era professora.

Conforme a Crônica:

No dia 27 de abril, nós cinco destinadas para o hospital, viajamos com Irmã Adolfine para Matão, onde chegamos a altas horas da tarde, de carro. Dona Inês cunhada do Sr. Malzoni, hospedou-nos por quase um mês com muito amor. No sábado 1 de maio, Ir. Adolfine voltou para a sua comunidade²⁵ e deixou-nos no meio de brasileiros. No dia 3 de maio veio Ir. Gunthilde, de São Paulo, para nos ajudar nas dificuldades na língua brasileira (WERNET, 2002, Anexo 3, s/p).

Como se percebe no fragmento acima, depois de um breve descanso, as missionárias se deslocaram para Matão onde foi a primeira sede das religiosas vindas da Baviera. A Alemanha ficou para trás, nas terras brasileiras do interior de São Paulo, antiga Diocese de São Carlos, as religiosas escreveram uma nova página na história da Congregação. Wernet nos fornece a lista das primeiras cinco Religiosas Escolares que iniciaram os trabalhos em Matão. Foram elas: Irmã Maria Recaldis Haberl²⁶ - Superiora, Irmã Hygina Hertwig²⁷ - Enfermagem, Irmã Maria Dicientia Starflinger²⁸ - Enfermagem, Irmã Maria Deicola Renghardt²⁹ - Doméstica (rouparia) e Irmã Maria Tuskana Pollath³⁰ - Doméstica (cozinha) (2002, p. 56).

Assim que as religiosas começaram a trabalhar, logo perceberam as desconfianças do governo brasileiro. Então, elas entenderam que o melhor caminho para serem bem aceitas, seria primeiro estabelecer e fixar morada para depois poder exercer outras atividades que fossem compatíveis com aquilo que a Congregação pudesse oferecer para as pessoas. Ao mesmo tempo, deveria ser uma atividade de fácil aceitação

²⁴ Irmã Maria Imingard (Anna Mordel – nome civil). Filha de Cristhoph Mordel (fiscal de trem) e Kunigunde Mordel. Nasceu em 18/02/1898 em Rauch in Holz – Alemanha. Fez o noviciado entre 06/08/1924 era professora.

²⁵ O texto da crônica não deixa claro onde era essa comunidade. Seria em São Paulo? Em Forquilha-SC? Provavelmente em Forquilha.

²⁶ Irmã Maria Recaldis Harberl ou (Franziska Harberl - nome civil) nasceu em 13/06/1896 em Hitzelberg - Alemanha. Era professora em Stadtamhof e fez o noviciado de 06/08/1923 a 06/08/1924. Seus pais Alois Harberl e Margarete Harberl eram agricultores. Irmã Maria Recaldis trabalhou em Francisco Beltrão na década de 1950, no início da instalação do Colégio Nossa Senhora da Glória.

²⁷ Irmã Maria Hygina (Luise Hertwig - nome civil) nasceu em 22/07/1901 em Amberg - Alemanha. Era enfermeira e fez o noviciado em 07/08/1929 a 08/08/1930. Filha de Andreas Hertwig (economista) e Bárbara Hertwig.

²⁸ Irmã Maria Dicientia (Notburga Starflinger - nome civil) filha de Joseph Starflinger e Theresia Starflinger (agricultores). Nasceu em 21/06/1902 em Kast bei Altötting - Alemanha. Fez o noviciado entre 05/08/1927 a 04/08/1928 era enfermeira.

²⁹ Irmã Maria Deicola (nome civil - Theresia Renghardt) filha de Alex Rengliardt (ferreiro) e Maria Reghard. Nasceu em 04/04/1901 em Hipoltsheim - Alemanha e fez o noviciado entre 05/08/1927 a 04/08/1928 era doméstica.

³⁰ Irmã Maria Tuskana (Ana Pôliath - nome civil), filha de Joseph Pôliath (agricultor) e Bárbara Pôliath. Nasceu em 05/01/1911 em Dettmach - Alemnaha. E fez o noviciado entre 18/08/1934 a 19/08/1935 era cozinheira.

pelas autoridades governamentais, que estavam de olho em cada passo das atividades exercidas por imigrantes estrangeiros. Vale lembrar que quando as religiosas chegaram ao Brasil, vivíamos sob o regime autoritário de Vargas, conhecido como Estado Novo.

A comunidade de Matão, conforme Wernet (2002) ficou assim estabelecida: Irmã Recaldis, (Superiora), Gunthilde (Auxiliar), Dicientia (Enfermeira) e Tuskana (Doméstica). Esta primeira comunidade do Vicariato de São Paulo funcionou de 1937 a 1970 (2002, p.60).

A segunda comunidade conforme Wernet (2002) foi a Santa Casa de Misericórdia de Itápolis. Atendendo ao pedido de Dom Gastão, bispo titular de São Carlos. O início de seu funcionamento foi em 02/08/1937 com as seguintes religiosas: Irmã Maria Boaventura (Professora), Ir. Maria Hygina (Enfermeira), Ir. Maria Cailistina (Professora), Ir. Maria Willerika (Enfermeira), Ir. Maria Sebalda (Enfermeira) e Ir. Maria Saluta (Doméstica) (2002, p. 61).

Segundo Wernet:

Em fins de 1938, portanto, chegou a 30 (trinta) o número das Irmãs Escolares, vindas da Baviera, estabelecidas em São Paulo. De 1939 a 1950 não vieram mais Irmãs da Alemanha. Apesar disso, a aceitação de casas não parou em 1937/1938, e nem nos anos de 1939 a 1942, apesar do início da Segunda Guerra Mundial (2002, p. 63).

A partir do final da década de 1930 verificou-se que o Vicariato de São Paulo começou a ter a sua autonomia própria ao menos no que se referia ao contingente de Irmãs. De 1939 a 1950 não vieram mais Missionárias Escolares da Alemanha para o Brasil devido à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que gerou consequências trágicas para a Alemanha.

A Diocese de São Carlos, na região central do Estado de São Paulo, necessitava de pessoas preparadas para atuar em diferentes frentes de serviços, como hospitais, orfanatos e creches. Enquanto as Irmãs não recebiam a autorização para trabalhar com a educação, não podiam ficar aguardando sem nada fazer, era necessário atuar onde eram chamadas.

A partir deste contexto de instabilidade nacional, as Irmãs Escolares se articularam para assumirem outras áreas emergentes da Diocese de São Carlos.

Segundo Wernet:

A casa originalmente, propriedade da falecida senhora Virgínia Prado Amaral foi, por testamento, doada a uma Congregação Religiosa que se dedicasse a atividades educacionais e assistenciais. Pela mediação do testamento, o Padre Francisco Serra, Vigário de Jaú, a doação

recaiu para as Irmãs Escolares de Nossa Senhora. O contrato foi assinado em 12 de Janeiro de 1938, e a entrada se deu aos 17 de Janeiro de 1938. Sendo a primeira propriedade da Congregação no Brasil, Jaú Forte tornou-se CASA-MÃE do Vicariato e sede da Vigária Irmã Maria Recaldis Harberl (2002, p. 64).

Ficou evidente que as Irmãs Escolares vieram para ficar. Enquanto na Alemanha Hitler confiscou os bens da Congregação, aqui, estavam começando a receber doações de imóveis. Como evidenciado, em 17/01/1938, as religiosas assumiram uma segunda casa: Jaú Forte, o Convento Nossa Senhora situado na Rua Rangel Pestana, 340. Conforme orientação da benfeitora em testamento, o convento deveria ser doado a uma Congregação que trabalhasse com a educação e se dedicassem aos serviços assistenciais aos mais pobres e necessitados. Na época, os trâmites todos aconteceram por meio da intervenção do Padre Francisco Serra. Como as Irmãs Escolares de Nossa Senhora, atendiam ao que era exigido pela doadora, acabaram sendo beneficiadas com a doação da propriedade. Esta casa, segundo Wernet (2002), foi a primeira propriedade das Irmãs Escolares do vicariato de São Paulo no Brasil e tomou-se Casa Mãe.³¹

Aos poucos, a Congregação foi se constituindo em solo brasileiro a partir do interior paulista. Aguardar o tempo certo para a obra de Madre Maria Teresa Gerhardinger acontecer, este foi o caminho.

Diante da política de exclusão e expulsão das religiosas na Alemanha, as portas continuaram se abrindo no interior de São Paulo. As Irmãs assumiram o hospital na cidade de Pederneiras, a Santa Casa de Misericórdia. Conforme Wernet "em Janeiro de 1938 se dirigiram para lá as Irmãs: Maria Stanislava Schiedermeier (Superiora), Marta Seilaris Rundel (Enfermeira) e Maria Terentia Eder (Doméstica)" (2002, p. 65). Como indicado anteriormente, de 1939 a 1950 não vieram novas irmãs da Alemanha, assim, era necessário conseguir novas membras no Brasil, para poder expandir o trabalho.

Ao lermos as Crônicas de registros referentes ao ano de 1951 encontramos a seguinte afirmação: "Mas agora a província começou a se mexer. A futura superiora, Ir. Maria Iluminata Singer se encontrava ainda no meio das queridas órfãs em Pirajuí. Me. Recaldis em Jaú" (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p). O que poderia significar essa afirmação? Que a província começou a se mexer? Parece contraditório

³¹ A Sede de uma Congregação além de ser o ponto de encontro entre as Irmãs para reuniões, momentos de formação, retiros espirituais, também é o local onde acontecem as tomadas de decisões dentro da Congregação como os remanejamentos das religiosas para outras comunidades e funções, bem como a abertura ou o fechamento de comunidades. É a casa onde se concentra a administração da província.

mediante tantas coisas que as religiosas haviam realizado. Será que a Irmã se referiu à falta de vocações em São Paulo?

Conforme registrado na Crônica:

Da filial que fundamos com os maiores sacrifícios por causa das vocações. De 1937 a 1951 tivemos filiais somente no estado de São Paulo. Dalí vieram no começo nossas primeiras vocações. Em 1944, o Padre. Redentorista Luiz de Castro, o nosso primeiro professor de Português, na Alemanha, chamou nossa atenção para o Estado de Minas Gerais. Este Padre pregou missões na cidadezinha de Santa Rita de Caldas e fez propaganda para nossa Congregação. O Vigário de lá Padre Alderige Forriane, encaminhou novas vocações para nós, graças a Deus (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Essa passagem evidencia que as Irmãs da Província de São Paulo precisavam angariar novas religiosas em outras regiões, entre estas estava Francisco Beltrão. Nesse período, a Congregação permaneceu estagnada no Estado de São Paulo. Por quê? Aparenta ter sido pela falta de vocações a razão principal desta estagnação. No entendimento delas, o futuro da Congregação dependeria do aumento, das vocações que poderiam ser encontradas em outras regiões. A vinda para a região sul abriu a possibilidade de novas casas.

Pelo que evidenciamos em vários períodos da história da congregação as preocupações referentes às vocações e educação foram constantes e interligadas. As Irmãs buscavam locais para se instalarem definitivamente e não fazer uma experiência temporária. Havendo vocações, as religiosas formariam as professoras da própria Congregação, para dar sequência também na expansão dos projetos educacionais e pastorais. Este dado se confirma pelos registros presentes no Livro das Crônicas do Instituto Nossa da Glória. Segundo o documento referente ao ano de 1951:

[...] de todos os lados aconselharam-nos e diversas Congregações comprovaram: Quem quiser muitas e boas vocações deve começar obras no Sul do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Durante anos preocupamo-nos com este plano, procuramos informações, refletimos. Seguindo o conselho da Madre Geral, Me. Recaldis e Ir. Boaventura, viajaram em 1948 para os Estados do Sul. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul visitaram as casas das nossas Irmãs da Província da Silésia. (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1973, s/p).

Devido à falta de vocações e também para atenderem aos pedidos de padres e bispos as Irmãs Escolares resolveram conhecer o sul do Brasil. Por isso, Irmã Recaldis Harberl superiora na época acompanhada por Irmã Boaventura Gress que era membra

do conselho da Congregação vieram visitar as Irmãs da província da Silésia, instaladas em Forquilha – SC desde 1935, para fazer uma sondagem vocacional. Passaram por várias cidades depois de Forquilha como, Campos Novos, Lages e Luzerna. A pesquisa demonstrou que em Luzerna as irmãs conheceram um frade franciscano, o qual informou sobre a prelazia de Palmas, dizendo que lá havia um bispo chamado dom Carlos Savóia Bandeira de Mello e que ele já havia manifestado interesse em acolher religiosas.

Como podemos constatar, antes das Irmãs Escolares chegarem à Vila Marrecas, (hoje Francisco Beltrão), foi necessário paciência, serenidade na espera da possibilidade para continuar o projeto de expansão na educação de acordo com a forma que elas idealizavam poder trabalhar.

Assim as Irmãs precisaram optar primeiro pelos serviços na área de saúde, para alguns anos mais tarde, quando a situação estivesse menos tensa, poderem dedicar-se ao campo específico delas, ou seja, os projetos educacionais. O Vicariato de São Paulo aos poucos foi se constituindo e se estruturando de tal forma que tinha à sua disposição 16 Irmãs Escolares inseridas em três comunidades, ainda no ano de 1937. Isso evidencia que no mesmo ano vieram mais irmãs da Alemanha. Conforme indicado no álbum histórico das irmãs, neste navio movido a vapor, Irmã Maria Sarolta Schmucker³², Irmã Maria Recaldis Haberl e Irmã Maria Illuminata Singer³³ da Província da Baviera, com outras Irmãs atravessaram o oceano Atlântico em busca da América do Sul.

De acordo com Wernet:

a Madre Geral achou mais prudente a criação de um Vicariato específico para as casas do Estado de São Paulo. Em 06 de julho de 1937, estabeleceu-se formalmente o Vicariato de São Paulo, sendo nomeada para a função a Irmã Maria Recaldis Haberl" (2002, 58).

Havia razões para a criação do Vicariato de São Paulo? Quais? Talvez um dos fatores tenha sido pelo fato de o Brasil ser um país enorme com dimensões continentais, a precariedade do sistema rodoviário, a comunicação e por uma questão de praticidade para facilitar a vida e as atividades das religiosas.

Na Imagem abaixo podemos visualizar Madre Maria Recaldis Haberl, a primeira Superiora responsável pelas Irmãs Escolares das casas do Vicariato de São Paulo.

³² Irmã Maria Sarolta Schmucker chegou ao Brasil com o 3º grupo de missionárias em 23 de outubro de 1937. Em Francisco Beltrão, foi por muitos anos desde a fundação a responsável pelo Jardim de Infância.

³³ Irmã Maria Illuminata Singer chegou ao Brasil em 19 de novembro de 1937 com o 5º grupo de missionárias e foi a primeira professora da escola primária na antiga casa de comércio do senhor Vicente Longo onde funcionou a primeira sala de aula do Instituto Nossa Senhora da Glória.

Fotografia 3 Madre Maria Recaldis Haberl.



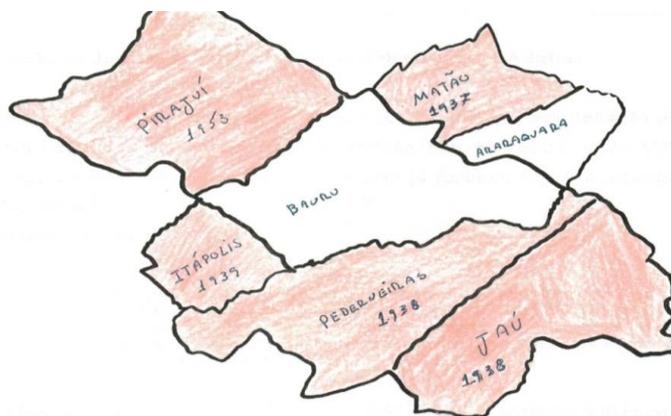
Fonte: Wernet, 2002, p.57.

No período a Diocese de São Carlos estava com várias demandas e numa situação difícil para desenvolver os trabalhos sociais. Este fato se constata, devido várias frentes de trabalhos que as Irmãs foram assumindo de forma tudo muito rápida. Em alguns casos em menos de 30 dias, muitas atividades foram assumidas, tudo no mesmo ano a partir do momento em que chegaram à diocese.

No mapa esboçado a mão abaixo, podemos visualizar as cidades para onde as Irmãs se deslocaram durante a trajetória missionária antes de chegarem definitivamente em Francisco Beltrão³⁴.

³⁴ As cidades em cor vermelha, foram os locais onde as Religiosas Escolares atuaram. As duas cidades em cor branca representam as duas grandes regiões, as quais as cidades menores pertenciam. Assim, a

Mapa 2 Cidades do interior de São Paulo onde trabalharam as Irmãs Escolares de 1937 a 1953.



Fonte: Moacir da Costa Belliato, 2016.

Segundo a Crônica:

Já no dia 7 de maio surpreendeu-nos o bispo diocesano, D. Gastão Pinto de São Carlos. Ele manifestou o desejo que as Irmãs assumissem a direção do hospital de ITAPOLIS. Logo mais veio a Madre Mansueta de Araraquara, provincial das Irmãs das Escolas Cristãs, da Áustria. Elas queriam saber como nós estávamos passando. No dia 18 de maio dormimos pela primeira vez na Santa Casa. (WERNET, 2002, Anexo 3, s/p).

A presença das Religiosas Escolares tinha a autorização do bispo local. Dom Gastão visitou a comunidade das Irmãs e conversando com as religiosas, manifestou o desejo de que elas assumissem o hospital de Itápolis. Para tanto, seria necessário mais Irmãs preparadas na área da enfermagem para a expansão no projeto de saúde. As religiosas receberam a visita da Irmã Provincial de Araraquara, da Congregação das Irmãs das Escolas Cristãs da Áustria. Ou seja, já havia religiosas provenientes da Áustria, país vizinho à Alemanha que também trabalhavam com a Educação Católica. Isso evidencia que as Irmãs Escolares não foram as primeiras a chegar à Diocese com uma proposta educacional. Após uns 11 dias depois da conversa com o bispo, as Irmãs já tinham uma residência oficial e se instalaram em Itápolis.

cidade de Matão faz parte da região de Araraquara - SP. As outras cidades pertencem à região de Bauru - SP.

Conforme Wernet:

Foi o próprio Arcebispo Dom Gastão L. Pinto que no dia 11 de junho de 1937, pediu Irmãs para a cidade de Jaú a fim de administrar uma Casa para Crianças. As Irmãs mostraram interesse. Já no dia 1 de Julho de 1937 a Madre Recaldis Harberl, visitando a cidade de Jaú, entrou em contato com as autoridades locais para ver se havia ou não, reais possibilidades das Irmãs assumirem a Casa da Criança, que aceitava crianças de 3 a 10 anos de idade, em número de 40, e estava funcionando das 6h da manhã até às 18h. A impressão foi muito boa e, a partir do dia 15 de Setembro de 1937, a CASA da CRIANÇA de Jaú passou a funcionar sob direção das Irmãs Maria Gunthilde Haberl e Irmã Maria Sarolta Schinucker (2002, p. 59).

As Irmãs Escolares estavam bem dispostas a colaborar com a Diocese de São Carlos, naquilo que fosse possível. Este novo serviço, já começava a se aproximar das atividades educacionais, projeto central da Congregação. Neste sentido, a Madre Superiora Ir. Maria Recaldis não hesitou em logo ver quais as possibilidades para então articular uma comunidade bem preparada para atuarem com crianças. Assim, As Ir. Maria Gunthilde e Ir. Maria Sarolta Schumucker administraram a Casa da Criança de Jaú. Na Imagem abaixo, podemos visualizar a Casa da Criança sob a administração das Irmãs Escolares.

Fotografia 4 Casa da Criança Jaú - SP 1937.



Fonte: Wernet, (2002, p. 59).

Aos poucos as religiosas foram se adaptando e uns dias depois chegou de São Paulo Ir. Ghuntildes para auxiliá-las nas aulas de Língua Portuguesa e instruí-las a respeito da nova cultura do povo brasileiro, na qual as irmãs estavam sendo inseridas.

Concluimos o presente capítulo constatando que este desenrolar de acontecimentos e fatos históricos marcantes na trajetória da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora teve como protagonista Madre Maria Teresa de Jesus Gerhardinger. Esta, religiosa no período em que viveu, foi um sinal concreto de esperança promovendo uma educação de qualidade voltada aos mais pobres da sociedade alemã, colocando de lado os interesses do mundo capitalista e se dedicando aos seres humanos e, de preferência crianças pobres e abandonadas.

Esta Congregação se expandiu para vários países dos cinco continentes a partir de sua missão específica: oferecer educação de qualidade aos mais pobres, preferencialmente às meninas, que por sua vez, frequentemente tinham seus direitos educacionais negados por uma sociedade machista. Mais de um século se passou da fundação da Congregação, quando as irmãs chegaram a Francisco Beltrão. Será que as Religiosas Escolares conservaram-se fieis ao projeto original de Madre Maria Teresa quando aqui chegaram? Dedicaram-se a trabalhar com os pobres ou vieram ajudar na formação da elite brasileira?

Segundo Lazier a chegada da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora em 1951, se deu da seguinte forma:

No ano de 1951 as Irmãs Recaldis Haberl e Boaventura Gress, visitaram os Estados do Sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, principalmente para conseguir vocações para a Congregação. Em 02.10.1951 foram de Joaçaba (Santa Catarina) para Palmas (Paraná). Chegando em Palmas, o vigário sugeriu que as mesmas fossem para Marrecas por considerar que a Região necessitava do trabalho das Irmãs (1982, s/p).

Esta data é importante para as Irmãs Escolares de Nossa Senhora da Província de São Paulo que se instalaram em Francisco Beltrão. A Irmã Maria Recaldis Harberl e a Irmã Maria Boaventura Gress estiveram por aqui em 1951. Esta visita foi de caráter vocacional. As Irmãs estavam à procura de vocações para a Congregação. Esta data foi importante, pois foi a partir de então que as Irmãs perceberam que Marrecas (depois Francisco Beltrão), era uma região com famílias religiosas e precisava de educação e formação. Aqui, poderiam fazer "parcerias" importantes com a Prelazia de Palmas e, com a CANGO³⁵ e com a comunidade.

³⁵ Segundo Cattelan (2014), a CANGO se estabeleceu em Vila Marrecas no ano de 1948. Assentou colonos vindos de diversas regiões do país, principalmente da região sul, com isso, crianças filhas de colonos em idade escolar eram abundantes. A CANGO foi a pioneira na construção de escolas primárias

Conforme registrado em Ata:

Aos 7 dias do mês de Outubro de 1951 as quatorze horas na Igreja de Nossa Senhora da Glória, neste povoado de Marrecas, sob a direção do Reverendíssimo Frei Deodato Gaiard reuniram-se os Srs. João Pedro Mazzaro, Guerino Fabris, Antônio Potrik, Ricieri Cella, Luis Antônio Faedo, Vicente Longo, José Opolski, Filiciano Pessoas, Natalino A., Ângelo Fascin, Teodoro Zanata, Ciro Galban, Pedro Ferronato, Augusto Da - Rosa, João Antunes, Luis Cavasini, Edivino Marmantini, Luiz Paggi, Júlio Lago, Dionísio Dalas, João Dalla Vechia, Angelo Rodin, Luiz Lorenzetti, Luiz Menon, Olívio Locatelli, Angelo de Costa, Laurindo Gemeili e Atílio Fausto, tendo esta reunião o objetivo de criar um Colégio que será dirigido por Irmãs religiosas; (INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, ATA N°1 de 1951).

A ata indica uma reunião com horário e local determinado, ou seja, na Igreja de Nossa Senhora da Glória. A discussão se deu com a finalidade de viabilizar a criação de um colégio que seria dirigido pelas irmãs. Frei Deodato³⁶ foi quem convocou a reunião com os senhores da comunidade que constituíam a elite local da época, para tomar decisões a respeito da construção da casa e Colégio das Irmãs. Ficou clara a grande autoridade que o padre exercia na paróquia diante dos importantes acontecimentos.

Chamou-nos a atenção um fato, não havia nenhuma mulher na reunião ou seus nomes não foram registrados. Nem mesmo as irmãs estavam presentes. Qual a razão destas ausências? Será que as religiosas e as mulheres não tinham o direito de sugerir e opinar? Pode ser que as irmãs tivessem partido para São Paulo. De qualquer forma, na ata não fica claro se irmãs participaram da reunião.

Na mesma Ata foi registrado o seguinte:

Em primeiro lugar, foi tratada a compra de direitos dos terrenos urbanos, sendo que pelo Padre Deodato tratou do assunto com os Srs. Luiz Antônio Faedo, Luiz Pagi. Tendo tratado com o primeiro Sr. Luis Antônio Faedo 8 lotes pelo preço de 10.000,00 dez mil cruzeiros) e com o segundo Sr. Luiz Pagi 1 lote por Cr\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos); não deixando de mencionar que o Sr. Faedo doou um terreno ficando assim constituídos ditos terrenos em número de dez, pela importância que mais tarde será paga no valor de Cr\$ 11.500,00 (onze mil e quinhentos) (INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, ATA N°1 de 1951).

Conforme registro, o Sr. Luiz Antônio Faedo acertou com Frei Deodato a venda de 8 (oito) lotes para as Irmãs Escolares no valor de 10.000, 00 (dez mil cruzeiros) e

para o atendimento destas crianças nas comunidades. Em 1948, foi construída a primeira escola primária intitulada "General Osório" e a primeira professora contratada pela Colônia, foi a Italina Zancan Scotti.

³⁶ Frei Deodato foi Frade Menor da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil da Ordem dos Frades Menores. Frei Deodato nasceu na Alemanha e veio como missionário trabalhar no Brasil. Ele foi o primeiro pároco de Francisco Beltrão.

doou mais 1 lote. Com o Sr. Luiz Pagi, Frei Deodato acertou a compra de 1 (um) lote por 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros). Desta forma, a área total adquirida para as irmãs foi composta de 10 lotes situados na Rua Tenente Camargo.

Na mesma reunião também foi feito os seguintes encaminhamentos:

Em segundo lugar, sem haver eleições foi escolhida a comissão que dirigirá os destinos do mencionado Colégio a construir tendo escolhido entre os presentes os senhores: João Pedro Mazzaro - Presidente, Guerino Fabris - Secretário e Antônio Potrik - Tesoureiro. E por fim deu - se início da "tomada em relação", de improviso das ofertas dos presentes (ATA Nº1, 1951,7 DE OUTUBRO).

A Ata também revela que foi instalada uma comissão que tomou a frente para cuidar da construção. Ainda nesta reunião foi iniciada a arrecadação de fundos para as obras na Rua Tenente Camargo. Ficou evidente o grande entusiasmo para a vinda das irmãs. Segundo Lazier: "com tudo encaminhado, a contento, as irmãs voltaram para São Paulo, entusiasmadas com a perspectiva de trabalhar em Marrecas" (1982, s/p)³⁷.

Constatamos que as religiosas ao chegarem, no Brasil, em 1937 tinham uma missão muito clara: dar continuidade ao projeto de cristandade, sob a orientação da Cúria Romana educando com qualidade os seres humanos e preferencialmente os meninos e as meninas mais pobres que se encontrassem marginalizadas, trabalhando dentro das condições e das possibilidades que foram oferecidas. Do estado de São Paulo as Religiosas partiram para outras regiões chegando ao Paraná se instalando em Francisco Beltrão. No próximo capítulo buscamos compreender a chegada, a instalação e a organização do Colégio Nossa Senhora da Glória em Francisco Beltrão.

³⁷ Nesta passagem temos indícios de que as Irmãs estavam em Francisco Beltrão quando houve a montagem da comissão para a construção do Colégio na Rua Tenente Camargo. Permanece uma dúvida: por que elas não estavam na reunião? Se elas estavam, porque seus nomes não aparecem registrados em Ata?

CAPÍTULO II

A CHEGADA E A INSTALAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA EM FRANCISCO BELTRÃO - PR

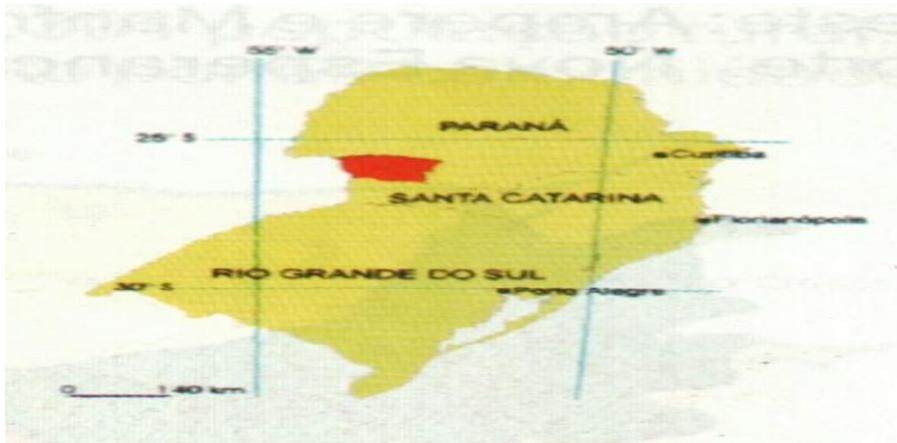
Neste capítulo, veremos que as religiosas quando aqui chegaram se depararam com um intenso processo de migração e com um grave problema de distribuição de terras. Assim que se instalaram, alugaram salas e iniciaram a escola. Depois, construíram escolas na cidade e influenciaram a construção de outras escolas na região.

Concomitantemente aos projetos educacionais, as Irmãs Escolares precisavam aumentar numericamente a quantidade de religiosas na Congregação. A escola foi um espaço privilegiado para isso. Compreender o processo de inserção das religiosas em Francisco Beltrão é o objetivo central deste capítulo.

2.1 O Contexto da chegada e instalação da Congregação em Francisco Beltrão

Quando se fala em região Sudoeste do Paraná, o que entendemos? Para Padis, “por região sudoeste paranaense, talvez até se pudesse chamá-la de oeste-sudoeste é a parte do Estado compreendida por 63 municípios encravados numa área de aproximadamente 66,5 mil quilômetros quadrados” (1981, p. 147)³⁸.

Mapa 3. O Sudoeste na região Sul do Brasil



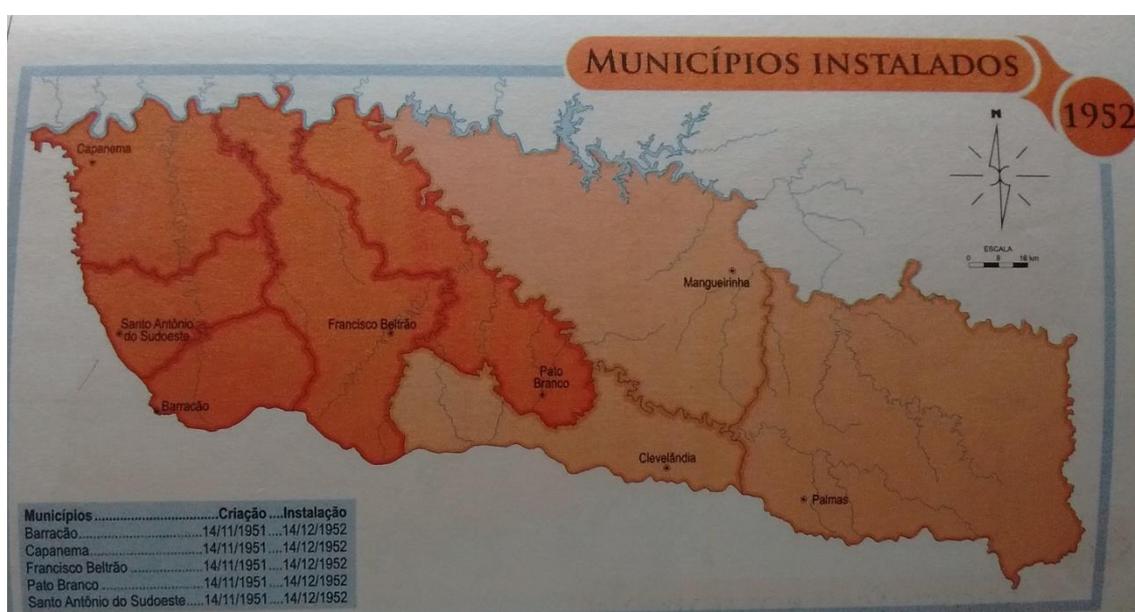
Fonte: Secretaria Municipal de Educação Cultura e Esporte, (2002, p. 12).

³⁸ Atualmente essa definição não corresponde mais ao que definimos por Sudoeste do Paraná. O Sudoeste do Paraná compreende desde o município de Palmas, seguindo as margens do Rio Iguaçu até o município de Capanema percorrendo as divisas com a Argentina e o Estado de Santa Catarina.

A região conhecida como Sudoeste do Paraná vivenciou vários conflitos ao longo de sua história. Para deter-se apenas nos mais próximos, lembramos que a maior parte do seu território esteve envolvida no conflito denominado de Contestado (1912-1916) entre Paraná e Santa Catarina. Resolvida à questão do Contestado, iniciou-se o problema da disputa por grandes áreas de terra entre companhias colonizadoras e o Estado.

Abaixo podemos visualizar o mapa com os municípios que formavam a região Sudoeste do Paraná em 1952.

Mapa 4 Região Sudoeste do Paraná 1952.



Fonte: Pegoraro, (2010, p.293).

Segundo Wachowicz:

Em 1918 e 1920, a colonização do sudoeste, dirigida pelo Estado do Paraná, sofreu um revés. O Paraná foi obrigado a titular aos norte americanos da Brasil Railway Company, extensas glebas em pagamento pela construção da ferrovia São Paulo Rio Grande e do Ramal Ponta Grossa Guarapuava. Extensos territórios foram titulados aos construtores, entre os quais se sobressaía a gleba Missões. Observe-se que a gleba Chopim foi titulada aos norte-americanos em pagamento pela construção da ferrovia São Paulo Rio Grande, e a de Missões pela construção do ramal Ponta Grossa-Guarapuava. Quase todo o sudoeste passou a ser propriedade desta multinacional americana (2002, p. 179-180).

A afirmação de Wachowicz expressa uma situação de endividamento feita pelo Estado do Paraná. Não sabemos que espécie de contrato foi assinado pelo governo paranaense naquele momento histórico. O que podemos constatar, é que o Paraná “foi obrigado” a entregar para a empresa americana uma quantidade de terras impressionante, como pagamento pelas obras ferroviárias a serem realizadas. Praticamente quase toda a região sudoeste tinha sido entregue a Brasil Railway Company como pagamento pelas obras. Somente com a chegada de Getúlio Vargas no poder que a situação tomaria outro rumo.

Quando Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, o sistema capitalista estava em crise nos Estados Unidos e em países europeus. Essa crise dificultava ainda mais a situação do Brasil, que tinha uma economia baseada na exportação. Para enfrentar essa crise era preciso investir na industrialização e criar condições para a expansão de regiões agrárias no país. A região Sudoeste do Paraná se enquadrava perfeitamente na política agrícola expansionista de Vargas, pelo seu potencial vegetal, num primeiro momento e, depois pelo agrícola. Tudo sob a influência direta do imperialismo norte americano.

Segundo Lazier:

O Governo de Getúlio Vargas, que assumiu o poder em 1930, para recuperar o capitalismo, passou a adotar a intervenção estatal na economia. Foi criado o Instituto Brasileiro do Café, o Instituto Nacional do Petróleo, a Usina de Volta Redonda, O Instituto Nacional do Pinho, O Instituto Nacional do Açúcar, do Álcool e o Instituto Nacional do Mate (1998, p. 108).

Percebe-se que a chegada de Vargas no poder, como vimos anteriormente tinha uma missão específica: revigorar o sistema capitalista que estava doente e que precisava se expandir para se fortalecer. Para isso, foi determinante a intervenção do governo na criação de meios bem estruturados a fim de que o sistema capitalista ganhasse força novamente e neste sentido foram criados os institutos de norte a sul do país dentro da perspectiva de produção e regulação dos mesmos. Constatamos que Vargas adotou como estratégia privilegiar o potencial de produção que cada região do Brasil possuía com as mais variadas diversificações de produtos. No caso do Sudoeste do Paraná: a erva mate, a madeira e a produção agrícola.

Conforme Martins:

O problema fundiário no Brasil envolve, historicamente, ações de violência e corrupção, exercida muitas vezes sob as vistas complacentes e inoperantes do poder público que acoberta seus autores, a ponto de elaborar leis com o único propósito de lhes dar guarida. A criação de granjas modelo, no Governo Vargas, a pretexto de atender aos reclamos do nosso homem do campo e de aprimorar a produção agrícola no País, ensejou, tão somente, a concessão indevida de terras aos apaniguados da Ditadura, conforme se evidencia a seguir. Todavia, a implantação pelo mesmo Governo de Colônias Agrícolas Nacionais, visando o aproveitamento de terras supostamente devolutas, ainda que feita de maneira atabalhoada, deixou no Paraná, um saldo positivo, ao propiciar, a marcha rumo as nossas fronteiras com o Paraguai e a Argentina, promovendo a ocupação física e o aproveitamento de uma extensa e fértil região até então inexplorada. (1986, p. 21).

O poder público contribuiu para que a questão fundiária no Brasil se agravasse cada vez mais quando este protegia os autores da corrupção promulgando leis como alternativas de refúgio para este tipo de crime. Ficou evidente que o projeto das Granjas modelo do governo de Getúlio Vargas favoreceu de forma indevida a membros do autoescalão dos poderes públicos e privados.

A partir da política intervencionista de Getúlio Vargas começaram a chegar inúmeras famílias ao Sudoeste do Paraná. Os Decretos de Vargas possibilitaram a colonização do Sudoeste. Podemos afirmar que o povoamento, o desenvolvimento do Sudoeste do Paraná se deu dentro do contexto da crise do sistema capitalista. Foi através da intervenção estatal na economia brasileira, que Vargas tentou revitalizá-lo mediante a política da Marcha para o Oeste.

Foi neste contexto de expansão das fronteiras do sistema capitalista visando superar a crise que foi instalada a Colônia Agrícola Nacional General Osório – CANGO, em 1943. De acordo com Martins, esta foi uma das iniciativas tomada “pelo Presidente Vargas em 12 de março de 1943, com o objetivo de promover a ocupação física da rica e extensa faixa de nossa fronteira, fixando nela, inicialmente reservistas [...] para a prestação do serviço militar obrigatório” (1998, p. 26).

A CANGO deu início ao processo de colonização com a distribuição de terras aos colonos vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Tal medida entrou em choque com os interesses das companhias colonizadoras que disputavam judicialmente a posse das terras da região. Não é objetivo dessa pesquisa, mas para dar conta dessa

recomendamos os escritos de Lazier (1998), Fiorese (2000), Wachowicz (2002) e Cattelan (2014).

Com a instalação da CITLA em 1951, iniciaram-se os conflitos contra os projetos da CANGO. A CITLA agindo ilegalmente acabou por comprometer projetos importantes idealizados pela Colônia Agrícola. Esta companhia se tornou um grande obstáculo atrapalhando o processo de assentamento de colonos no Sudoeste do Paraná. Conforme Cattelan, “a CITLA exigia a retirada da CANGO das terras, que supostamente as pertencia. Mesmo com o processo de pagamento da dívida correndo na justiça, a CITLA tentou se apropriar das terras” (2014, p. 105).

A partir da indiferença do Estado paranaense, que tudo leva a crer que foi motivado por interesses particulares, fez com que “os posseiros e o povo do Sudoeste do Paraná resolveram colocar um paradeiro naquele estado de coisas fazendo justiça com suas próprias mãos” (LAZIER, 1986, p.76). De acordo com Cattelan, “aconteceu o primeiro confronto entre jagunços e colonos em 2 de agosto de 1957 no distrito do Verê” (2014, p. 113). A polícia em vez de defender os colonos os desarmava e muitas vezes os espancava.

Como resposta a estes atos de violência, as lideranças das colônias e da cidade se articularam como tentativa de desestabilizar a CITLA. A companhia respondeu com tentativas de subornos. Não tendo êxito, eles passam a ser ameaçados pelos jagunços das companhias.

A paciência se esgotou e os posseiros se organizaram para demonstrar resistência ao que estava acontecendo. “Nos meses de agosto, setembro e outubro de 1957, a situação demonstrava-se mais grave. O número de mortes e o nível de violência em diversos municípios haviam aumentado consideravelmente” (FIORESE, 2000, 69). Os posseiros começaram a se manifestar abertamente pelas ruas contra as companhias na região. Assim aconteceu em Barracão, Capanema, Pato Branco, Santo Antônio. Em Francisco Beltrão, as manifestações aconteceram “no dia 10 de outubro de 1957. Foi o coroamento da luta, pois nesta cidade funcionavam os escritórios da CITLA e da COMERCIAL. Era o quartel general dos jagunços” (LAZIER, Revista Jubileu de Prata s/d, p. 5-27). Os posseiros sentindo que as companhias haviam perdido o controle da situação iniciaram a “depredação dos escritórios das companhias. Tudo foi jogado para a rua, principalmente as notas promissórias” (LAZIER, s/d p. 5-27).

Muito embora tivesse encerrado o conflito entre os posseiros e as companhias que se diziam serem as legítimas proprietárias das terras dos assentados, o maior flagelo

para o sudoeste foi o período de cinco anos entre o levante de 1957 e a criação do GETSOP³⁹. Enquanto a questão das titulações das terras não era resolvida, pairava um clima de inquietação e insegurança no Sudoeste. Isto porque “ninguém na região sentia-se proprietário e nem posseiro” (WACHOWICZ, 2002, p. 228).

O GETSOP surgiu em um momento tenso na região sudoeste como alternativa para colocar fim a inúmeras injustiças que durante anos, a classe agrária trabalhadora do sudoeste paranaense vinha passando. Para Lazier, “a criação do GESTOP foi uma verdadeira reforma agrária no bom sentido, que é não só distribuir terras, mas também, dar assistência ao colono na região. O GETSOP programou e executou tais medidas” (s/d, p. 5-27)⁴⁰.

A regularização da posse da terra possibilitou a modernização da agricultura, permitindo que os agricultores tivessem acesso ao crédito agrícola, podendo investir em máquinas, adubos químicos, venenos e sementes selecionadas.

Ficou claro que a região Sudoeste do Paraná se desenvolveu e correspondeu ao pretendido pelo governo brasileiro se constituindo em uma região de grande produção agrícola. Para demonstrar o crescimento da região, reproduzimos um quadro evidenciando o avanço populacional entre 1940 e 1975.

Quadro 4 A população da Região Sudoeste 1940 a 1975.

ANO	POPULAÇÃO
1940	17.240
1950	53.972
1960	211.534
1970	446.360
1975	555.000

Fonte: Lazier, (1986, p. 109).

Ao concluir este tópico, fica evidente a passagem do modelo de produção de subsistência para o modelo de exportação. Os dados mostram o rápido crescimento da região e a expansão demográfica do Sudoeste.

³⁹ GETSOP: Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná. Esta entidade foi criada pelo Decreto nº 51.131, de 19 de março de 1962, pelo presidente João Goulart para regularizar as terras em conflito.

⁴⁰ Para um maior aprofundamento neste assunto, indicamos Cattelan (2014), Lazier (s/d, 2004) e Wachowicz (1985).

2.2 A chegada das Irmãs e a instalação provisória em Francisco Beltrão

Mas qual era a situação da Prelazia de Palmas quando as Irmãs Escolares aqui chegaram? Quais foram os pontos concretos da reforma que aconteceram na Prelazia⁴¹ de Palmas? Para Diel:

A reforma Católica se dá em dois sentidos. Primeiro, na formação dos novos padres, construindo o Seminário São João Maria Vianey fundado em 1939. Este tinha como objetivo preparar jovens para receberem o múnus sacerdotal dentro dos padrões, de um clero sábio, virtuoso e celibatário. Além disso, devoto e obediente. Com o clero já formado, chamar para uma vida exemplar. Em segundo plano, esta proposta se estendia para a formação da elite local que, com a criação do colégio católico praticamente anexo ao seminário, passa a usufruir da rígida e profunda educação católica. Este é o caso de inúmeras escolas, tais como a Escola Bom Pastor de Chapecó, criada em 1947. Assim foi em Palmas, Beltrão, Xaxim, Vargeão e outros lugares (2004, 106).

Percebe-se que a reforma que aconteceu na prelazia de Palmas, estava dentro das normas da Cúria Romana que observava as decisões tomadas no Concílio de Trento⁴². Para a Cúria Romana, o clero brasileiro era considerado fracassado, sem cultura, desmoralizado e despreparado para trabalhar com as comunidades. Para tanto, era preciso investir na formação dos novos padres para que o projeto funcionasse dentro da proposta padronizada pela Cúria Romana. Com este estilo de reforma, a Cúria Romana alcançaria seus objetivos isto é: um clero bem preparado intelectualmente, devoto, celibatário e obediente.

No segundo plano, centrou-se na formação da elite local. Neste aspecto, foi importante a função dos Colégios Católicos. Foram através desses Colégios que as elites receberam uma formação católica dentro dos padrões do catolicismo europeu. As Congregações femininas e masculinas vieram para prestar este serviço: educar a partir dos princípios católicos.

Este modelo de reforma adotado pela Igreja de Palmas segundo Diel necessariamente exigiu a presença de “novos agentes religiosos, principalmente as congregações femininas, que viriam justamente para atender esta nova demanda. Desta

⁴¹ Segundo Diel (2004) o processo da passagem do nome de Prelazia de Palmas para Diocese de Palmas se deu a partir de 1958.

⁴² O Concílio de Trento foi realizado na cidade de Trento região norte da Itália em (1545-1563). Neste Concílio, tomaram decisões importantes a respeito da formação intelectual dos futuros padres da Igreja e também questões sacramentais e litúrgicas, visando combater o avanço da reforma protestante.

forma se compreende a presença de grande número de congregações que entram na Prelazia de Palmas neste período” (2004, p. 106).

A partir deste modelo de cristianização chegaram inúmeras congregações para educar a partir da fé católica. De acordo Diel, a partir de “1941 chegam a Chapecó as Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora [...]. Em 1951 chegam também em Chapecó, com ereção da casa, as Irmãs da Caridade de São Vicente de Paula e em 1952 [...] as aspirantes e juvenistas das Irmãs de São Carlos Borromeu” (2004, p. 106).

As Irmãs se inseriam nesta região com uma missão muito clara: dar continuidade ao projeto de expansão da cristandade católica dentro do padrão europeu, sob orientação da Cúria Romana. Um dos principais meios para que o cristianismo católico pudesse chegar até as pessoas, era através da escola. Esta foi a estratégia da Igreja Católica adotada para formar as crianças das classes menos favorecidas bem como da elite agrária e urbano da região, dentro dos princípios católicos. Concomitantemente a este projeto de expansão, as religiosas aproveitaram a oportunidade para ampliar o quadro vocacional e fortalecer a Congregação.

Como as congregações deveriam desenvolver suas atividades? Havia algum contrato, algum acordo entre a Prelazia e as congregações?

Segundo Diel:

A dita casa será anexa à obra de um estabelecimento escolar. Em virtude das presentes letras autorizamos a abertura de um oratório semi-público dentro da mencionada casa, sob as seguintes condições: 1. Que tudo se observem o que mandam os sagrados quanto à locação do oratório e conservação digníssima das Sagradas espécies. 2. Que aos domingos e dias santos de guarda, bem como as cerimônias especiais da Paróquia, as Reverendas Irmãs conduzam seus educandos a Igreja Matriz, para lá assistirem os atos religiosos (2004, p. 106).

Diel evidenciou que havia um acordo entre a Prelazia e as congregações quando estas chegavam e se instalavam em determinado município ou vila. A casa poderia ser anexa a uma escola, a qual ficaria sob a responsabilidade e administração das irmãs demonstrando que ali estavam presentes religiosos que tinham autorização das autoridades da Igreja para o curso. Este acordo acontecia sob dois pontos fundamentais: no primeiro se evidencia que um oratório semipúblico (capela) deveria estar em condições dignas de um espaço sagrado, ou seja, limpo e bem ornado para a conservação da eucaristia, a prática de meditação e oração da comunidade. A segunda

condição era que as religiosas deveriam levar as crianças à Igreja aos domingos, para a participação nas missas e nas celebrações especiais.

Conforme afirmação de Frei Teodoro⁴³ citada por Diel:

De tudo me desfaço espontaneamente, contanto que se salve a educação da minha meninada nesta cidade, que haja quem lhes ensine o catecismo, quem os faz ir à Igreja, quem lhes faça ter gosto de ir a Igreja, quem lhes transmita sentimento de religião, quem faça surgir para a Prelazia uma geração melhor, cheia de entusiasmos e zelo por Cristo, disposta a formar um dia a Ação Católica salvadora (...) o principal é inculcar no ânimo dos meninos os sentimentos verdadeiros de cristão católico, não só o conhecimento intelectual das verdades do catecismo, mas a fé cristã. (2004, p.107).

Pelo fragmento acima, entende-se claramente qual era o objetivo das escolas: reformar a Igreja a partir da educação escolar católica. Frei Teodoro que trabalhava na Paróquia de Chapecó – SC entendia a educação escolar como um mecanismo indispensável para a reforma da Igreja. Fica evidente o quanto Frei Teodoro compreendeu o papel fundamental da educação, como instrumento de transformação social para as mudanças necessárias. A Prelazia de Palmas estava neste mesmo processo de reforma, inculcando a formação escolar pela catequese, entendia-se que além da formação intelectual, formaria o carácter dos jovens e influenciariam diretamente também no comportamento da juventude.

Como vimos com a chegada das irmãs em Vila Marrecas (depois Francisco Beltrão), aconteceu em um momento em que a região Sudoeste estava em pleno início do seu desenvolvimento. As disputas por terras entre companhias e agricultores foram intensas. As religiosas, quando aqui chegaram, encontraram muito para ser feito. A educação estava em um estado precário havendo apenas escolinhas e escolas multisseriadas como indicou Cattelan (2014). Com a presença da CANGO e mais tarde com o GETSOP, a situação foi se acalmando e a cidade seguiu o seu itinerário de desenvolvimento econômico, social e educacional. Nesse contexto, a própria igreja estava se constituindo, criando paróquias, ou seja, estava tudo por se fazer.

Segundo Lazier (1982), no dia 20 de Janeiro de 1952, as Irmãs chegaram e se hospedaram na casa do Sr. Guerino Fabris. Lazier mencionou que “o bispo não era muito favorável à construção de mais uma escola” (LAZIER, 1982, p. s/p). No entendimento de Dom Carlos a região, era pobre e já havia uma escola pública estadual.

⁴³ Frei Teodoro foi Frade Menor e pertenceu à Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil da Ordem dos Frades Menores. Frei Teodoro trabalhou por muitos anos na Diocese de Chapecó – SC.

Mesmo assim, Dom Carlos aconselhou que as Irmãs fizessem uma sondagem antes de tomar qualquer iniciativa. Depois de avaliarem a realidade local, “as Irmãs entenderam que seria viável um colégio administrado por elas” (LAZIER, 1982, s/p).

A fotografia a seguir, é um registro da chegada das Irmãs e o possível primeiro encontro com Dom Frei Carlos Saboia Bandeira, da Ordem dos Frades Menores da Província da Imaculada Conceição do Brasil, bispo da Prelazia de Palmas no Sudoeste do Paraná, junto com Frei Deodato, também da Ordem dos Frades Menores. As demais pessoas presentes na foto, possivelmente eram pessoas da comunidade que se comprometeram com a construção e implantação do Instituto Nossa Senhora Glória, na cidade de Francisco Beltrão - PR.

Fotografia 5 Chegada das Irmãs em 1952 e o 1º encontro com o Bispo Diocesano em Francisco Beltrão.



Fonte: Arquivos do Colégio Nossa Senhora da Glória. Álbum Histórico (s/d, s/p).

As irmãs chegaram e dias depois já iniciaram os trabalhos escolares em caráter provisório, em locais alugados ou emprestados pelos membros da igreja.

Conforme registrado na Crônica:

As aulas no Instituto Nossa Senhora da Glória tiveram início no dia 2 de fevereiro de 1952. O número de alunos era de 51 meninos e 71 meninas. Não dispúnhamos de edifício próprio. Lecionávamos em salas emprestadas isto é: no salão de cinema e numa ex-casa de

comércio (CRÔNICA ESCOLAR DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, 1962, s/p)⁴⁴.

Como registrado, as aulas do Instituto Nossa Senhora da Glória iniciaram no dia 02⁴⁵ de Fevereiro de 1952 com um número de 122 alunos, entre meninos e meninas. Devido às circunstâncias precárias do momento, as Irmãs não tinham ainda uma sede própria. Assim as primeiras aulas aconteceram em uma antiga casa de comércio cedida pelo Sr. Vicente Longo e no cinema da cidade. Muito provavelmente, tanto os meninos, quanto as meninas estudavam na mesma sala, O Instituto Nossa Senhora da Glória "obteve oficialmente o registro definitivo sob o nº 280 para funcionar em 10/09/1952" (PARANÁ. COLÉGIO ESTADUAL MÁRIO DE ANDRADE PLANEJAMENTO PRÉVIO PRIMEIRO COMPLEXO, s/d, p. 22).

Mas onde realmente foi o local em que aconteceram as primeiras aulas com as Religiosas Escolares? Conforme Gaglioto⁴⁶ [...] "eu acredito que pelo o que eu lembro, ficava onde hoje se encontra pavilhão da Igreja Concatedral Nossa Senhora da Glória. Nós sabíamos que as freiras moravam ali. Agora não lembro se elas lecionavam também ali, mas acredito que sim" (2015). A depoente confirmou que o Colégio funcionou por um determinado período naquele local até que as Religiosas construíssem o Colégio de forma definitiva: Referente aos anos que a escola funcionou naquele local a depoente disse: [...] "Pois é agora fica um pouco complicado pra ter uma certeza, mas enfim, eu acredito que funcionou como Escola e moradia acima de 5 anos" (2015). Depois conforme a depoente o colégio se instalou: [...] "na CANGO é eles falavam o Colégio das freiras no morro do Calvário. Era assim que falavam" (2015). A depoente não lembra mais com toda a segurança dos locais que frequentou as escolas. Segundo os registros de época e outros estudos a 1ª sala funcionou na antiga casa de comércio do senhor Vicente Longo.

⁴⁴ As crônicas são registros que sintetizam as atividades anuais. Esta crônica corresponde ao período de 1952 a 1962 e se apresenta de forma manuscrita. Está localizada no arquivo do Colégio Nossa Senhora da Glória.

⁴⁵ Há uma divergência sobre a data do primeiro dia de aula. O livro de Crônica da Escola descreveu que foi no dia 02 de fevereiro. Já o livro de Crônicas "HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS" descreveu que foi no dia 15 de fevereiro. O Álbum de Fotografias do Arquivo do Instituto Nossa Senhora da Glória também destacou o dia 15 de fevereiro de 1952, como sendo o dia da aula inaugural. Analisando os anos seguintes no livro de Crônicas da Escola, normalmente as aulas sempre iniciaram no dia 15 de fevereiro de cada ano ou, sempre próxima a esta data. Com base nestas análises, entendemos que muito provavelmente, a aula inaugural ocorreu no dia 15 de Fevereiro de 1952.

⁴⁶ Elena Gaglioto nasceu no município de Encantado no Rio Grande do Sul e pertence a uma das famílias pioneiras no município de Francisco Beltrão. Elena não estudou no Glória. Católica praticante, Elena é empresária há mais de 60 anos no ramo de peças para automóveis e gentilmente contribuiu com esta pesquisa relatando dados importantes. Entrevista concedida a Moacir Belliato no dia 8 de Dezembro de 2015.

Pela fotografia seguinte, podemos visualizar a antiga casa de comércio do Sr. Vicente Longo com muitas crianças, familiares e autoridades da cidade, para participar da solenidade da aula inaugural do Instituto Nossa Senhora da Glória. Segundo o livro das Crônicas, Irmã Maria Iluminata Singer⁴⁷ a primeira professora do Instituto acompanhou as crianças em procissão até o local da aula inaugural.

Fotografia 6 Casa comercial que serviu de escola em 1952.



Fonte: Arquivos do Colégio Nossa Senhora da Glória. Álbum Histórico (s/d, s/p).

O processo educacional foi rapidamente se expandindo e conforme o livro de Crônicas referente a 1952, no dia 15 de fevereiro as Irmãs receberam mais uma sala de aula: o Cinema. “Agora podemos separar nossas crianças e ensiná-las melhor” (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1973, s/p).

⁴⁷ Irmã Maria Iluminata Singer nasceu em 12 de junho de 1904 em Engelsdorf – Alemanha. Em 19 de agosto de 1931 fez os votos de profissão religiosa. Veio ao Brasil como missionária no início dos trabalhos no Estado de São Paulo onde trabalhou por vários anos. Depois foi transferida para Francisco Beltrão para auxiliar nos projetos educacionais da Congregação sendo a primeira professora do Colégio Nossa Senhora da Glória. Faleceu em 21 de junho de 2006 em São Paulo – Brasil.

Fotografia 7 Irmã Maria Iluminata Singer,



Fonte: Arquivo Nossa Senhora da Glória (2006).

Sobre as instalações escolares da época Lazier afirmou:

Após o 5º dia de aulas na loja do Sr. Vicente Longo, uma parte dos alunos mudou para o Cinema, pertencente a Arthur Nacker. As aulas no cinema, também não eram fáceis principalmente no inverno. Com as janelas abertas as crianças tremiam de frio. Fechando as janelas ficava escuro, pois não havia iluminação pública (1982 s/p).⁴⁸

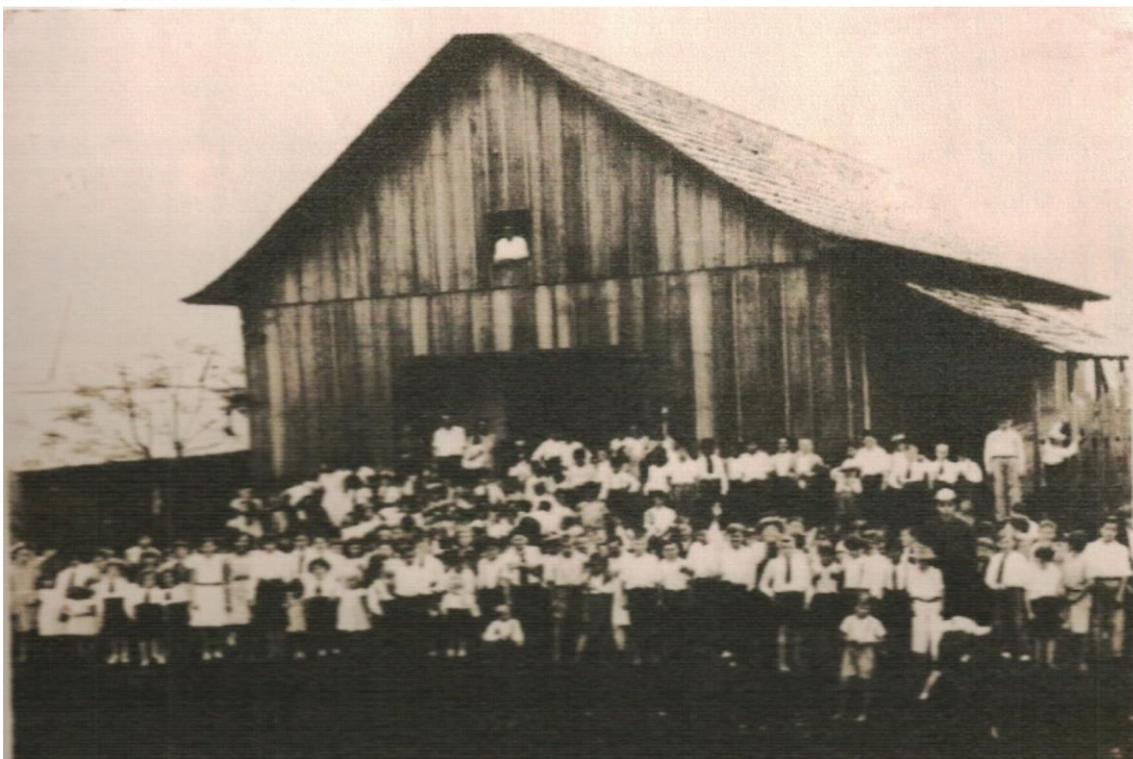
Com o remanejamento de uma parte das crianças da antiga casa de comércio para o Cinema, as turmas ficaram melhores distribuídas. Porém, como ainda não havia a iluminação pública, tanto as Irmãs, quanto os alunos ainda enfrentavam alguns problemas de organização, bem como o típico frio do inverno do Sudoeste do Paraná

⁴⁸ Lazier ao se referir ao 5º dia não esclareceu a data da mudança de uma parte dos alunos para o Cinema. As crônicas registram dia 15 que pode ser 20 de fevereiro, caso as aulas tenham iniciadas no dia 15 de fevereiro como também foi indicado pelos próprios registros das irmãs.

que era muito intenso. Irmã Inês Terezinha Pontermayer,⁴⁹ na Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora há 40 anos, relatou que "[...] as Irmãs chegaram em Francisco Beltrão de forma definitiva, em fevereiro de 1952 a pedido do bispo local. Na época, o pároco era Frei Deodato que também era de origem alemã" (2015). Ainda, esclareceu, "[...] quando as Irmãs chegaram em Francisco Beltrão, tinham poucas casas e por esta razão, elas precisaram se hospedar nas casas das famílias" (2015).

A irmã relatou a organização inicial das salas de aulas: "No início, as aulas eram dadas no cinema que havia em Francisco Beltrão, depois, o cinema pegou fogo" (2015)⁵⁰. Na próxima fotografia, podemos visualizar a segunda sala de aula do Instituto Nossa Senhora Glória em Francisco Beltrão, o Cinema da cidade construído em madeira.

Fotografia 8 Cinema de Francisco Beltrão - 2º. sala de aula provisória do Instituto Nossa Senhora da Glória 1952.



Fonte: Arquivos do Colégio Nossa Senhora da Glória. Álbum Histórico (s/d, s/p).

⁴⁹ Entrevista concedida a Moacir Belliato no dia 19 de Maio de 2015. Irmã Inês é Religiosa Escolar e há anos atua na periferia de Francisco Beltrão no bairro Padre Ulrico na pastoral e catequese de crianças, jovens e adultos. Uma curiosidade: Irmã Inês por opção usa o transporte público e faz visitas às famílias a pé.

⁵⁰ Constata-se uma certa indefinição sobre o primeiro local como sala de aula pois, Pontermayer não cita a casa de comércio do Sr. Vicente Longo como local da aula inaugural. Conforme a entrevista fica claro que as primeiras aulas aconteceram no cinema da cidade. A crônica como vimos, cita como sendo a casa de comércio a primeira sala de aula.

A imagem evidencia que cada ano que passava, o projeto educacional das Irmãs Escolares se expandia. Assim mais uma vez, a comissão do Colégio precisou se reunir para novamente encontrar uma solução para o problema de superlotação nas salas de aulas. Após a reunião, decidiram pelo salão paroquial construído em madeira, que serviu como espaço utilizado pelo Instituto Nossa Senhora da Glória. Na foto que segue do salão paroquial aparece ao centro, Frei Deodato e as Irmãs entre as crianças da Escola.

Fotografia 9 Salão Paroquial, 3ª Sala de aula provisória do Instituto Nossa Senhora da Glória, 1952.



Fonte: Arquivos do Colégio Nossa Senhora da Glória. Álbum Histórico (s/s, s/p).

Segundo Lazier, “o número de alunos crescia anualmente e aconteceu que o salão paroquial ficou pequeno para a realização das aulas, logo as Irmãs perceberam a necessidade de um espaço maior para a escola” (1982, s/p).

Quadro 5 Número de Alunos do Colégio Nossa Senhora da Glória entre 1952 a 1955.

CURSO PRIMÁRIO	MENINOS	MENINAS	TOTAL
1952	51	71	122
1953	70	97	167
1954	67	89	156
1955	70	93	163
JARDIM DE INFÂNCIA	-	-	58

1954 -1955			
TOTAL	-	-	666

Fonte: Arquivos do Colégio Nossa Senhora da Glória. Livro de Crônicas da Escola (s/d, s/p).

Ao fechar este tópico, enfatizamos o processo de expansão do Instituto Nossa Senhora da Glória. A escola que iniciou a sua trajetória de forma improvisada e precária, aos poucos foi se estruturando, com arranjos de espaços, para atender o número de matrículas que crescia ano após ano.

O número expressivo de matrículas não permitia mais continuar com aquele formato de escola em locais improvisados e apertados. Assim surgiu uma proposta para a construção de um Colégio, para acolher melhor as crianças, com o incentivo da CANGO.

2.3 A Construção do Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO

Depois de algumas sondagens para uma possível construção no terreno da Rua Tenente Camargo, de repente, surgiu uma proposta inesperada para a construção de um colégio na CANGO. Tal proposta despertou o interesse das irmãs pelo projeto, visto que as condições financeiras da congregação ainda eram precárias.

Conforme a Crônica:

No final do ano surge uma nova possibilidade de construir um Colégio no terreno. Nesta caminhada de pedir material para a construção do colégio no terreno do Faedo, as Irmãs dirigiram-se também ao administrador da CANGO, Colônia dirigida diretamente do Rio de Janeiro. Quando apresentamos o nosso pedido, ele disse: podemos ver com nossos colonos. Mas eu tenho um outro plano, o qual já apresentei ao Ministério no Rio de Janeiro. Este já consentiu. Se as Irmãs constroem seu Colégio nesta Colônia Federal, vão receber o terreno, a maior parte do material, os cepos, caibros, tábuas, que parecerá uma construção de material. Receberão telhas pregos tudo de graça. Nós deveríamos contratar os carpinteiros e pagar. O administrador ia supervisionar a obra e o Colégio ficará pronto dentro de um ano, até fevereiro de 1955. (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS 1975, s/p).

Com a necessidade de expandir a escola, as irmãs iniciaram uma campanha para a arrecadação de doações fazendo promoções e buscando doações da Alemanha. Criou-se assim, a possibilidade das Irmãs iniciarem a construção do Colégio na Rua Tenente Camargo ainda em 1953. Diante desta oportunidade, elas começaram se articular e iniciaram as visitas aos comerciantes para pedir materiais para a construção. As Irmãs foram até o administrador da CANGO o Sr. Glauco Olinger para conversar sobre o projeto e ver se conseguiriam alguma doação. As religiosas receberam outra proposta do

administrador. Ele propôs às irmãs a doação do terreno, os materiais necessários como pregos, toras e tábuas e outros que seriam usados na construção desde que acertassem construir o Colégio na CANGO. As irmãs pagariam somente a mão de obra. Em troca, os filhos dos colonos da CANGO estudariam gratuitamente na escola.

A proposta do Sr. Glauco tinha aprovação do Ministério do Rio de Janeiro, ou seja, o Sr. Glauco Olinger soube do interesse das Irmãs em construir um Colégio e se antecipou, solicitando autorização do Ministério para fazer uma proposta para as irmãs. Tratou-se de uma proposta irrecusável. Inclusive, o administrador garantiu a data da entrega do Colégio até 20 de fevereiro de 1955. Por que este interesse em ajudar as Irmãs com tantos favores e privilégios oferecidos pela CANGO? Talvez pelo interesse da CANGO não somente em assentar as familiares, mas também oferecer para seus filhos uma educação básica de qualidade? Ou será que o objetivo era criar mais atrativos para trazer novos colonos para a região? Como esse não é nosso objetivo central de estudos, não cabe a nós responder essas questões no momento.

Segundo a Crônica:

Frei Deodato foi junto com as Irmãs ter com Dr. Glauco; que mostrou o terreno, ao lado da estrada militar, aos pés de uma colina, que se vê de longe. Ele Dr. Glauco, cederia para as Irmãs 100 x 100 metros. O terreno e a construção tornar-se-iam propriedades das Irmãs. O desagradável neste caso é que o terreno fica longe do centro, da Igreja. Quem deve decidir, deve vir e ver. Dr. Glauco expôs que no fim do mês viriam seus tratores para mover a terra e colocar para a ponte. Aí já aproveitaria as máquinas para aplainar o terreno para o Colégio e as serrarias poderiam trabalhar exclusivamente para o Colégio. O pai da Alvina estava entusiasmado, pois assim ficaria livre de pedir, pedir. Ir. Iluminata partiu para S. Paulo, antes da festa de Natal (HISTORIA REMOTA DE MARRECCAS, 1975, s/p).

Ao receber a proposta de doação da CANGO, as Irmãs não hesitaram e foram conversar com Frei Deodato. Assim que o Frei tomou conhecimento da proposta, acompanhou as religiosas até o administrador da Colônia para se inteirar melhor. A CANGO doaria um terreno com dez (10) mil metros quadrados para a construção de uma escola, que seria de propriedade das Irmãs Escolares. O Sr. Glauco informou que no final do mês as máquinas viriam para trabalhar na ponte sobre o Rio Marrecas e já aproveitaria para executar a terra planagem para o colégio. A crônica registrou que o pai, provavelmente de uma candidata a vida religiosa, de nome Alvina, ficou muito animado, uma vez que este já estava cansado de tanto pedir donativos para a construção do Colégio. A mesma crônica informou que a Irmã Iluminata foi para São Paulo,

provavelmente para se aconselhar com a superiora a respeito da considerável doação recebida, um terreno para a construção do Colégio.

Sobre os encaminhamentos para a construção encontramos na crônica o seguinte:

Ir. Boaventura Gress veio substituir a mesma. Ir. Iluminata estava bem enraizada em Marrecas. Mas ela não demonstrou o quanto lhe custou a saída. [...] Ir. Boaventura escreve: "A viagem transcorreu muito bem. Só que me pergunto como podemos escolher um lugar tão distante e ela que voou a maior parte da viagem. Estou aqui há oito dias. Visitei os dois terrenos para a construção. Aconselhamo-nos com as lideranças, no próprio lugar, apresentando o plano para a construção. Frei Deodato, um outro Pe. Franciscano perfeito, Dr. Rubens, Dr. Walter, Dr. Glauco da Cango optaram pelo terreno na Cango pelos seguintes motivos: doação do terreno, material gratuito, administração durante a construção gratuita e água boa em abundância (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

A crônica registra que as irmãs não aceitaram prontamente a proposta, tiveram dúvidas sobre a localização do Colégio, mas foram convencidas pelas autoridades devido à viabilidade do projeto. A Superiora da Congregação transferiu Irmã Boaventura⁵¹ para Francisco Beltrão para cuidar da construção. Ela foi a articuladora do Colégio da CANGO do começo ao fim da obra. Encontramos na crônica o seguinte:

No dia 27 de Dezembro às 5 horas da tarde, reuniram-se o Frei Deodato, o prefeito e a comissão do colégio e mais alguns homens importantes da comunidade para ser decidido onde deve ser construído o colégio. Resultado: na CANGO. O primeiro terreno adquirido em 1951 e que já tinha valor de 100.000,00 fica para as Irmãs. Não pode ser vendido, O Sr. Faedo concordou (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Desta reunião, ficou acertado que o Colégio seria construído na CANGO por entenderem que as condições financeiras eram mais favoráveis. Mas, esta distância, não dificultaria o deslocamento da maioria das crianças até lá? Será que não foi uma decisão precipitada? Pelo que aparenta nos relatos, as irmãs foram convencidas a aceitar o projeto da CANGO, mas impuseram que o terreno da Rua Tenente Camargo não poderia ser vendido continuaria sendo propriedade delas. O Sr. Faedo que foi quem

⁵¹ Irmã Boaventura que até então era Superiora no Externato Imaculada Conceição em São Paulo. Ela era a segunda assistente Provincial e recebeu o encargo especial para a construção do Colégio Nossa Senhora da Glória em Francisco Beltrão. Irmã Boaventura revelou para tal missão talento e alegria de forma especial. Naturalmente enfrentar grandes sacrifícios, uma vez que não seria possível utilizar dinheiro da Província de São Paulo. Desta forma, ela enfrentaria este grande desafio com grande confiança em Deus.

vendeu a maioria dos lotes concordou. Assim, com todo o suporte recebido, inclusive o acompanhamento da obra pelo administrador, a Irmã Boaventura passou a tomar as decisões necessárias para iniciar a construção da escola.

De acordo com a Crônica referente ao ano de 1953:

Foi pedido ao administrador da CITLA - uma organização que vendia terras - que fizesse a escrituração do terreno como doação às Irmãs. Frei Deodato elaborou um requerimento ao governador como subvenção de 200.000,00 para o próximo ano. Dr. Rubens levou para Curitiba. A planta foi discutida com o Dr. Glauco, Dr. Rubens e Frei Deodato. Dr. Glauco iria executar a obra iniciando já em janeiro de 1954. A colocação do terreno é ótima e a floresta será derrubada só até quanto é necessário. O resto fica como parque. A água vem de uma fonte do mato, já está sendo conduzida em canos e está à disposição do Colégio. A Cango fornecerá o material da construção. Dr. Glauco administrará a obra em entendimento com a Irmã Boaventura. Assim as Irmãs tem a palavra decisiva. Se for da vontade de Deus, a obra surgirá. No final do ano foram para São Paulo 5 juvenistas, juntamente com as que estavam lá. Por tudo o que passou, que vivemos em 1953, o nosso OBRIGADO A DEUS e um louvado seja JESUS CRISTO, cheio de confiança (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

O texto da crônica revelou que o primeiro passo foi a confecção da Escritura solicitada à CITLA. Constata-se a ação política do Padre de Francisco Beltrão Frei Deodato. Como indicado, o frei escreveu um requerimento solicitando ao governador, verbas para a obra. Na oportunidade fez o pedido de 200.000, 00 (duzentos mil cruzeiros) para ser liberado no ano de 1954 para o início da construção do Colégio na CANGO. O pedido do padre, conforme indica a lei 1.363, de 26 de outubro de 1953 foi deferido.

A Assembleia Legislativa do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a seguinte lei: **Art. 1º.** Fica o Poder Executivo autorizado a abrir um crédito de Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros), destinado a auxiliar o Instituto Nossa Senhora da Glória, no município de Francisco Beltrão, para construção de sua sede própria. **Art. 2º.** Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário (PARANÁ. Lei n. 1.363 de 26 de outubro de 1953).

A aprovação da ajuda por parte do Estado evidencia a influência política do Frei Deodato na época. A partir do decreto da Assembleia Legislativa e a sanção do Governador Bento Munhoz da Rocha Neto, as Irmãs receberam uma contrapartida do Estado para colaboração na construção do Colégio na CANGO. O auxílio, ainda que minimamente do Estado em uma obra particular beneficiando uma Congregação

demonstrou um incentivo ao projeto, aliviando o Estado de investir em escolas para atender a demanda da cidade. A Colônia havia doado o terreno, o estado 200.000 cruzeiros. Para época uma importante ajuda.

O terreno estava situado em um local privilegiado e estrategicamente seguro por estar ao lado do batalhão das Forças Armadas do Exército Brasileiro. A água era potável, boa parte do material seria fornecida pela CANGO. O senhor Glauco se comprometeu em orientar a Irmã Boaventura, no que fosse necessário. Na Crônica encontramos o seguinte registro:

No dia 10 de janeiro há uma reunião, na qual será planejado como angariar fundos para a construção. O prefeito Dr. Rubens, o administrador da CANGO Dr. Glauco vão de casa em casa com uma lista. Dr. Rubens assina como primeiro Cr\$ 10.000,00 (Obs. Até hoje: 22. 5. 55 não pagou nenhum centavo). A coleta deu 4.500,00 líquido. No dia 30 de janeiro há uma festa no qual são vendidos objetos doados. Resultado: 17.000,00. Tivemos uma sorte especial, choveu durante o mês de janeiro, menos no dia 30. [...] No mês de fevereiro prepara-se ainda mais o terreno, são feitas covas fundas para 420 grandes troncos que são fixados na terra e que deverão sustentar toda a construção. [...] No dia seguinte em 25 de Abril voa de carona no avião do governador e de lá, para São Paulo e com a ajuda dos construtores entendidos encomenda todo o material para encanamento de água, e para instalações elétricas (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

No início de janeiro de 1954 a crônica registrou uma reunião cujo assunto central foi tratar da organização para arrecadar fundos em prol da construção do Colégio. Esses fundos, certamente seriam para as irmãs pagarem a mão de obra, pois a CANGO havia se comprometido a doar todo o material que fosse necessário. Os membros da comissão assumiram o compromisso de passar nas casas pedindo doações, o prefeito e o administrador da Colônia. As Irmãs registraram que o prefeito assinou a lista doando 10.000,00 cruzeiros, assinou a lista, mas não fez a doação. Àqueles que pagaram, apareceu a sigla pg. A coleta feita entre as famílias rendeu 4.500,00 cruzeiros. (Cf. anexo B).

No dia 30 de janeiro, foi realizada uma festa onde foram vendidos objetos doados pelas famílias e empresas da época. A venda dos objetos rendeu 17.000,00 (dezesete mil cruzeiros). O tempo bom colaborou com a promoção realizada, pois segundo informação, choveu muito no mês de janeiro, mas no dia da festa fez tempo bom. No mês de fevereiro, os funcionários da CANGO continuaram com a terra planagem e começaram a preparar a fundação. Irmã Boaventura seguiu no avião do

governador até Curitiba e de lá foi para São Paulo, para comprar toda a parte hidráulica e elétrica do Colégio.

Na crônica também se registrou alguns dos imprevistos da construção e das condições dos trabalhadores:

Não tendo dinheiro suficiente apelou para o caixa da Província e na volta comprou as 22.000 telhas perto de União da Vitória conseguindo o transporte gratuito. [...] As chuvas prolongadas de maio a junho atrasou o trabalho. No mês de outubro a construção cresce. O Sr. Otto Metzler, o mestre de obra, um alemão de Baden, trabalha incansavelmente com seus filhos. Ainda tem diversos filhos pequenos, 3 deles estão em nossa escola. Sua casa é uma pobre barraca. Já faz tempo que queria e devia construir moradia melhor, mas o tempo e o dinheiro não o permitem. Ele é pobre. [...] Como pode viver ele e seus operários? Dr. Glauco fornece-lhe alimento. Sr. Otto continua a trabalhar sem se mostrar aborrecido e espera ansiosamente o auxílio prometido pelo Estado. (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Na falta de recurso para a compra de materiais, a Irmã Boaventura recorreu à ajuda da Província. No retorno ao Paraná quando passou por União da Vitória, comprou as telhas. O material foi entregue em Beltrão sem custas. Conforme indicado, o clima chuvoso retardou o ritmo da construção. No entanto, quando chegou o mês de outubro, muita coisa já havia sido feita. O documento exaltou o compromisso que o Sr. Otto Metzlerer, carpinteiro responsável pela obra tinha pelo seu trabalho. Mesmo com dificuldades para receber o pagamento não se entregava para o cansaço e o desânimo. Mesmo morando em um barraco não desanimava com a construção da escola que também atendia seus filhos.

Segundo a Crônica, no final de 1954, a população de Francisco Beltrão levou um grande susto, fato que acabou retardando a construção da escola.

Conforme a Crônica:

As irmãs tiveram muito trabalho. Exame final para 15 do curso Primário, 12 adultos do Curso Noturno. No dia 12 de Dezembro de manhã tudo estava preparado. Mas aconteceu algo inesperado. Era dia 12 de dezembro de manhã, domingo. A grande Igreja de madeira era lotada até o último lugarzinho, quando aconteceu o inesperado, uma cena horrível. A missa estava no fim, os 27 diplomas para a entrega. Lá fora escureceu o céu, um temporal fortíssimo com vento e chuva desabou ao redor da igreja. Todos estavam contentes por estarem abrigados na igreja. De repente, portas e janelas, as paredes de tábuas, o teto curvou-se toda a igreja se abalou e se inclinou para um dos lados. O pânico apoderou-se de todos. O povo queria sair e não podia, pois, chovia terrivelmente. Telhas voaram para todos os lados. Uns

momentos horríveis (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Depois de um final de ano agitado na Escola, constata-se o cansaço das religiosas. Além das aulas no Colégio que estava ainda provisoriamente instalado na casa de comércio do Sr. Vicente Longo, no Cinema Cacique e no Salão Paroquial, havia a preocupação com a construção do Colégio na CANGO, aos cuidados de Irmã Boaventura Gress e comissão.

No domingo dia 12 de dezembro houve missa de formatura na Igreja. Tudo preparado para ser um dia importante para a Escola, os formandos e seus familiares. No entanto, aconteceu um sinistro que marcou a todos naquela manhã de domingo. Formou-se um temporal de repente surpreendendo a todos na igreja. Alguns tentaram sair do local, mas não podiam, pois ventava e chovia muito. As pessoas ficaram amedrontadas. Registrou-se que a Igreja por pouco não desabou. Como destacado na Crônica:

Mas não só a igreja, outros prédios da redondeza como: nosso colégio, o novo hospital do Dr. Walter e do Dr. Rubens, o novo prédio da administração e principalmente a construção de madeira do grupo escolar, quase pronta. Levou um ano até consertar os danos sofridos naquela hora sinistra. [...]. Os telhados de todas as casas foram danificados, uns mais outros menos. Casas frágeis foram deslocadas. Houve grandes prejuízos materiais o médico estava muito grato a Deus que ninguém foi machucado. No Colégio somente Irmã Sarolta e Ester estiveram em casa. O vento arrancou telhas, abriu portas e janelas. Logo apareceram homens dispostos para ajudar a arrumar umas coisas provisoriamente para a noite, depois consertaram todo o telhado. Terminou mais um ano. A nossa esperança de iniciar as aulas no colégio novo se desfez. Vimos que vai demorar mais um ano. Louvado seja Cristo na Alegria e no sofrimento (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Além do susto na igreja, constatou-se que muitos edifícios foram danificados como o Hospital, a Prefeitura Municipal, as Casas Comerciais, o Colégio das Irmãs em construção, bem como muitas outras residências na cidade. Algumas casas mais, outras um pouco menos, ou seja, o temporal causou prejuízo em diversos pontos da cidade. No Colégio (residência das irmãs) tão logo que a comunidade percebeu os estragos no edifício, apareceram homens para consertar, mesmo que provisoriamente, para que as Irmãs pudessem passar a noite em segurança e no dia seguinte, concluíram os reparos no telhado. A respeito do temporal ocorrido, não foi registrado nenhum óbito, mas os

estragos foram grandes, pois os reparos demoraram um ano até que tudo ficasse concertado em diversos pontos da cidade.

O ano de 1954 terminou e as Irmãs não conseguiram iniciar as aulas no Colégio da CANGO, devido às chuvas e por falta de recursos que contribuíram com os atrasos. Nem todas as doações se concretizaram. Mesmo assim, as Irmãs reconheceram que tiveram um ano bom. Algumas pessoas da comunidade se comprometeram em ajudar mensalmente para a construção da escola. O Dr. Walter foi uma dessas, fazendo a doação mensal de 1.000,00 (mil cruzeiros). Em 1955, as Irmãs iniciaram, o ano, animadas, apesar das dificuldades financeiras. Conforme registrado na Crônica:

As Irmãs continuaram cuidando, lutando, correndo, rezando para que a obra possa crescer. De 14 a 15 de março, Ir. Recaldis esteve em Marrecas. Ela foi testemunha do aperto das Irmãs. Irmã Recaldis veio de São Paulo com o reforço da Irmã Auxiliadora que recém tinha deixado o noviciado. As Irmãs queriam surpreender a Madre com uma alegria especial: apresentaram para ela 12 vocacionadas, que cumprimentaram. No dia seguinte ambas, Irmãs Recaldis e Irmã Boaventura foram ver a construção e constataram que já foi feito muito. [...] Irmã Boaventura conta: Fim de março consegui mais 50.000,00 após vencer muitos obstáculos (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

As religiosas não desanimaram e continuaram se empenhando para que a construção terminasse. Receberam a visita da Madre Superiora de São Paulo com a Irmã Auxiliadora para ajudar no reforço da comunidade de Francisco Beltrão. Como destacado, as vocações estavam aparecendo, visto que 12 vocacionadas entraram na Congregação. Esse jeito atendia um dos objetivos que trouxeram as religiosas para Francisco Beltrão, ou seja, a necessidade de aumentar o número de religiosas na Congregação. Com ingresso de brasileiras, a instituição ganhava uma identidade própria de religiosas brasileiras, uma vez que a Alemanha não estava enviando mais missionárias.

Na oportunidade, Irmã Boaventura conduziu a Madre para uma visita ao novo Colégio que a deixou animada por ver o avanço na construção. A Crônica também registrou que as irmãs também eram servidoras públicas.

Hoje o Sr. Cella trouxe a notícia da nomeação estadual como professora da Ir. Lúcia para o Instituto Nossa Senhora da Glória, recebendo o ordenado de 1.500,00. Isso significa um grande favor; era única nomeação concedida em Marrecas. Agradecemos a Deus por mais isso. O novo grupo escolar não funcionará ainda este ano. Nós

temos um bom número de alunos - 220, 3 internas e mais 2 para vir. (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

A crônica registrou uma questão intrigante: a irmã Lúcia foi nomeada para trabalhar na própria instituição? O Estado pagava professores para trabalhar em escolas particulares? Fica a impressão de que para o Estado era mais viável fazer um investimento irrisório, nomeando uma irmã professora de uma instituição particular e se isentando de maiores responsabilidades como: construir prédios escolares e oferecer mão de obra qualificada para a região, deixando de cumprir com suas obrigações, na área educacional.

A nomeação da Irmã Lucia pelo Estado aliviou um pouco a situação financeira difícil que as Irmãs estavam passando por causa da construção na CANGO. Apesar de todo o esforço, não foi possível inaugurar a Escola como pretendiam até o final de 1955. Os recursos do Estado chegavam sempre atrasado. Conforme registrado na Crônica:

Em 24.09.55 Ir. Boaventura está em Porto União: pede com urgência que S. Paulo envie os estatutos da sociedade Brasileira, pois não consegue retirar os Cr\$ 100.000,00 sem esse documento. Trabalham 11 homens na construção, 2 pintores e 2 pedreiros. Eles querem receber dinheiro. Nós precisamos da colaboração de muitos operários para que a construção fique pronta até 2 de fevereiro de 1956. (HISTORIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Os 11 funcionários da construção precisavam receber para o sustento de seus familiares. Por causa disso, Irmã Boaventura foi a Porto União tentar receber 100.000,00⁵² cruzeiros. O banco exigiu os estatutos da congregação para provar autenticidade da instituição para resgatar o dinheiro e quitar as dívidas da obra. Parece-nos que este recurso seria a primeira parcela destinada pelo governo do Estado. O que gera dúvidas é o fato de ter que ir para União da Vitória para receber. Será que na época nenhuma das cidades do Sudoeste havia agência de bancos ou postos de coletoria do Estado para fazer esse tipo de pagamento? Ou será que Irmã Boaventura preferiu ir a União da Vitória para aproveitar a ocasião e comprar materiais faltantes para a construção?

⁵²Estamos nos referindo ao requerimento feito por Frei Deodato de 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) conforme uma crônica já citada que se transformou na lei 1.363 de 26 de outubro de 1953. Parece-nos que esta verba não veio tudo de uma só vez. Talvez por isso que apareceu na crônica um valor de 100.000,00, que pode ser a primeira parcela. Ao mesmo tempo, havia toda uma burocracia como estatuto da Instituição para poder sacar o valor depositado. Se este recurso fosse da Alemanha via congregação, os trâmites seriam mais simplificados. Arriscamos em afirmar que neste caso, muito provavelmente não se tratava de recursos da Alemanha.

Em dezembro de 1955, segundo a Crônica, apareceu outro motivo para que o Colégio ficasse pronto dentro da data prevista:

A comissão da igreja precisou do espaço do colégio provisório. As Irmãs ficaram lá como inquilinas. Exigiu-se das Irmãs além dos outros trabalhos, a limpeza da igreja junto com as meninas. As Irmãs tiveram que cozinhar para os padres e as visitas. Mas tudo passou com a graça de Deus (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Com a obra em fase de finalização, aumentou a pressão sobre as religiosas para desocuparem o salão paroquial usado como sala de aula. Por isso, precisaram apressar a obra da CANGO. A crônica permite interpretar que as irmãs, como contrapartida pelo aluguel do salão paroquial, além do trabalho na catequese, formação de lideranças, também deveriam fazer a limpeza da Igreja e cuidariam da cozinha da casa paroquial.

Segundo Crônica:

No domingo, dia 15 de janeiro, reunião da comissão da Igreja e do Colégio. O assunto foi: A festa religiosa e civil. O programa seria 2 de fevereiro Santa Missa e apresentação do teatro. A grande festa popular pró-colégio era no salão e como sempre na praça da igreja. Ambas as festas exigiram muita preparação. [...] No dia 2 tudo estava programado. As 20 juvenistas revezaram-se em carregar a linda estátua de Nossa Senhora da Glória, em procissão rumo ao colégio. Adultos e crianças rezam e cantam. Quando chegamos perto do Colégio, toca o sino da torre do colégio (HISTORIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Finalmente o novo Colégio estava para ser inaugurado, as comissões se reuniram na metade de janeiro para organizar os preparativos para a festa no dia 2 de fevereiro de 1956. A programação contava com a missa em ação de graças e uma procissão da Igreja Nossa Senhora da Glória até o Colégio. A crônica confirmou que havia 20 juvenistas⁵³ envolvidas nos preparativos mostrando que a região continuava fértil em vocações. Durante o trajeto processional, as juvenistas alternavam-se entre si o traslado do andor com a imagem de Nossa Senhora da Glória. Conforme registrado na Crônica foi uma festa de grande participação popular:

Na fotografia que segue, podemos visualizar o Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO, na Avenida General Osório em 1956.

⁵³ Juvenistas: candidatas em fase de preparação para a Vida Religiosa.

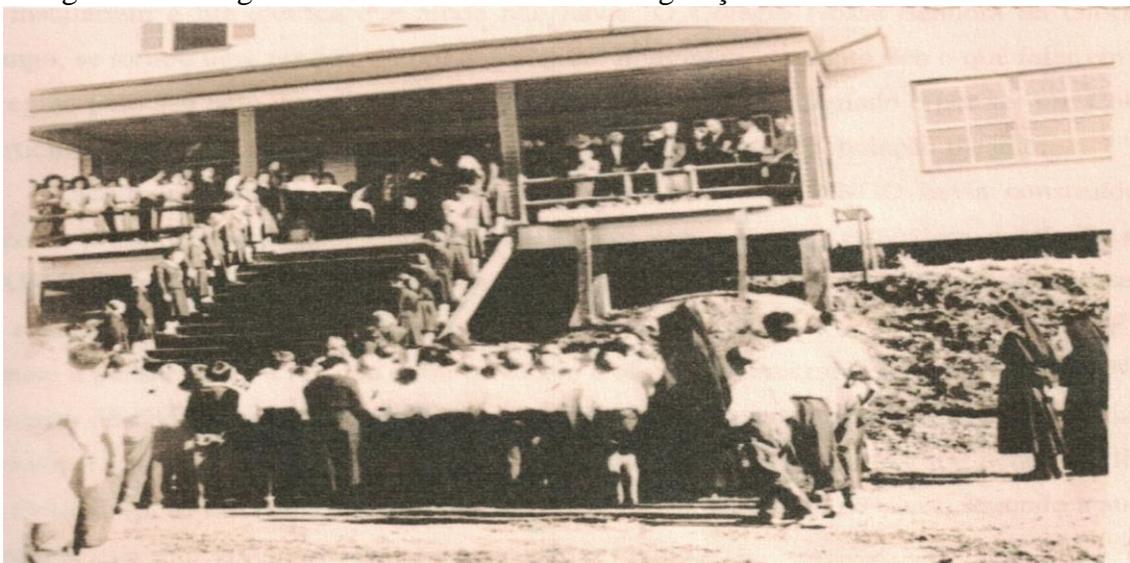
Fotografia 10 Inauguração do Instituto Nossa Senhora da Glória – CANGO - 2 de fevereiro de 1956.



Fonte: Acervo Colégio Nossa Senhora da Glória, (s/d, s/p).

A fotografia evidencia que se tratava de uma construção em madeira com 3 estruturas com várias janelas. Ao centro, a escadaria de acesso e a torre da capela. Sem dúvidas tratava-se de uma grande estrutura educacional, resultado da parceria entre as irmãs, a comunidade, o empresariado e as esferas públicas do município, do estado e governo federal.

Fotografia 11 Chegada da Procissão no dia da Inauguração em 02 de fevereiro de 1956.



Fonte: Acervo Nossa Senhora da Glória, (s/d, s/p).

A fotografia acima registrou o momento da chegada da procissão contando com a presença de alunos e alunas, bem como várias religiosas que vieram em procissão. Na escadaria de acesso a entrada, podemos visualizar as juvenistas em duas filas abrindo passagem para a entrada do andor com a Imagem de Nossa Senhora da Glória, padroeira do Colégio. Conforme Crônica:

Nos dias 3 e 4 de fevereiro, realiza-se a mudança do velho para o novo colégio por meio de viagens de caminhão. De sábado para domingo dormimos pela primeira vez no palácio. Diante de tudo isso, os pais têm seu receio. O grupo escolar recém-construído, de alvenaria fica bem mais perto, não se paga nada⁵⁴ [...]. Vieram mais alunos do que esperávamos 180 externas e 25 internas, meninos e meninas. Nas semanas seguintes as inscrições continuam. Chegamos 230 externos e 35 internos. Isso significa uma grande alegria para as irmãs, mas também uma boa medida de trabalhos para 5 Irmãs. Durante algum tempo o Colégio é cartão de visita, nos domingos, para amigos, curiosos, querem ver o colégio também por dentro (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

No outro dia, as religiosas começaram a desocupar o salão paroquial e se instalaram no novo Colégio, construído no terreno doado pela CANGO. Do sábado para o domingo já estavam morando no novo endereço. Chamou-nos a atenção um detalhe o pagamento de mensalidades nesta citação reportando ao grupo Escolar Suplicy. Essa expressão dizia respeito ao Colégio Suplicy. Se no Suplicy não pagava nada, isso significa que no Glória se pagava mensalidade? Sabemos que os alunos da CANGO eram isentos. Mas e os outros? O número de matrículas ultrapassou os 260 alunos, sendo muito significativo o número de 35 internas. O que isto significa? Significa que candidatas a religiosas continuavam aparecendo. A nova estrutura possibilitava receber novas meninas e realizar a formação das próprias irmãs.

A Crônica registrou que:

No dia 6/4 voltou Ir. Boaventura com dinheiro da Caixa Provincial. Assim deu para pagar as dívidas mais urgentes. Já estamos no mês de maio e os trabalhos parados chegam ao fim. Já temos para-raios. Os vitrais da capela que vieram de São Paulo, dão à casa o cunho de lugar de respeito. Janelas, portas receberam mais segurança. Porta de vidro à entrada da clausura, condutores para águas de chuva, lavanderia, rouparia, tudo está pronto. Em breve virá luz elétrica os postes já estão sendo colocados (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

⁵⁴ O grupo escolar recém-construído foi o Colégio Dr. Eduardo Virmond Suplicy.

Pareceu que Irmã Boaventura se ausentou da comunidade, por uns meses para buscar recursos em São Paulo para poder quitar as pendências da obra e fazer os ajustes finais, como a instalação dos vidros na Igreja, calhas de água etc. Apesar de todo esse esforço, o Colégio não tinha ainda disponível luz elétrica, pois ela ainda não estava presente em toda cidade. Outro detalhe, por um bom tempo, o Colégio Glória na CANGO tornou-se um ponto turístico, talvez pela novidade que representava naquele momento histórico para a cidade.

Cattelan (2014) mencionou uma “troca de favores” entre CANGO e as irmãs, em que as crianças da Colônia estudariam gratuitamente, no Colégio. Essa afirmação a respeito do ensino gratuito para as crianças da Colônia, também foi sustentada por Lazier.

A questão da gratuidade para os alunos da Colônia indicada por Lazier e Cattelan traz para o debate uma questão relevante. As Irmãs cobravam mensalidade dos pais para ensinar os alunos? Se para alguns, era gratuito, subtende-se que para outros não, ou seja, Lazier e Cattelan nos sugerem que alguns pagavam. Ainda a respeito das mensalidades, a depoente Neide Maria Ramello⁵⁵ afirmou que:

As irmãs começaram a cobrar mensalidade no momento em que houve uma separação entre Estado e o Colégio das Irmãs. Durante muitos anos as Irmãs tiveram um convênio com o Estado e sediam as salas, mas a direção era de responsabilidade das Irmãs. Então a partir do momento em que o Colégio Estadual Mário de Andrade foi construído onde hoje é o atual que o convênio foi encerrado” (RAMELLA, 2016).

Tomando como referência o depoimento da professora Neide, evidenciou-se como estava articulada a questão sobre as mensalidades, ou seja, havia um convênio com o Estado, isto significa que vinham recursos para o Colégio arcar com parte de suas despesas. De acordo com a depoente, depois da separação entre o Colégio Glória e o Colégio Estadual Mário de Andrade, obtendo sua sede própria, encerrou-se o convênio entre o Estado e o Colégio Glória e deste momento em diante, passou-se a cobrar

⁵⁵ Neide Maria Ramello nasceu em 9 de novembro de 1946 em Joaçaba Santa Catarina. Veio morar em Francisco Beltrão no ano de 1962. No início de 1963 começou a estudar no Colégio Nossa Senhora da Glória e concluiu a Escola Normal de grau Ginásial. De 1965 – 1967 estudou na Escola Regina Mundi. Em 1966 trabalhou no Colégio como secretária cedida pelo Estado para trabalhar no período noturno e atuou na escola em torno de uns 10 anos. Depois fez faculdade e continuou trabalhando como professora. Entrevista concedida a Moacir Belliato em 8 de dezembro de 2016.

mensalidades dos pais. Todavia é preciso afirmar que não encontramos mais indícios concretos de cobrança nem sobre o valor que se cobrava⁵⁶.

Embora o Colégio Glória da CANGO estivesse ficado pronto. Isto não significou que as Irmãs não estivessem passando por dificuldades financeiras. Sobre isso encontramos o seguinte registro. Em 1961 houve uma polêmica na Câmara de Vereadores a respeito do projeto de lei 17/61. Conforme registrado em 9 de abril de 1961, no Legislativo Beltronense:

Nesta sessão houve uma polêmica em torno do projeto 17/61, para a concessão de auxílio de CR\$ 100 mil ao Instituto Nossa Senhora da Glória pertencente às Irmãs Escolares de Nossa Senhora. O vereador Agostinho Michels fez um longo discurso lamentando a atitude da bancada do PTB que se negava a votar favoravelmente ao projeto de auxílio financeiro “a um estabelecimento que tanto contribuiu para a educação das crianças de nosso município”. Agostinho fez vários ataques à bancada trabalhista e ao prefeito, dizendo que ele estava “fazendo política com a administração e gastando dinheiro público com excesso de funcionários e pagando-os regamente”. Euclides Scalco usou a tribuna para reafirmar o que dissera na sessão anterior sobre o projeto em discussão. No tocante aos ataques proferidos ao vereador Pedro Marcon, não os julgou procedentes. Disse que já intercedera ao prefeito para que desse um auxílio àquele estabelecimento, refletido pela nomeação de três irmãs como professoras (LEGISLATIVO BELTRONENSE, s/d, s/p).

Pelo relato fica evidente que o clima foi tenso na Câmara por causa do indeferimento do projeto de lei 17/61 que solicitava uma ajuda financeira ao Colégio Glória. Isto demonstrou os problemas financeiros que o Colégio estava enfrentando. A questão que levantamos neste momento é: de onde partiu este projeto? Não está claro no texto acima. Pelo discurso apologético do vereador Agostinho Michels fica a suspeita de que pertencia a algum aliado político que tinha relações próximas com as religiosas ao e, tomar conhecimento das dificuldades financeira da instituição. Será que a contribuição do Glória na formação das crianças não se restringia a elite municipal, ficando excluídas as crianças mais pobres? Vale recordar que os alunos da CANGO não representavam a elite e eram isentos por um acordo firmado anteriormente entre o administrador e as irmãs.

Ficou evidente no texto que havia uma disputa política quando Euclides Scalco afirmou que havia intercedido junto ao prefeito municipal para a nomeação de três

⁵⁶ Existem vários indícios no presente texto que evidenciam que não havia uma cobrança sistemática de mensalidades, antes do final da década de 1970. Mas certamente, além da ajuda do estado e município, as irmãs recebiam doações de diversas formas da comunidade.

irmãs “daquele estabelecimento” como professoras. Como vimos, a saída sugerida por Scalco foi a nomeação de três irmãs professoras, pelo município. Essa era uma forma de o município auxiliar o Colégio pagando professoras para ensinar na própria escola? Eis uma questão intrigante para ser aprofundada: Como que uma instituição privada poderia ser subsidiada com recursos do município com o pagamento de seus próprios professores? Se as irmãs eram pagas pelo município ou pelo Estado, haveria a necessidade da cobrança de mensalidades? Quem bancava as despesas do Colégio com materiais didáticos, água, luz, telefone e alimentação para as crianças?

A estrutura da CANGO possibilitou o aumento do número de alunos atendidos pela instituição conforme indica o quadro 6

Quadro 6 Alunos do Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO de 1956 a 1962⁵⁷.

ANO	MENINOS	MENINAS	TOTAL
1956	73	101	174
1957			187
1958	150	215	365
1959			500
1960			450
1961			400
1962			624

Fonte: Crônica Escolar, (s/d, s/p).

Constata-se um número expressivo de alunos que muito provavelmente desse total de alunos, refere-se aos alunos do Jardim de Infância, Curso Primário e as alunas da Escola Normal Ginásial.

Ao buscar informações sobre o tempo em que as irmãs permaneceram no colégio da CANGO, estive na Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), entidade sediada naquele local. No dia 22 de novembro de 2016 a ASSESOAR comemorou 50 anos de existência e trabalho. Na comemoração dos 50 anos, houve uma programação especial com a presença dos Associados da entidade bem como, das pessoas que participaram desde o início da fundação. Estava presente uma delegação da Bélgica através do DISOP⁵⁸. Na ocasião entrevistei Daniel Meurer⁵⁹ um

⁵⁷ Entre os anos de 1959 a 1962, encontrei apenas o total de alunos matriculados, não havendo mais a distinção entre meninos e meninas, nas matrículas no jardim de infância. Nesses números estão incluídos os alunos.

⁵⁸ DISOP: Desenvolvimento Integral para o Sudoeste do Paraná.

⁵⁹ Daniel Meurer é natural de Braço do Norte – SC. Eram 13 irmãos e veio para o Sudoeste com 12 anos de idade vieram para o município de Francisco Beltrão – PR, hoje Cruzeiro do Iguaçu – PR, em 1955. Daniel Meurer é militar do Exército Brasileiro aposentado.

dos associados que fez parte da diretoria da associação, há anos passados. Segundo Meurer (2016):

Então esse terreno aqui como esse moro, o casarão de madeira, acho que foi construído em 1956. As irmãs tinham na verdade um internato. Aí tinha umas 200, 300 moças aqui que vinham estudar e parte viviam internamente, não todas. Era um tipo de um internato e de uma escola. Isso caminhou pra 68 pra 69 foi adquirido isso aqui 68 se não me engano. Foi adquirido isso aqui das Irmãs. Por quê? Nós estávamos no pós o Concílio Vaticano II. O Concílio apontava novos rumos e novas atitudes de ser Igreja. As Irmãs traziam para o internato candidatas para virarem religiosas certo. Abriram este Colégio não mais para viverem aqui fechadas, mas as Irmãs quiseram ir buscar o povo. Sair do Colégio e ir pro meio do povo certo então houve assim o fechamento desse Colégio. As Irmãs construíram aquele outro que está até hoje aí no centro de Francisco Beltrão (MEURER, 2016).

O depoente confirma a construção em 1956 e mencionou um número expressivo de alunas. Esse número expressivo era porque no colégio funcionava a Escola Normal, como veremos mais a frente. O Colégio funcionou como uma casa de formação para as Irmãs da Congregação. A partir do Concílio, as Religiosas passaram também a se dedicar aos movimentos sociais da época deixando em alguns momentos a vida de clausura⁶⁰ para estarem mais próximas às necessidades das pessoas.

No entanto, constatam-se aspectos contraditórios na fala do depoente referente à atitude das Irmãs em vender o Colégio da CANGO devido às propostas do Concílio. É duvidosa também a argumentação do depoente, porque, como demonstraremos posteriormente, a partir de fontes primárias, que havia um descontentamento por parte da elite da época em mandar seus filhos estudarem na CANGO, devido a distância e os perigos representados pela travessia da ponte sobre o Rio Marrecas.

Toda aquela grande estrutura foi usada por pouco tempo como Colégio, em torno de uns 14 anos. A data de quando a ASSESOAR comprou o Colégio e transferiu-se para a CANGO não ficou clara no depoimento. O depoente afirmou ter sido entre 1968 a 1969. Contudo na Revista Cambota encontramos a informação de que a sede própria da ASSESOAR se concretizou partir de 1971. Não encontramos nas Crônicas do Colégio nenhuma referência a respeito de como ocorreu a transação entre as irmãs e a ASSESOAR. Diante de um fato importante como este qual seria a razão de não encontrarmos nada registrado sobre o assunto? Segundo Meurer:

⁶⁰ Clausura: espaço interno de um convento reservado aos religiosos, de acesso restrito.

Como elas estavam ligadas a ASSESOAR e entenderam a proposta do Concílio Vaticano II⁶¹ de que a ASSESOAR exatamente estava trilhando este caminho, elas colaboraram e venderam por um preço simbólico, um preço pequeno. Como tinha a DISOP lá na Bélgica, era quem sustentava no que nós precisávamos fazer aqui, então ela pagou este valor para as irmãs e nós viemos pra cá num espaço adequado já pelo crescimento que havia no campo o número de lideranças que precisavam fazer formação para grupos de jovens, para adultos, para catequistas já começam em 1970 os ministros auxiliares das comunidades todos vem se formar aqui. Então as Irmãs passaram para a ASSESOAR assim por causa do Concílio e de uma maneira muito simples quase uma doação (MEURER, 2016).

Evidenciou-se que as relações entre os padres Belgas através da ASSESOAR e as religiosas eram boas. As irmãs reconheciam o trabalho importante que esta entidade vinha desenvolvendo, centrada na formação de lideranças quanto na assistência técnica aos pequenos agricultores. A DISOP, entidade que financiava os projetos da ASSESOAR, comprou o Colégio e repassou para a mesma. A contradição está na expressão: “venderam por um valor simbólico” para a ASSESOAR, mas, concomitantemente a isto, as irmãs estavam terminando de construir um outro Colégio enorme em alvenaria, na Rua Tenente Camargo mais ao centro da cidade. Não há dúvidas de que a nova e grande estrutura escolar, mais se aproximava às elites, do que das camadas populares.

Neste tópico, apresentamos todo o processo da construção do Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO. A seguir trataremos da instalação do jardim de infância, base para a construção da nova estrutura da Rua Tenente Camargo.

2.4 A instalação do Jardim de Infância e do Curso Primário para Adultos

O Decreto Lei 8.529, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Primário, de 2 de janeiro de 1946 estabeleceu que o ensino primário deveria garantir a iniciação ao conhecimento cultural afim de que as crianças fossem conduzidas, dos 7 aos 12 anos aos conhecimentos da vida e também as virtudes morais e cívicas, bem como o desenvolvimento da personalidade humana, os conhecimentos úteis na vida da família e preparar as pessoas para o trabalho (BRASIL. Decreto Lei nº 8529, de 1946).

O artigo 2º estabeleceu duas categorias para o ensino primário: o ensino primário fundamental para crianças de 7 a 12 anos (dividido entre elementar e complementar) e o

⁶¹ O Concílio Vaticano II foi convocado no dia 25 de Dezembro de 1961 pelo Papa João XXIII. O mesmo iniciou no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio foi realizado em 4 sessões e terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI.

ensino primário supletivo para adolescentes e adultos. No artigo 6º, a lei sugeriu a existência do jardim de infância, mas não definiu qualquer tipo de regras para essa modalidade de ensino.

Conforme o artigo 7º da mesma lei, no ensino primário elementar se ensinaria os seguintes conteúdos:

I. Leitura e linguagem oral e escrita. II. Iniciação matemática. III. Geografia e história do Brasil. IV. Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho. V. Desenho e trabalhos manuais. VI. Canto orfeônico. VII. Educação física (BRASIL. Decreto Lei nº 8529 de 1946).

O ensino primário complementar, (artigo 8) que correspondia ao quinto ano, ampliava alguns conhecimentos no currículo, mas praticamente não chegou a ser ofertado na região antes da LDBEN 4024 de 1961.

Os adolescentes ou adultos que ingressassem no curso supletivo, conforme previa o artigo 9º, deveriam aprender:

I. Leitura e linguagem oral e escrita, II. Aritmética e geometria, III. Geografia e história do Brasil, IV. Ciências naturais e higiene, V. Noções de direito usual (legislação do trabalho, obrigações da vida civil e militar) e VI. Desenho. *Parágrafo único.* Os alunos do sexo feminino aprenderão, ainda, economia doméstica e puericultura (BRASIL, Decreto-Lei nº 8.529, 1946).

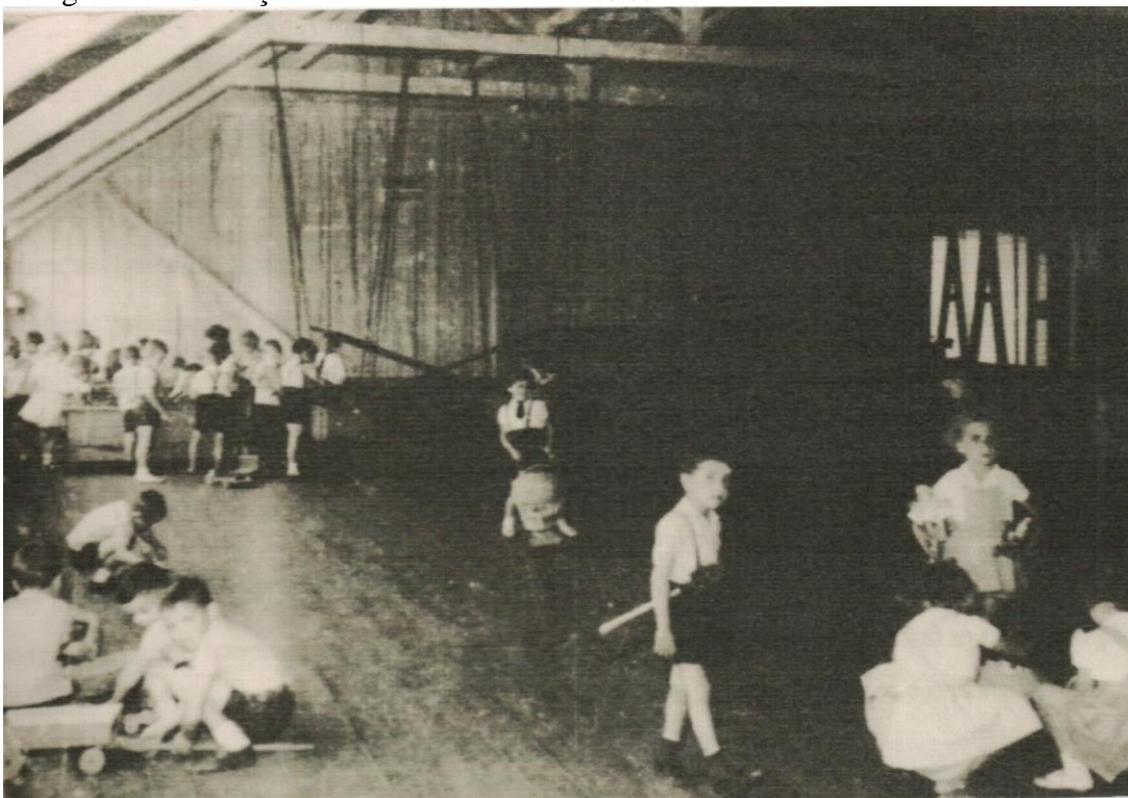
Foi com base nas normas vigentes do país que em meados da década de 1950, as irmãs fundaram o Jardim de Infância e o Curso Primário para adultos em Francisco Beltrão. Conforme registrado na Crônica:

Em 1954 as aulas tiveram início no dia 16 de fevereiro com 67 meninos e 89 meninas. Em agosto começou a funcionar o Jardim da Infância com 7 meninos e 8 meninas. O curso primário noturno para adultos com 20 alunos dos quais 8 receberam diplomas no fim do ano, com os 17 diplomandos do 4º ano (CRÔNICA ESCOLAR DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, 1962, s/p).

As aulas no Instituto Nossa Senhora da Glória, como de costume, iniciaram no Salão Paroquial dentro do cronograma anual, isto é, em 16 de fevereiro de 1954. No entanto um fato novo, a partir do mês de agosto iniciou-se a pré-escola, conhecida também como Jardim da Infância que começou a funcionar junto ao curso primário. A crônica também registrou que houve o curso primário para os adultos, tendo naquele ano 20, dos quais 8 formaram junto com os alunos do 4º ano.

Aos poucos, a demanda por vagas foi crescendo como vimos, “no mês de agosto de 1954” (CRÔNICA ESCOLAR DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, s/p, 1962) e Lazier (1982), o Jardim de infância iniciou com 15 alunos. Em fevereiro de 1955, já eram 43 crianças. Mas onde eram as instalações do Jardim da Infância? Na fotografia abaixo, podemos visualizar as crianças, muito provavelmente no sótão⁶² do salão paroquial ou do cinema⁶³ brincando, umas com carrinhos confeccionados em madeira, outras caminhando. Era um ambiente característico daquele contexto.

Fotografia 12 Crianças do Jardim de Infância 1963.



Fonte: Arquivo Nossa Senhora da Glória, (s/d, s/p).

Ao analisarmos a imagem podemos constatar que as crianças que frequentavam o jardim de infância na época, tinham de quatro anos para mais, ou seja, eram alunos da pré-escola.

Segundo Lazier com a transferência do Colégio Nossa Senhora da Glória para CANGO em 1956, “o Jardim da Infância fracassou, e deixou de funcionar. No ano de 1959 o Jardim de Infância começou a funcionar novamente, no prédio da Rua Tenente

⁶² Espaço vazio na armadura do telhado que normalmente serve de depósito (Dicionário Aurélio).

⁶³ Pela foto do salão paroquial na página 82 aparenta que a construção não tem sótão. Não obstante na foto do cinema da página 83 lá sim pela altura da estrutura, muito provavelmente o sótão seria lá.

Camargo” (1982, s/p). A partir do conjunto de documentos analisados discordamos dessa afirmação de Lazier. Com a transferência da escola para a CANGO, o Jardim de Infância também foi transferido e passou a funcionar em instalações bem mais apropriadas. Acontece que a mudança de local da escola não agradou a muitos pais que moravam no centro da cidade, pois a escola ficou distante e, para piorar, as crianças precisavam atravessar a ponte sobre o Rio Marrecas, sendo, portanto, perigoso para as crianças. Assim sustentamos que não houve interrupção na oferta do Jardim de Infância⁶⁴ a partir de 1956.

A partir do descontentamento de alguns pais sobre a transferência do Jardim da Infância, do centro para a CANGO, encontramos na Crônica o seguinte registro sobre a necessidade da retomada do projeto em 1958:

Nossos pequenos ficam no centro da cidade. Apesar da grande alegria da povoação sobre o novo colégio, permaneceu a preocupação por causa dos pequenos da Pré-Escola e do Curso Primário. O Caminho era longo, cansativo, e a ponte sobre o rio Marrecas bastante perigosa. Os pais pediram com insistência de construir uma casa de madeira no terreno adquirido primeiro. Irmã Boaventura escreve: Eu pedi a "ADVENIA"⁶⁵ da Alemanha uma ajuda e recebi a importância de 40.000 DM. Assim foram construídas neste terreno salas de aula e acomodação para as Irmãs. Ir. Sarolta ensinava o primeiro ano de manhã e a tarde o Jardim de Infância, que iniciou com 25 crianças, no porão do pavilhão. Durante a semana ela achava um horário para ensinar bordado na sala que estava vazia. Desde os primeiros dias as Irmãs davam aulas de alfabetização para adultos. Um desses alunos era Olívio Bordignon, que tinha 19 anos (HISTORIA REMOTA DE MARRECCAS, 1973, s/p).

Diante da pressão dos pais das crianças pequenas que moravam mais no centro de Francisco Beltrão, as religiosas percebendo que havia demanda de alunos, conseguiram recursos na Alemanha para iniciar a construção de uma estrutura necessária no terreno da Rua Tenente Camargo.

Irmã Boaventura entrou em contato com a ADVENIA da Alemanha e expôs o problema. Não precisou muito tempo e a ADVENIA atendeu à solicitação das religiosas

⁶⁴ Segundo Conceição (2015), a partir do século XX, aumentou o interesse por parte dos estudiosos da área da educação, em conhecer de uma forma mais aprofundada o período da infância. Conceição estudou as práticas e representações sobre a institucionalização da infância em Francisco Beltrão entre 1980 e 1990. A pesquisa demonstra a concepção assistencial compensatória da década de 1980 na conformação de práticas incluindo a influência da legislação Brasileira de Assistência.

⁶⁵ ADVENIA: Trata-se de uma instituição ligada à Igreja Católica Alemã que financia projetos católicos missionários e educacionais em diversos países do mundo.

e disponibilizou a importância de 40.000 DM⁶⁶ para a construção de uma nova estrutura para ser usada no Jardim de Infância e Curso Primário.

Desta forma construíram no terreno da Rua Tenente Camargo as salas necessárias para acolher as crianças do jardim e as crianças do curso primário e um espaço para acomodação das Irmãs. Com as salas construídas, as Irmãs aproveitavam bem o tempo e o espaço com a alfabetização para os adultos no período noturno. Assim, surgiu o curso primário para adultos. Ele já existia em 1954 e voltou a funcionar na região central, mas, provavelmente também continuou a ser ofertado na CANGO.

Na fotografia podemos visualizar o momento da bênção da pedra fundamental do Jardim da Infância, com a presença das crianças, pais, o Padre Afonso, o Prefeito Ângelo Camilotti, como também o Sr. Pedro Granzotto, à rua Tenente Camargo, em junho de 1959.

Fotografia 13 Bênção da Pedra Fundamental do Jardim da Infância 1959.



Fonte: Arquivo Colégio Nossa Senhora da Glória (s/d, s/p).

Conforme demonstrado foi devido às pressões dos pais das crianças pequenas que a atual estrutura do Colégio Nossa Senhora da Glória começou a ser construída de

⁶⁶ DM: Deutch Mark. Este era o nome da moeda que circulava na Alemanha antes da criação da zona do Euro em toda Europa, da qual atualmente a Alemanha faz parte.

forma provisória, no final da década de 1950 e de forma definitiva a partir de 1964, como veremos no próximo tópico.

O Jardim de Infância se consolidou como podemos constatar pelo depoimento de Neto⁶⁷:

Olha o Glória funcionava no mesmo local onde funciona até hoje. Meus filhos também todos eles passaram por lá no mesmo endereço na esquina da Rua Tenente Camargo com a Avenida Luis Antônio Faedo num belíssimo projeto que está inacabado inclusive até hoje. [...] Olha eu estudei no Colégio Glória por dez anos de minha vida. Entrei lá com cinco anos de idade no Jardim da Infância. Naquela época quando eu entrei em 1972, o Colégio ofertava o Jardim de Infância e em seguida a Pré-escola. Então eu frequentei no ensino infantil o Jardim de Infância e a Pré-Escola, e posteriormente já ingressei nas aulas que a época chamava-se aulas do primário, da primeira a quarta série, que hoje é identificado como ensino fundamental. [...]. Lembro no Jardim da Infância e no Pré-Primário o material máximo que se tinha era giz de cera e uma vez por semana se tinha acesso a uma folha de papel almaço, às vezes pautado às vezes liso. Os demais eram brinquedos permanentes como carrinhos, bonecas, pequenas panelinhas coisas dessa natureza. Já havia na época um parque infantil com areia, muito teatro de fantoches. Os professores faziam passeio com as crianças, o lanche comunitário sempre era muito presente e as professoras eram orientadas a nos estimular a compartilhar o lanche da época então tem memórias bastante importantes disso (NETO, 2016).

Quanto ao local de funcionamento do Colégio, o depoente confirma que a partir do final da década de 1950 era no endereço da Rua Tenente Camargo. Os materiais pedagógicos utilizados na época eram giz de cera, folha de papel almaço uma vez por semana. No mais, as Irmãs disponibilizavam de brinquedos para meninos e meninas adequados àquela idade e já havia um parque infantil com areia. Havia, segundo o entrevistado, trabalhos escolares realizados através de teatros com fantoches. As professoras do Jardim da Infância eram orientadas a estimularem as crianças desde pequenas a exercitarem a experiência da partilha do lanche entre os alunos.

A atenção para o Jardim da Infância foi uma das prioridades do trabalho das Irmãs Escolares, tanto que foi por causa desses alunos que as irmãs começaram a abandonar a estrutura construída na Cango mediante a construção da estrutura própria à rua Tenente Camargo.

⁶⁷ Antônio Cantelmo Neto foi Prefeito de Francisco Beltrão na gestão 2013-2016. Neto estudou 10 anos no Colégio Nossa Senhora da Glória de 1972 a 1982. Iniciou seus estudos no Jardim de Infância e concluiu a oitava série. Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato no dia 2 de agosto de 2016.

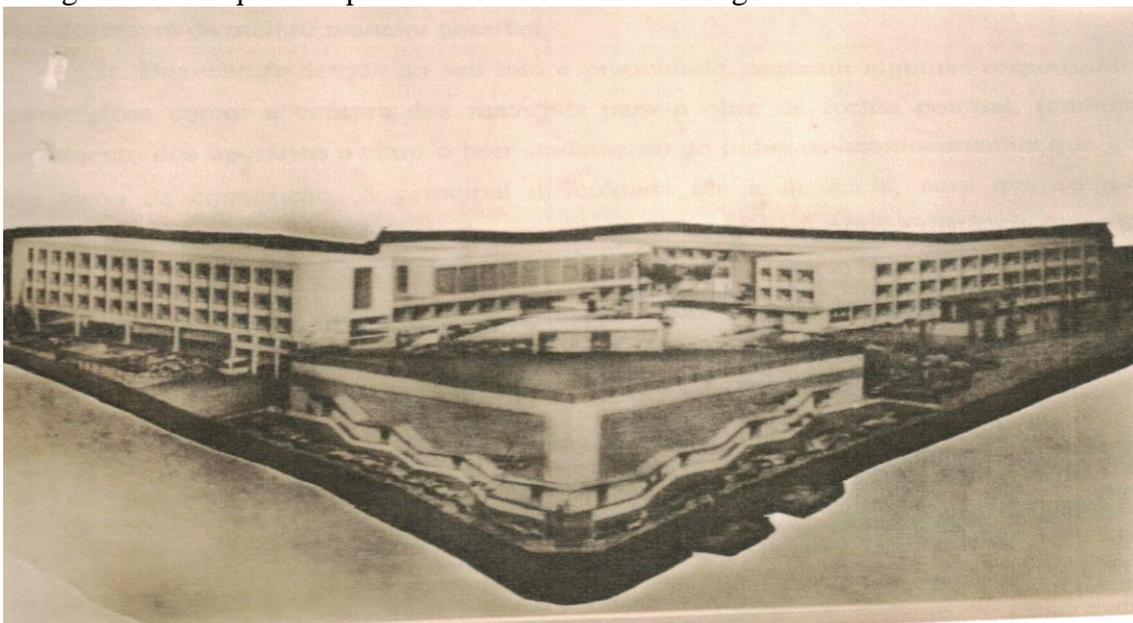
Concluímos este t3pico reiterando a import4ncia que o Jardim da Inf4ncia teve desde o in3cio dos trabalhos voltados para a educa3o infantil desenvolvido pelas Irm4s Escolares. O deslocamento do Jardim de Inf4ncia da CANGO para a rua Tenente Camargo mais ao centro, aconteceu devido a uma forte reivindica3o dos pais que moravam no centro da cidade, como veremos a seguir.

2.5 A constru3o do Col3gio Nossa Senhora da Gl3ria na Rua Tenente Camargo: Bloco A e C 1964 / 1969

Como constatado anteriormente, houve uma importante parceria entre as irm4s e a CANGO, mas com a extin3o da Col3nia em 1958 tornou-se insustent4vel a continua3o deste acordo. Muito provavelmente, a constru3o do Col3gio Nossa Senhora da Gl3ria, na Rua Tenente Camargo tornou-se uma meta por causa deste fato e tamb3m por press3es de v4rios pais em ter que mandar as crian3as para a CANGO, considerado por eles, um itiner4rio perigoso pela travessia da ponte sobre o Rio Marrecas e o tr4fego intenso de pessoas, animais e ve3culos.

Esse projeto come3ou a se consolidar na medida em que poderia atender melhor a popula3o da regi3o central da cidade. Assim, elas resolveriam, de uma vez por todas, a preocupa3o dos pais para com a dist4ncia. Na fotografia que segue podemos visualizar a maquete do futuro Col3gio a partir de 1964.

Fotografia 14 Maquete do pr3dio da Rua Tenente Camargo.



Fonte: Acervo Col3gio Gl3ria, 4lbum Hist3rico da Funda3o, (s/d, s/p).
Conforme indicado na Cr3nica:

O arquiteto Lepelere⁶⁸, a firma construtora do Dr. Nicolau, ARAGUAIA e Ir. Boaventura reuniram-se para planejamento: plantas, orçamento etc. Ir. Boaventura era a responsável pela chegada pontual do material, pelo pagamento dos operários, pelo desenrolar tranquilo de todos os negócios. Uma grande dificuldade constituída o transporte, por causa das distâncias 500, 800, ou 1000 km, em estradas ruins, especialmente em época de chuva. (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1973, s/p).

Vemos pela imagem da maquete que se tratava de um grande projeto. Mais uma vez a responsabilidade pelo acompanhamento desde a compra de materiais e pagamentos ficou sob a responsabilidade de Irmã Boaventura. Naquela época, a cidade de Francisco Beltrão não possuía o comércio de material de construção bem estruturado, por isso, as irmãs, para poderem comprar mais barato, precisavam comprá-los em outros lugares maiores. Conseguiram economizar dinheiro, mas perdiam muito tempo, pois, o material demorava muito para ser entregue.

As irmãs encaminharam para a Assembleia Legislativa do Estado o pedido de utilidade pública do Colégio. Conforme indicado no artigo 2º da Lei 4.832, de 22 de fevereiro de 1964; “é declarado de utilidade pública o Instituto Nossa Senhora da Glória, com sede em Francisco Beltrão”. Isso representou mais um reconhecimento do Estado e da Comunidade ao trabalho desenvolvido pelas irmãs Escolares em Francisco Beltrão

Com a aquisição deste título, o Estado do Paraná entendia que o Colégio Nossa Senhora da Glória não tinha fins lucrativos. O Colégio sendo de utilidade pública facilitava, inclusive nas realizações de promoções beneficente em prol das atividades do Colégio, bem como receber doações e financiamento do próprio Estado.

Sobre a construção dessa etapa do Colégio encontramos registrado na Crônica:

Em 1964 os trabalhos puderam começar. Os mestres vieram e cada um trabalhou com seu respectivo grupo: para mover a terra, pedreiros, carpinteiros, pessoal especializado para instalações de luz, água etc. Os trabalhos prosseguiram sem empecilhos. Irmãs e operários tomaram-se uma grande família. Em 1967 foi terminado o primeiro bloco. Num jornal de ampla circulação em Curitiba, estava escrito: "Francisco Beltrão acompanha com orgulho a construção do Instituto Nossa Senhora da Glória. Este estabelecimento representa, sem dúvida, o mais belo e grandioso Instituto para Escola e Educação, em todo o sudoeste do Paraná. Para nós Irmãs, a construção de mais este bloco, significa a continuação da luta, das preocupações, planejamentos, e trabalhos incansáveis com nossos treinados operários da firma do Sr. Nicolau. O ponto nevrálgico foi de novo: De onde

⁶⁸ Leperele: O nome completo não conseguimos encontrar. Leperele era o arquiteto que veio de São Paulo para acompanhar o projeto da construção do Colégio das Irmãs na rua Tenente Camargo.

virão os recursos financeiros? (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Naquela época sendo o único Colégio particular em Francisco Beltrão, a obra favoreceria principalmente, a elite que não precisaria mandar mais seus filhos estudarem fora, como em União da Vitória ou Curitiba.

Este passo no processo de expansão do projeto educacional, das Irmãs Escolares, para Francisco Beltrão, evidentemente continuou demandando preocupações e mais planejamentos, afim de que as coisas acontecessem da melhor maneira possível. Mas, e os recursos para esta nova etapa de onde vieram? Dado a relevância do projeto e tendo em mente as dificuldades que passaram para construir o Colégio da CANGO, as irmãs buscaram alternativas, até porque, o que estaria em jogo era a imagem da Congregação, enquanto Instituição Escolar. Segundo registrado na Crônica:

Ir. Boaventura achou uma solução, ela preparou todas as plantas e orçamentos cuidadosamente elaborados pelo arquiteto e viajou com este material para a Alemanha. Confiante dirigiu-se à sede da "MISERIOR⁶⁹", em Aachen. A procuradora para trabalhos missionários, Ir. Kunihild Pohnlein acompanhou-a até Aachen. Para ela nenhum caminho era longo, nenhum sacrifício pesado demais, contanto que podia ajudar. Realmente receberam uma quantia considerável, a saber 350.000 DM; a ser paga em parcelas de 50.000 DM. Aachen exigiu contabilidade rigorosa. Cada nota tinha de ser registrada, assinada, carimbada. Quando atingiu os 50.000 DM nos gastos, foram enviados os comprovantes e vieram outro 50.000 DM até atingir os 350.000 DM. Quantas vezes a Irmã ficara até às 2 da madrugada no seu escritório até que tudo pudesse ser enviado em tempo certo e bem feito. Também as co-irmãs da Baviera ajudaram com campanhas, com a quantia de 64.000 DM (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

A crônica registrou a determinação da Irmã Boaventura em buscar alternativas para a obra. A saída foi recorrer à ajuda financeira da Alemanha. A ousadia deu certo, pois a maior parte dos recursos para a construção do Colégio Glória vieram da Alemanha. Depois de preparar as plantas, orçamento e certamente um histórico do trabalho desenvolvido, partiu para Aachen onde estava a sede da MISERIOR na Alemanha em busca de recursos, acompanhada pela Irmã Kunihild que trabalhava na entidade. Assim que chegaram, os responsáveis pela MISERIOR avaliaram o projeto missionário e aprovaram, pois, perceberam que a obra beneficiaria a educação em uma região, que ainda tinha muito a ser feito. A entidade liberou 350.000 DM em 7 parcelas.

⁶⁹ MISERIOR: uma instituição católica alemã que financiava projetos missionários no exterior.

A MISERIOR, sempre muito rigorosa com os gastos dos recursos, ajudou com a seguinte condição: enviava 50.000. DM, as Irmãs usavam os recursos e faziam a prestação de contas, apresentavam notas comprovando, devidamente, os gastos e enviavam para a Alemanha. Depois de uma análise dos documentos e da certificação da regularidade das contas, a entidade liberava a nova parcela. Com esses recursos e mais a arrecadação das Irmãs da Baviera, construíram o novo bloco.

A Crônica registrou que apesar das dificuldades, a obra avançou bem, pois houve a união dos envolvidos constituindo uma grande família. Pelo registro, depois de 3 anos o bloco A ficou pronto. Isto ajudou no entusiasmo do dia-dia, uma vez que as aulas continuavam acontecendo, no Glória da CANGO, até que o novo prédio ficasse pronto.

Na imagem abaixo podemos visualizar os operários iniciando a construção do Bloco C do Colégio. Conforme matéria do Jornal de Beltrão, anotações de Estevo Javoriski⁷⁰ confirmam: “Construção do prédio N. S. da Glória – Francisco Beltrão. Para ver e crer tamanho da obra, 2ª parte”. Para a época era uma obra grande, como indicado no Jornal de Beltrão. “Vista parcial da obra Instituto N. S. da Glória, a maior da América Latina, financiada pelo governo da Alemanha. Francisco Beltrão – PR” (JORNAL DE BELTRÃO, 2014, p. 3 A). Chama-nos a atenção, o fato de se destacar como ser “a maior da América Latina”⁷¹. Mas qual era realmente o interesse da Alemanha em financiar este projeto em Francisco Beltrão? Para alguns, com um olhar menos atento, este financiamento pode demonstrar generosidade, para nós não é bem assim. Podemos questionar: Será que por traz desta “bondade” não existia um jogo de interesse? Vale lembrar que a MISERIOR era uma instituição católica, por isso, o financiamento, provavelmente foi uma forma de fortalecer o catolicismo em uma região de imigração, que também recebia imigrantes protestantes.

⁷⁰Estevo Javorivski: nasceu em Mallet – PR em 3 de abril de 1921. Estudou em Roma foi padre e professor. Depois deixou o sacerdócio e casou-se com Neuza Paiano. Trabalhou como mestre de obras em várias empresas do seguimento como: a Camargo Correa e dentre outras a Empretec. Trabalhou em várias obras da região como a Catedral de São Miguel do Oeste, a Concatedral de Francisco Beltrão bem como no Colégio Glória na rua Tenente Camargo. Faleceu em 10 de Novembro de 2008.

⁷¹Acreditamos não ser um exagero afirmar que a construção do Colégio Nossa Senhora da Glória da rua Tenente Camargo em Francisco Beltrão era a maior da América Latina conforme a entrevista do Jornal de Beltrão na década de 1960. Contudo, devemos entender que esta obra educacional deve ter sido a maior obra da América Latina financiada pelo governo alemão para a Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. O Jornal dá margem para entendermos que era a maior obra que havia no Brasil naquela época, o que não concordamos, pois outras construções muito maiores aconteceram no Brasil e América Latina a fora.

Fotografia 15 Bloco C, a segunda etapa da construção do Colégio Glória em junho de 1967.



Fonte: Jornal de Beltrão, (2014, p. 3 A).

Para esta nova construção, a Alemanha contribuiu de forma muito significativa novamente através da MISERIOR, uma instituição Católica que ajudou a fortalecer o catolicismo em Francisco Beltrão, visto que o Colégio Glória formava a parte dirigente da cidade e região. Conforme registrado na Crônica além da MISERIOR, também contribuiu financeiramente para a obra outras instituições da Alemanha:

Finalmente contribuiu a organização pró América do Sul; a organização dos católicos da Alemanha - ADVENIA, com 80.000 DM. Após 2 anos de trabalhos ininterruptos estava pronta a grande obra no ano de 1969. A solene entrega realiza-se no dia através do Cônsul alemão Dr. Roland Zimmerman (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1973, s/p).

A organização pró América do Sul e a organização dos católicos da Alemanha - ADVENIA deram também a sua importante contribuição para a conclusão das obras do Colégio Nossa Senhora da Glória que se tornou o Centro da Cultura da Região Sudoeste. Depois de dois anos de ininterruptos trabalhos estava pronta à grandiosa obra em 1969. As festividades com a solene entrega da obra concluída contou com a presença do Cônsul alemão Dr. Roland Zinimerman.

Na fotografia abaixo podemos visualizar o momento da inauguração do Bloco C do Instituto Nossa Senhora da Glória. Da esquerda para a direita: Cônsul da Alemanha: Ronald Zimmermann, Dr. Denis Schwartz, Irmã Sarolta, Irmã Albânia, Luiz Fernandes da Folha Sudoeste e Laurentino Risso da Rádio Colméia.

Fotografia 16 Inauguração do Bloco C.



Fonte: Acervo Colégio Nossa Senhora Glória Álbum Histórico, (s/d, s/p).

Sobre Irmã Boaventura a crônica registrou:

Irmã Boaventura escreve no ano 1973, antes de sua partida para a Alemanha: Maria Padroeira do Instituto, abençoa as muitas pessoas que colaboraram na realização desta obra: benfeitores, autoridades, operários, pais e alunos, sacerdotes e professores (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1973, s/p).

Irmã Boaventura, no ano de 1973, antes de retornar à sua pátria a Alemanha com a saúde debilitada depois de cumprir sua nobre missão, em várias frentes de trabalho, desde o interior de São Paulo até Francisco Beltrão, fez um agradecimento especial a Nossa Senhora da Glória, padroeira do Colégio, em favor de todos os que de uma forma ou de outra fizeram com que o sonho se tomasse uma realidade. Agradeceu aos benfeitores, autoridades, bem como os operários, pais e alunos. Com certeza madre Boaventura Gress, aquela que chegou de navio no ano de 1937, depois de 36 anos de intensas atividades voltou para a Alemanha sua terra natal deixando a todos um exemplo de garra, habilidade e determinação.

Na imagem abaixo podemos visualizar Irmã Boaventura Gress de véu e hábito religioso.

Fotografia 17 Irmã Boaventura Gress.



Fonte: Acervo Nossa Senhora da Glória (2017).

Neste capítulo, evidenciamos como teve início o trabalho com a educação no município. Vimos também todo processo da construção do Colégio na CANGO com suas dificuldades e desafios e a construção do novo Colégio na Rua Tenente Camargo, No terceiro capítulo veremos como a Escola Nossa Senhora da Glória tornou-se um epicentro, impulsionando o surgimento de novas escolas na região.

CAPÍTULO III

O COLÉGIO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA COMO EPICENTRO PARA O SURGIMENTO DE NOVAS ESCOLAS E NOVOS CURSOS ENTRE 1959/1982

No terceiro capítulo, procuramos demonstrar como o Colégio Nossa Senhora da Glória se articulou, juntamente com a comunidade e o Estado e se constituiu num elo que impulsionou e influenciou diretamente na instalação de diversas escolas em Francisco Beltrão e região. O estudo demonstra a relevância da presença das religiosas Escolares de Nossa Senhora naquele momento histórico, para a formação de crianças, jovens e adultos, bem como na formação de professores.

Além de fontes documentais e bibliográficas, nos servimos de entrevistas as quais foram essenciais para ajudar na reconstrução de parte da trajetória do Colégio Nossa Senhora da Glória, uma vez que muitos dados e informações não seriam possíveis, sem o auxílio deste meio importante para o resgate de parte desta história.

3.1 A Instalação de Escolas primárias e casas das irmãs fora de Francisco Beltrão

A ausência do Estado na construção de escolas para os filhos dos emigrantes nas colônias, fez com que eles agissem por conta própria para prover os meios em que seus filhos recebessem uma boa educação escolar, ou seja, a construção da escola e um professor para ensinar.

Segundo Emer, com o passar do tempo, “as camadas populares perceberam a importância da escolarização a partir do momento em que as forças produtivas exigiam novas relações de produção e a instrução representava as condições de acesso a melhores lugares nessas novas relações” (1991, p. 209).

Aqui nos interessa compreender, como estava articulada a escola diante do processo de ocupação e colonização do Sudoeste do Paraná? Como eram desenvolvidas as formas e as modalidades deste processo de escolarização?

Em primeiro lugar, o que logo se evidencia é que o processo de escolarização ou a instrução escolar acontecia sem a instituição escolar, ou seja, autônoma mediante a oferta do ensino de forma domiciliar. De acordo com Emer, uma vez que o Estado era totalmente ausente, “simplesmente, algumas crianças reuniam-se numa residência para aprender a ler, escrever e calcular. Os currículos e objetivos eram estabelecidos pelos pais” (1991, p. 214-215).

Emer identificou uma evolução no processo de aprendizagem, visto que os colonos começaram a construir as chamadas casas escolares para as crianças da colônia, ou seja, começou haver um lugar próprio específico, fixo para o ensinamento, o que antes não havia. Com a finalidade de expandir a capacidade de acolhimento de crianças para a instrução escolar então construíram espaços destinados para a educação. No que se refere ao professor, Emer demonstrou que “era exigida uma melhor qualificação, isto é, deveria ensinar mais que na escolarização domiciliar, a casa escolar deveria funcionar tecnicamente bem” (1991, p.215).

Outra forma escolar identificada por Emer foi “a casa escolar pública dos núcleos urbanos onde já existia a presença do serviço público. Esta modalidade escolar, criada por ato oficial do poder público municipal assumindo a casa escolar ou construindo onde não existisse em ambos os casos, pagando o professor” (1991, p. 215-216). Como podemos perceber, nesta terceira modalidade, o professor começava a ser remunerado pelo poder público evidenciando aos poucos o reconhecimento da profissão de ensinar.

Por fim a região também começou a receber a partir da década de 1950, os chamados grupos escolares. Este modelo “construído em núcleos e povoamento mais desenvolvidos abrigava uma construção com várias salas, nas quais os alunos eram classificados por séries. No grupo escolar passou a existir a preocupação em passar para a série seguinte” (EMER, 1991, p. 216).

Na nossa pesquisa sobre a experiência das Irmãs Escolares em Francisco Beltrão identificamos outra modalidade de escola, que misturava a escola dos colonos, à casa escolar pública e o grupo escolar, gerenciado por um grupo de religiosas. Nessa experiência houve a participação efetiva das comunidades para construir os prédios escolares e sustentar as religiosas, a participação do município ou do estado auxiliando na construção de estrutura física e pagando professores, sendo muitas vezes as próprias religiosas. Dependendo do tamanho da estrutura física construída, as turmas se organizavam em bisseriada ou seriada constituindo-se como grupo escolar. Nessas instituições, o currículo a organização escolar eram definidos pelas religiosas. Resumindo, tais instituições, eram uma mistura de comunitárias, paroquial confessionais/privadas e públicas, pois havia investimento público e os pais não pagavam mensalidades. A seguir apresentamos algumas experiências desse tipo de instituições.

3.1.1. A instalação da Escola Primária Regina Mundi⁷² em Dois Vizinhos em 1959

A partir do sucesso do Colégio Nossa Senhora da Glória em Francisco Beltrão, os moradores do distrito de Dois Vizinhos (Dois Vizinhos emancipou-se de Pato Branco em 1960) solicitaram que as Irmãs Escolares abrissem uma casa escolar naquela comunidade no final da década de 1950. O projeto educacional das Irmãs Escolares em Dois Vizinhos desenvolveu-se da seguinte forma, segundo Wernet:

Em 1958, as Irmãs Maria Mechthildis e Maria Boaventura, a pedido das autoridades locais, visitaram Dois Vizinhos, município a 50 km distante de Francisco Beltrão. Há tempo haviam formulado pedidos às Irmãs Escolares de Nossa Senhora para ter religiosas que ficassem responsáveis pela escola a ser aberta. Já que as duas Irmãs tiveram boa impressão do local e do povo, acharam conveniente e correto abrirem aí uma filial. O núcleo central de Dois Vizinhos constava de 200 casas, que representavam, aproximadamente, a quinta parte do município todo. As matrículas foram feitas no dia 8 de fevereiro de 1959, sendo 87 o número inicial de matriculados. A comunidade fundadora era constituída pelas Irmãs Maria Boaventura Gress (Superiora), Maria Saluta Perzlmeier, Maria Lúcia Felipe Alves e Maria Clara (Etelvina) Amadio. Mais tarde, estiveram em Dois Vizinhos, entre outras, as Irmãs Maria Berta Schottenheim, Maria Fátima Machado, Maria Sarolta Schmuker, Maria Isabel Marçal e Maria Letícia Almeida Cunha. Em 1962, 300 alunos frequentaram as aulas da Escola Primária Regina Mundi, de Dois Vizinhos, número que não se modificou muito nos anos seguintes. A comunidade religiosa era formada por três ou quatro Irmãs. Às vezes ainda havia candidatas e/ou Professoras leigas (2002, p. 136)

As Irmãs haviam recebido o pedido há algum tempo para abrir uma Escola em Dois Vizinhos. Quando houve a possibilidade, a convite das autoridades locais foram fazer uma visita e constataram que era conveniente iniciar um trabalho educacional naquela cidade. Conveniente em que sentido? Para formação da elite agrária de Dois Vizinhos, visto que teriam condições de pagarem a mensalidade? Para conquistar novos membros para a ordem ou para fortalecer o catolicismo na região? Como as irmãs receberam a escola no dia 8 de fevereiro de 1959, tiveram início às aulas com 87 alunos matriculados. A Irmã Boaventura assim que concluiu a 1ª estrutura da Rua Tenente

⁷² Em uma conversa informal com o professor José Luiz Zanella que trabalhou naquela escola há muitos anos atrás, disse-me que a Escola Primária Regina Mundi de Dois Vizinhos, depois da saída das Irmãs Escolares, foi administrada pela Congregação das Irmãs Azuis. Estive no local buscando levantar informações da Escola a partir de documentos, porém não consegui nada. No mesmo lugar, funciona outra instituição escolar em forma de cooperativa chamada COOPERMUNDI cujo diretor, é um ex-seminarista da Diocese de Palmas e Francisco Beltrão. Conversando com ele, disse-me que eles possuem documentos apenas de 1982 em diante.

Camargo, assumiu outra tarefa a de Superiora da comunidade que era constituída por mais três Irmãs Escolares. Vimos pelos dados apresentados por Wernet, que em 1962, o número de matriculados somava 300 alunos. Isso evidencia a grande demanda por escola na época. Esses alunos pagavam mensalidades ou estudavam gratuitamente? Como as irmãs se mantinham? Os professores eram pagos pelo Estado, município ou pela comunidade? Não conseguimos dados objetivos para responder satisfatoriamente essas questões, pois, em visita à paróquia de Dois Vizinhos e à escola, não conseguimos documentos com informações da época.

Na imagem que segue podemos visualizar as Irmãs Escolares entre os alunos que frequentavam a Escola Primária Regina Mundi de Dois Vizinhos a partir de 1959. O prédio era de propriedade da Paróquia.

Fotografia 18 Escola Primária Regina Mundi⁷³ de Dois Vizinhos, 1959.



Fonte: Wernet, (2002, p. 131).

⁷³ Em conversa informal com o professor José Luiz Zanella que trabalhou naquela escola há muitos anos atrás, disse-me que a Escola Primária Regina Mundi de Dois Vizinhos, depois da saída das Irmãs Escolares, foi administrada pela Congregação das Irmãs Azuis. Estive no local buscando levantar informações da Escola a partir de documentos mas não obtive êxito. No mesmo lugar, funciona outra instituição escolar chamada COOPERMUNDI cujo diretor, é um ex-seminatista da Diocese de Palmas e Francisco Beltrão. Conversando com ele, disse-me que eles possuem documentos apenas de 1982 em diante.

Pela imagem, é possível deduzir que a estrutura física não se caracterizava como um grupo escolar. Todavia, não é possível saber como os 300 alunos eram distribuídos nas salas.

Conforme registrado no Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Dois Vizinhos:

No fim do ano de 1969 recebemos também a visita da R. Madre Provincial das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, comunicando-nos que o conselho provincial tinha resolvido de retirar as 3 irmãs de Dois Vizinhos ao menos por um ano (entender para sempre). Isto por motivos de falta de religiosas já que a província viu-se reduzida e metade do seu pessoal, devido às desistências e a retirada de muitas irmãs, voltando definitivamente á sua terra natal (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA DE DOIS VIZINHOS, 1970).

Não podemos afirmar o mês, mas no final do ano de 1969, a comunidade de Dois Vizinhos foi informada, através de seu pároco, da retirada das religiosas do Educandário. Conforme argumentação da Madre Provincial, esta decisão foi tomada devido a várias desistências das religiosas da Congregação, bem como ao retorno definitivo de várias missionárias Escolares que aqui estavam para sua terra natal, muitas delas para a Alemanha. Além desse motivo, outro fator que deve ter sido determinante para a saída da escola era o fato, de que a estrutura era da comunidade e não de propriedade das irmãs.

3.1.2 A instalação do Instituto Nossa Senhora de Fátima em Nova Concórdia em 1961

O projeto educacional das Irmãs Escolares continuou o seu processo de expansão. Chegou a vez do povoado de Nova Concórdia, no interior do município de Francisco Beltrão. Conforme Wernet:

No ano de 1959, a pedido das autoridades locais, as Irmãs Maria Mechthildis, Maria Cailistina e Maria Boaventura visitaram duas outras localidades: Nova Concórdia e Jaracatiá (mais tarde Enéas Marques), que igualmente queriam Irmãs para sua Escola. Nova Concórdia era um lugar pequeno, cuja principal personalidade e líder político era o senhor Vicente Pezenti, um rico fazendeiro, que prometeu construir um Colégio católico até o fim do ano de 1959. Os dois pedidos foram considerados (2002, p. 136).

O trabalho das Irmãs Escolares foi dando resultados importantes para Francisco Beltrão e região. As lideranças da comunidade de Nova Concórdia percebendo que os

projetos educacionais eram relevantes solicitaram a presença das Irmãs para tratar do assunto. O interesse das lideranças locais seria saber se haveria alguma possibilidade da construção de uma Escola em Nova Concórdia, sob a direção das Irmãs. Em 1959, as Irmãs Maria Mechthildis, Irmã Maria Callistina e Irmã Maria Boaventura visitaram Nova Concórdia (atual distrito de Francisco Beltrão) e Jaracatiá (atual município de Enéas Marques).

A região de Nova Concórdia era um lugar pequeno, no entanto havia um líder político importante e influente na comunidade, o senhor Vicente Pezenti. Ele era proprietário de uma enorme quantidade de terras e resolveu construir uma escola para a comunidade. Segundo este benfeitor, até o final de 1959, construiria a Escola Católica. Todavia, não conseguiu cumprir a promessa, pois a escola ficou pronta para o ano letivo de 1961.

No dia 12 de fevereiro de 1961 foi celebrada a missa de inauguração da escola em Nova Concórdia, tendo como patrona Nossa Senhora de Fátima. A construção da Escola e a presença e a administração das Religiosas Escolares, representou um importante avanço na formação primária dos alunos naquela comunidade.

Abaixo podemos visualizar o altar com o andor de Nossa Senhora de Fátima e o momento da celebração da missa presidida pelo Padre Afonso. A esquerda se encontra Madre Mechthildis superiora da comunidade e ao centro, o Sr. Vicente Pezenti sendo homenageado pelo gesto de grandeza, presenteando a comunidade de Nova Concórdia com a construção da Escola, para as crianças da comunidade.

Fotografia 19 Missa Solene para Inauguração da Escola Nossa Senhora de Fátima - Nova Concórdia, 12 de fevereiro de 1961.



Fonte: Wernet, (2002, p. 137).

Mais abaixo podemos visualizar a Escola Nossa Senhora de Fátima, construída em madeira no povoado de Nova Concórdia, para receber os alunos e alunas da comunidade. Esta construção funcionou como Escola e residência das Irmãs Escolares a partir de 1961.

Fotografia 20 Visão panorâmica da Escola Nossa Senhora de Fátima - Nova Concórdia 1962.



Fonte: Wernet, (2002, p. 132).

Félix Padilha⁷⁴, em depoimento, confirmou a existência do Colégio Nossa Senhora de Fátima em Nova Concórdia. Segundo ele, “a Escola Nossa Senhora de Fátima da Congregação, tudo mantido pelo município, o prédio foi construído pelo velho falecido Pezenti que deu a madeira e eles fizeram a escola, era bonita, grande, com piso de 2 andares, você não chegou a conhecer né?”(PADILHA, 2013). Félix Padilha demonstrou a importância daquela escola, bem como as características da construção, confirmando a imagem acima.

Ao visitar a comunidade de Nova Concórdia para colher depoimentos sobre o Colégio Glória entrevistei a senhora Noeli Helena Tomé⁷⁵ que foi aluna na escola entre 1964 e 1968. Com a entrevista busquei conhecer um pouco mais sobre a existência e como era o funcionamento do Educandário Nossa Senhora de Fátima na década de 1960. A depoente Noeli Tomé me recebeu em sua residência e, com disposição relatou fatos relevantes a respeito da Escola e do seu andamento na época.

A depoente detalhou-nos alguns aspectos relevantes sobre a existência do curso. Segundo ela, “nosso curso era à tarde. Como eu era aluna da primeira série, tanto na primeira quanto na segunda série as aulas funcionavam na parte da tarde que era para os menores. A terceira e quarta série estudavam na parte da manhã, pois eram os alunos maiores” (TOMÉ, 2015).

A respeito da comunidade das Irmãs Escolares que moraram e trabalharam em Nova Concórdia também contribuiu com importantes informações. Conforme a depoente: "Eu me lembro da Irmã Iria, da Irmã Mônica e tinha outra Irmã a Irmã Alix. A Irmã Alix não era professora, ela fazia parte do grupo das irmãs” (TOMÉ, 2015).

Conforme Tomé: “meninos e meninas tanto na primeira série quanto nas outras também até a quarta, estudavam juntas” (TOMÉ, 2015). Sobre o tempo em que as Irmãs trabalharam em Nova Concórdia, a depoente não lembrou exatamente. Segundo ela “Olha eu assim não posso te afirmar, mas eu acho que mais ou menos uns oito anos” (TOMÉ, 2015).

⁷⁴ Entrevista concedida a Carla Cattelan, 2013. Arquivo de História Oral da Unioeste – Campus Francisco Beltrão.

⁷⁵ A Sra. Noeli Helena Tomé, reside na Comunidade de Nova Concórdia desde o começo. Estudou na Escola Nossa Senhora de Fátima de 1964 - 1968. Depois foi Diretora do novo Colégio. É uma pessoa muito atuante na comunidade e nas atividades da Igreja. Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato em 16 de dezembro de 2015.

A seguir reproduzimos o certificado de Noeli Tomé, pela ocasião de sua formatura do quarto ano primário, na Escola Nossa Senhora de Fátima, em Nova Concórdia 1968.

Imagem 3 Certificado de conclusão do Ensino Primário Noeli Tomé – Nova Concórdia.



Fonte: Acervo Pessoal, Noeli Tomé (2015).

Quanto ao encerramento das atividades da Escola e a saída das irmãs, com base no Livro Tombo da paróquia de Dois Vizinhos de 1970, já citados anteriormente, nos arriscamos em afirmar que ocorreu no final de 1969, aproveitando a vinda da Madre Provincial para o Sudoeste, para comunicar a decisão do conselho sobre o fechamento do Educandário de Dois Vizinhos, motivado pela falta de vocações.

Não consegui informações para entender o que aconteceu com a escola depois que as irmãs a fecharam. Félix Padilha afirmou que a escola funcionou como uma espécie de cooperativa escolar por um certo tempo, sendo assumida pelo município posteriormente. Atualmente, no prédio funciona a Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima e no mesmo prédio a Escola Estadual.

A respeito da Escola Nossa Senhora de Fátima, apesar de um número reduzido de informações, podemos constatar que a Escola administrada pelas Irmãs também ofereceu uma contribuição importante à comunidade de Nova Concórdia.

3.1.3 A instalação do Educandário São José em Enéas Marques em 1962

O projeto educacional das Irmãs Escolares também contemplou a vila de Jaracatiá (a partir de 1964 Enéas Marques) com a fundação do Educandário São José, administrado pelas Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Conforme Wernet:

Jaracatiá era um lugar maior, com uma população mais numerosa e uma Igreja relativamente espaçosa e bonita. Mas a ausência de uma liderança efetiva atrasou a construção da Escola. [...] E um ano mais tarde, no dia 10 de fevereiro de 1962, foi aberta a filial de Jaracatiá (Enéas Marques) sob o nome de Educandário São José. [...] Não foi muito diferente a situação em Enéas Marques. A Comunidade fundadora era constituída pelas Irmãs Maria Iluminata Singer (Superiora), Maria Verônica Bressan e Maria Beatriz Thomé. Mais tarde encontramos aí, temporariamente as Irmãs Maria Clara Amadio, Maria Mônica de Oliveira, Maria Albertina Pecharski, Maria Marcelina Alérico, Maria Celestina Rohling, Maria Amabile Ferron, entre outras (2002, p. 136-137).

Na região do Jaracatiá havia algumas diferenças em relação ao que as Irmãs encontraram em Nova Concórdia, a começar pela população que era bem numerosa. Lá havia também uma Igreja bem espaçosa com um desenho arquitetônico muito bonito que chamava a atenção de todos. No entanto, não havia na comunidade um fazendeiro disposto e generoso que assumisse a construção da escola, como aconteceu em Nova Concórdia. Infelizmente, no dizer de Wernet (2002) isto fez com que atrasasse um pouco a construção da Escola. Todavia, a obra evidencia que houve um grande envolvimento da comunidade, pois em pouco tempo construíram uma grande estrutura educacional, que serviu de escola e de residência das irmãs.

Em 1962 foi concluída a Escola da comunidade do Jaracatiá. Uma estrutura enorme que despertava a atenção de quem passava e olhava. O que chama a atenção foi o tempo, pois, em apenas dois anos construiu-se uma escola enorme, mostrando que houve efetivamente a participação da comunidade. Assim, foi inaugurada mais esta filial com o nome de Educandário São José, no dia 1º de fevereiro de 1962. Esta escola também esteve sob a responsabilidade das Irmãs Escolares, tanto a direção, como a administração, bem como o projeto pedagógico. Na imagem a baixo podemos visualizar o Educandário São José, que atendeu as demandas da vila do Jaracatiá, a partir de 1964 município de (Enéas Marques).

Fotografia 21 Educandário São José Jaracatiá Enéas Marques, 1962.



Fonte: Wernet, (2002, p. 134).

No período em que as Irmãs administraram esta escola, houve uma comunidade permanente que tinha como Superiora a Irmã Iluminata Singer, com mais três religiosas e um grupo de Irmãs que passaram por lá durante um período, para uma espécie de estágio, dentro do processo de formação religiosa. O Educandário São José foi uma instituição importante para aquela comunidade como indica Maria Iracema Radin⁷⁶, que foi aluna na Escola entre 1962-1965.

A depoente recordou as disciplinas ofertadas pela escola: "estudei Matemática, Português, Geografia, História Ciências. Nós tínhamos também Trabalhos Manuais, era tipo uma educação para o lar. No sábado, nós tínhamos aulas de Bordado e Tricô e educação física" (RADIN, 2016). Por se tratar de uma escola administrada por religiosas, além das disciplinas convencionais, ela estudou canto e religião, conforme indicou: "as aulas de cantos eram juntas com as aulas de religião" (RADIN, 2016).

Maria Iracema fez todo o curso primário ofertado por aquela instituição de ensino. Quanto ao número de alunos Radin afirmou: "Não lembro, mas era mais ou menos de 25 a 30 alunos por turma". A depoente recordou com nostalgia os velhos

⁷⁶ Iracema Radin nasceu na vila do Jaracatiá em 1955 (Enéas Marques). Estudou no Educandário São José de 1962-1965. A partir de 1966 veio morar em Francisco Beltrão. Nos anos 1966-1967 estudou no Colégio Nossa Senhora da Glória na CANGO. Mora no Bairro Alvorada em Francisco Beltrão, nas proximidades do CRE. Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato em 04 de fevereiro de 2016.

tempos em que vivia na região do Jaracatiá, "eu gostava muito de estudar lá. Gostava mesmo" (RADIN, 2016). Conforme a entrevistada:

As freiras não tinha DVDs essas coisas nada, mas elas tinham um cartaz grande tipo um livro enorme que elas colocavam lá na frente iam passando as páginas, as folhas assim pra gente ver e iam contando as histórias, as historinhas. Era tão bom aquilo lá. Tínhamos aulas de teatro e a sala para as apresentações. [...] quando funcionou o Educandário São José era particular e pertencia às freiras. Depois elas entregaram. O colégio estava construído onde hoje é a praça central de Enéas. Foi naquele local que funcionou o colégio. Era muito bonito e tinha uma gruta também muito bonita que a gente sempre ia lá fazer as orações (RADIN, 2016).

A respeito do tempo em que funcionou a escola Radin afirmou:

Eu não lembro porque em 68 quero ver. Não sei se foi até 68 ou 69 que daí as freiras entregaram pro não lembro porque que foi. Sei que daí funcionou um Ginásio lá era Ginásio Cenecista Manoel Ribas (RADIN, 2016).

Quanto à informação da depoente sobre a propriedade do educandário ser das irmãs, é duvidosa. Não encontramos nenhum documento que comprovasse esta afirmação. Na verdade era uma escola paroquial ou da comunidade. As escolas paroquiais normalmente eram construídas em terrenos da prelazia e as irmãs administravam. O fechamento do educandário São José ocorreu no final da década de 1960, e no mesmo prédio, passou a funcionar a escola Manoel Ribas.

Referente ao fechamento das escolas administradas pelas irmãs, não seria um absurdo sustentar que na mesma ocasião a Madre tenha aproveitado a viagem e comunicado a decisão da saída das Irmãs também de Nova Concórdia e como já estava na região comunicou a saída também das irmãs do Educandário São José de Enéas Marques inclusive. Pelo depoimento, o fechamento da escola de Nova Concórdia e Jaracatiá bate com a visita da madre e, por isso, podemos considerar que, as Irmãs entregaram a direção e a administração das Escolas no final da década de 1960.

As escolas paroquiais foram importantes na formação de muitas crianças desenvolvida pelas irmãs Escolares. Por mais que uma das razões alegadas pelo fechamento das três casas tenha sido a falta de religiosas para mantê-las, não há dúvidas de que possibilitaram o ingresso de várias religiosas na ordem. O motivo mais provável para o fechamento foi o fato de a propriedade não ser da congregação.

3.2 A Instalação da Escola Normal Ginásial e Colegial em Francisco Beltrão⁷⁷

No final da década de 1950, as irmãs que atuavam na educação, perceberam a falta de profissionais preparados para atuar no ensino primário. Assim, empenharam-se para abrir em Francisco Beltrão a Escola Normal Ginásial Nossa Senhora Glória e, posteriormente, a Escola Normal Colegial Regina Mundi, para intervirem diretamente na formação de professores na região. Eis a trajetória dessas instituições.

3.2.1. As bases legais da Escola Normal entre as décadas d 1950 e 1970

No Brasil, a formação de professores na modalidade denominada de escola normal perdurou por mais de 140 anos. Iniciada em 1835, essa modalidade de escola só foi substituída oficialmente a partir de meados da década de 1970. Paolo Nosella e Ester Buffa dedicaram parte de suas pesquisas ao papel de tais instituições nas primeiras décadas do século XX. Segundo os referidos autores:

A Escola Normal da República Velha marcou a memória brasileira. Foi como dissemos, uma verdadeira “Schola Mater”, viveiro de futuros professores, matriz cultural e pedagógica dos Grupos Escolares, das escolas isoladas e, até mesmo das escolas particulares. É uma escola que permanece, ainda hoje, como uma referência nas discussões relativas à formação de professores do ensino fundamental (2002, p.12).

Até 1930, a política educacional referente ao ensino primário e secundário, incluindo nesse, as escolas normais, cabia a cada estado da federação. Com a ascensão do grupo liderado por Getúlio Vargas ao poder em 1930, as questões educacionais passaram a ter uma perspectiva mais nacional. Essa ideia foi reforçada pela difusão do Manifesto dos Pioneiros da Educação de 1932, que também defendia que o governo federal definisse as diretrizes da educação.

No governo de Vargas, ganhou destaque no campo educacional, o ministro Gustavo Capanema, que permaneceu no cargo entre 1934 a 1945. A partir de 1942 teve início a chamada *Reforma Capanema* ou *Leis Orgânicas*, que se efetivaram num conjunto de oito decretos-leis editados entre os anos de 1942 e 1946, abrangendo os ramos do ensino primário, do ensino secundário e da formação profissional. De acordo com Saviani (2008, p. 269), os decretos se referiam à criação do SENAI (1942) e do SENAC (1946); à Lei Orgânica do Ensino Industrial (1942), Lei Orgânica do Ensino

⁷⁷ Uma síntese sobre a história das escolas normais de Francisco Beltrão foi publicada na Revista Faz Ciência. (Cf - BELLIATO e CASTANHA (2016).

Comercial (1943), Lei Orgânica do Ensino Normal (1946) e Lei Orgânica do Ensino Agrícola (1946); Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942) e Lei Orgânica do Ensino Primário (1946).

A Lei Orgânica do Ensino Normal não introduziu grandes inovações no âmbito da formação de professores, apenas padronizou um modelo que vinha sendo adotado pelos principais estados ao longo do século XX. Todavia, ao padronizar nacionalmente a formação de professores, a lei definiu com clareza os tipos e níveis de formação, bem como os tipos e níveis de instituições encarregadas dessa formação, visando responder as demandas do ensino primário, que estavam em plena ascensão naquele período.

Conforme o artigo 2º do Decreto-Lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946, o ensino normal foi organizado “em dois ciclos. O primeiro dará o curso de regentes de ensino primário, em quatro anos, e o segundo, o curso de formação de professores primários, em três anos” (BRASIL, Decreto-Lei n. 8.530 de 1946). O 1º ciclo correspondia à formação em nível ginásial e o 2º, a formação em nível colegial, do ensino secundário da época. O 1º ciclo formava os professores regentes, cuja habilitação estava mais direcionada para atuar em escolas isoladas, principalmente as rurais.

Para dar mais visibilidade a formação, organizamos um quadro com o conjunto de disciplinas ministradas no ciclo Normal Ginásial.

Quadro 7 Programa de ensino para a Escola Normal Regional definido na Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946.

Séries	Disciplinas	Séries	Disciplinas
1ª	1) Português	3ª	1) Português
	2) Matemática		2) Matemática
	3) Geografia geral		3) História geral
	4) Ciências naturais		4) Noções de anatomia e fisiologia humanas
	5) Desenho e caligrafia		5) Desenho
	6) Canto orfeônico		6) Canto orfeônico
	7) Trabalhos manuais e economia doméstica		7) Trabalhos manuais e atividades econômicas da região
	8) Educação física		8) Educação física, recreação e jogos
2ª	1) Português	4ª	1) Português
	2) Matemática		2) História do Brasil
	3) Geografia do Brasil		3) Noções de Higiene
	4) Ciências naturais		4) Psicologia e pedagogia
	5) Desenho e caligrafia		5) Didática e prática de ensino
	6) Canto orfeônico		6) Desenho
	7) Trabalhos manuais e atividades econômicas da região		7) Canto orfeônico
	8) Educação física		8) Educação física, recreação e jogos

Fonte: BRASIL. Decreto-Lei n. 8.530 de 1946.

Já o 2º ciclo formava o professor primário, direcionado para atuar em escolas urbanas, principalmente nos grupos escolares. Abaixo organizamos o quadro de disciplinas que formavam esse professor.

Quadro 8 Programa de ensino para a Escola Normal Colegial definido pela Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946.

Séries	Disciplinas	Séries	Disciplinas
1ª	1) Português	3ª	1) Psicologia educacional
	2) Matemática		2) Sociologia educacional
	3) Física e química		3) História e filosofia da educação
	4) Anatomia e fisiologia humanas		4) Higiene e puericultura
	5) Música e canto		5) Metodologia do ensino primário
	6) Desenho e artes aplicadas		6) Desenho e artes aplicadas
	7) Educação física, recreação e jogos.		7) Música e canto
2ª	1) Biologia educacional.		8) Prática do ensino
	2) Psicologia educacional		9) Educação física, recreação e jogos
	3) Higiene e educação sanitária		
	4) Metodologia do ensino primário		
	5) Desenho e artes aplicadas		
	6) Música e canto		
	7) Educação física, recreação e jogos		

Fonte: BRASIL. Decreto-Lei n. 8.530 de 1946.

A lei estabeleceu três tipos de instituições para formar os educadores, os especialistas e administradores: a Escola Normal Regional, a Escola Normal Colegial e o Instituto de Educação. Desta forma, uma Escola Normal Regional só poderia ofertar o Curso Normal Regional, de nível Ginásial que habilitaria para a *regência do ensino primário*. Para ingressar nesse ciclo, o aluno deveria ter concluído seus estudos no primário e ter no mínimo 13 anos de idade. A Escola Normal Colegial habilitava o *professor primário*, mas também poderia ofertar o curso de regente. A idade mínima para o ingresso era de 15 anos e havia a necessidade de comprovação de conclusão do Curso Normal Regional ou do Curso Ginásial. Já o Instituto formava os especialistas, mas poderia também oferecer os outros dois cursos. (BRASIL, Decreto-Lei n. 8530 de 1946). No sudoeste do Paraná não chegou a existir Institutos de Educação.

Com o Decreto-Lei n. 8.530, conhecido como “Lei Orgânica do Ensino Normal”, o governo federal tentou padronizar a formação de professores oficializando a formação nos níveis ginásial e secundário. Essas modalidades se espalharam rapidamente por todo o país, formando novos professores, servindo também para capacitar os professores leigos que já atuavam, tanto nos centros urbanos como nas zonas rurais.

No Paraná, as escolas primárias e normais ganharam um grande impulso com a atuação do educador Erasmo Piloto. Por aqui também havia pouca ou nenhuma formação de professores nas zonas rurais e alto índice de repetência, especialmente nas classes de alfabetização, além do número insuficiente de escolas. Segundo Maria Elisabeth Blanck Miguel, no período de 1946 a 1961 houve uma grande expansão de cursos de formação de professores no Paraná que acompanharam a ocupação do interior do Estado.

Na gestão de Piloto foram abertas “mais de 1.000 escolas na zona rural, beneficiando cerca de 25.000 crianças”, criaram-se 249 Associações de Amigos da Escola e 20 Cursos Normais Regionais, ampliou-se a rede de ginásios do estado, com 25 novas unidades, os salários de magistério secundário e normal foram elevados de acordo “com a sua função de preparadores de uma elite” (1997, p. 130, aspas no original).

Para Miguel esse fenômeno não foi específico do Paraná, pois “[...] aparecia no cenário nacional como parte da política de atendimento às populações em idade escolar, que permaneciam fora da escola ou dela se evadiam” (1997, p. 115). Conforme informado na mensagem do Governador do Estado de 1958, a primeira escola normal Regional fundada no Sudoeste foi na cidade de Palmas em 1949, depois em Clevelândia, em 1953 (PARANÁ. Mensagem, 1958, p. 158). Já a primeira escola normal Colegial, provavelmente tenha sido a de Clevelândia, instalada em 1958, funcionando junto ao colégio das irmãs⁷⁸.

A Constituição Federal de 1946 estabeleceu que cabia ao governo federal definir as diretrizes para a educação nacional. Para atender esse dispositivo constitucional, o governo nomeou uma comissão para elaborar um projeto de lei de diretrizes e bases da educação. O projeto foi encaminhado ao congresso para a análise e aprovação dos deputados e senadores em 1948. Depois de intensos debates, arquivamentos e projetos substitutivos, a lei foi finalmente aprovada em 20 de dezembro de 1961, recebendo o número 4.024 constituindo-se na nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

⁷⁸ Conforme indicado por Cassiane Gemi, em 1960 passou a funcionar em Pato Branco uma Escola Normal, “em prédio alugado pelo Instituto Nossa Senhora das Graças ao governo estadual. As instalações da Escola Normal ficavam junto àquela instituição devido ao fato de ela oferecer local apropriado, com várias salas de aulas, bem como ao trabalho das Irmãs Vicentinas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, que era muito conhecido na educação de Pato Branco. As próprias Irmãs foram encarregadas da direção, organização e lecionaram na Escola Normal por muitos anos” (2012, p. 65).

Com relação à formação de professores para o ensino primário, a lei manteve essencialmente o que estava disposto na “Lei Orgânica do Ensino Normal”, ou seja, a formação nos níveis ginásial e colegial com habilitações para regente primário e professor primário. Conforme previa o artigo 52:

O ensino normal tem por fim a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância (BRASIL, Lei nº 4.024 de 1961).

Ao analisar a LDBEN, Leonor Maria Tanuri (2000), registrou como mudança positiva a equivalência legal de todas as modalidades de ensino secundário e a “descentralização administrativa e a flexibilidade curricular”⁷⁹, que possibilitaram o rompimento da uniformidade curricular das escolas normais”. Segundo a autora, “as reformas estaduais das escolas normais, com vistas a ajustá-las à nova Lei, limitaram-se principalmente a alterações curriculares” (2000, p. 78). A maioria dos estados, inclusive o Paraná, manteve as duas formas de formação (ginásial e colegial), apenas alguns estados, entre eles São Paulo e Rio de Janeiro adotaram a formação apenas em nível colegial.

Com o propósito de atender ao disposto no artigo 11 da LDBEN, que instituiu os sistemas de ensino, em 5 de dezembro de 1964, pela Lei nº 4.978, o Estado do Paraná instituiu o Sistema Estadual de Ensino num contexto pós-golpe militar, instituindo a Ditadura. Conforme indicado por Lucimara Lemiecheck em relação ao Ensino Normal, sua organização ficou similar ao que já previa a LDBEN, “no entanto o Estado ampliou o tempo de formação no nível ginásial de quatro para cinco anos e neste último ano seriam ofertadas as disciplinas que caracterizavam a formação profissional docente”. Segundo a autora, “nesse ano, de acordo com relatório entregue ao governador pelo secretário da Educação e Cultura Véspero Mendes, no Paraná estavam em funcionamento 3 institutos de Educação, 86 Escolas Normais de grau Colegial e 121 de grau Ginásial”. (2014, p. 102).

Conforme previa o Parágrafo único, do artigo 163, da lei do sistema estadual deveriam ser observados os seguintes critérios com relação aos professores em formação: “a) aptidão vocacional; b) sensibilidade para os valores humanos; c) cultura geral básica; d) cultura pedagógica; e) capacidade prática” (PARANÁ. Lei n. 4.978, de

⁷⁹ A LDBEN de 1961 não definiu uma grade curricular mínima para a formação de professores, essa deliberação cabia aos conselhos estaduais de educação.

1964).

Abaixo reproduzimos o quadro de disciplinas, com sua respectiva carga horária e distribuição semanal, ministradas no curso Normal Ginásial, no Paraná a partir da portaria n. 873, de 15 de março de 1962, baixada pela Secretaria de Educação e Cultura.

Imagem 4 Grade curricular, com carga horária e distribuição semanal para o curso Normal Ginásial no Paraná a partir de 1962.

CURSO NORMAL
NORMAL DE GRAU GINÁSIAL DIURNO E NOTURNO
Disciplinas e número de aulas por semana para o primeiro ciclo

QUADRO III

DISCIPLINAS	Diurno					Noturno				
	I	II	III	IV-A	IV-B	I	II	III	IV-A	IV-B
Português	5	5	5	3	5	5	5	5	3	4
Matemática	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3
História	2	2	2	3	2	2	2	2	3	2
Geografia	3	2	3	—	2	2	2	—	—	2
Iniciação à Ciência	2	2	—	—	—	2	2	—	—	—
Ciências Físicas e Biológicas	—	—	—	3	3	—	—	—	3	2
Francês	3	3	—	—	—	3	3	—	—	—
Inglês	—	—	4	—	3	—	—	3	—	3
Organização Social e Política Brasileira	—	—	2	—	2	—	—	2	—	2
Desenho	2	2	—	2	—	2	2	—	2	—
Educação Técnico-Manual	—	—	2	—	1	—	—	2	—	2
Educação Artística	1	2	—	2	—	—	—	—	2	—
Psicologia Educacional	—	—	—	4	—	—	—	—	4	—
Didática e Prática de Ensino	—	—	—	4	—	—	—	—	4	—
Educação Física	2	2	2	2	2	—	—	—	2	—
TOTAL DE AULAS SEMANAIS	24	24	24	26	24	20	20	20	26	20

- Observação: 1) Para a IV Série, no corrente ano letivo, deverá ser seguido o currículo IV-A.
2) A distribuição, segundo o currículo IV-B, será adotada a partir de 1963, em substituição ao currículo IV-A.
3) A formação de regente do ensino, será feita numa V Série, após a conclusão do Curso Ginásial, a ser criada oportunamente.

Fonte: PARANÁ, 1962.

A mesma portaria também definiu as disciplinas e a distribuição semanal para o curso Normal Colegial.

Imagem 5 Grade curricular, com carga horária e distribuição semanal para o curso Normal Colegial no Paraná a partir de 1962.

CURSO NORMAL
GRAU COLEGIAL
Disciplinas e número de aulas por semana para o segundo ciclo

QUADRO IV

DISCIPLINAS	Diurno			Noturno		
	I	II	III	I	II	III
Português	3	3	2	3	3	2
Matemática	3	3	—	3	2	—
História	2	2	—	2	2	—
Geografia	2	—	—	2	—	—
Ciências	3	3	—	2	2	—
Desenho	2	2	—	2	2	—
Didática e Prática	2	5	10	2	5	9
Psicologia	3	2	—	2	2	—
Organização Social e Política Brasileira	—	—	3	—	—	2
História e Filosofia da Educação	—	—	3	—	—	2
Educação Doméstica	—	—	4	—	—	3
Música e Canto Orfeônico	2	2	—	2	2	—
Educação Artística	—	—	—	—	—	—
Educação Física	2	2	2	—	—	2
TOTAL DE AULAS SEMANAIS	24	24	24	20	20	20

Fonte: PARANÁ, 1962.

Ao compararmos as grades curriculares previstas pela Lei Orgânica do ensino normal, de 1946, com a proposta para o Estado do Paraná estabelecida pela portaria n. 873, de 15 de março de 1962 fica evidente que a proposta de 1946, tanto para o ensino normal ginasial, quanto para o ensino normal colegial tinha uma base pedagógica na formação docente bem mais consistente. A LDBEN de 1961, ao criar os sistemas estaduais de ensino e permitir que seus respectivos conselhos estaduais de educação definissem os currículos de cada curso, estimulou a flexibilização curricular, levando, em muitos casos a perdas na qualidade da formação docente.

A lei 5.692 de 1971, que instituiu as diretrizes para o ensino de 1º e 2º graus, extinguiu a formação de professores em nível ginasial, mantendo apenas a de nível colegial, transformando em habilitação para o magistério em nível de 2º grau. Com a lei 5.692 foi introduzida de forma progressiva à habilitação em magistério e só se efetivou a partir da década de 1980.

3.2.2. A Instalação da Escola Normal Ginasial Nossa Senhora da Glória em 1959

Para nós, não é difícil entendermos que a busca por uma educação de qualidade, faz parte do cotidiano e da preocupação de qualquer família que deseja um futuro melhor para seus membros. Para tanto, escrever sobre a Escola Normal para a Formação de Professores, exige de quem se dedica a esta empreitada, contextualizar o cenário nacional, estadual e municipal, no sentido de verificar os desafios do processo de qualificação que passa, necessariamente, pelas políticas de formação de professores.

Segundo Lazier (1982), as Irmãs Escolares de Nossa Senhora sempre tiveram uma preocupação especial com a educação e percebendo as grandes dificuldades para oferecer uma educação de qualidade, entenderam que seria fundamental formar professoras para atuarem nas salas de aula. Segundo registrado na Crônica:

Em 1959 ainda Ir. Boaventura criou a ESCOLA NORMAL GINASIAL Nossa Senhora da Glória para preparar professoras, para esta região tão pobre de professoras preparadas. Diversas professoras são testemunhas de que era uma escola muito boa (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

O final da década de 1950 foi muito importante na trajetória educacional do Colégio Nossa Senhora da Glória, devido a grande demanda por professoras preparadas para atuarem nos projetos educacionais. Uma vez que na região tudo, estava no início,

inclusive na área educacional. Ir. Boaventura organizou a instalação da primeira Escola Normal Ginásial para a formação de Professoras em Francisco Beltrão.

Em uma Crônica produzida pelas Irmãs Escolares encontramos a seguinte passagem sobre a criação da Escola Normal Ginásial em Francisco Beltrão, no ano de 1959:

Contamos com este fato importante dado no início deste ano letivo, a instalação da Escola Normal Nossa Senhora da Glória. Esta teve lugar no dia 21 de fevereiro. Para este ato solene estiveram presentes: a Senhora Diva H. Vidal - chefe da Escola Normal e de algumas autoridades do lugar. [...] A Escola Normal, contava no início com 34 matrículas, entre elas com 4 professoras do Grupo Escolar. Durante o ano tudo correu normalmente nesta escola. O resultado final foi bastante consolador para o seu corpo docente (CRÔNICA ESCOLAR DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, 1962, s/p).

A crônica evidencia a criação da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória. Conforme informa o texto, a escola teve início no dia 21 de fevereiro, com a realização de ato inaugural, que contou com a presença da diretora da Escola Normal do Estado do Paraná, a Senhora Diva H. Vidal, bem como de algumas autoridades do lugar. Entre estas, certamente a Irmã Boaventura e Frei Deodato, que na época era o vigário da Igreja Nossa Senhora da Glória.

Outra prova que evidencia a existência da escola é a relação das 34 alunas que compuseram a primeira turma da escola.

Quadro 9 Relação das primeiras alunas matriculadas da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória em 1959.

LISTA COM AS MATRÍCULAS DA PRIMEIRA TURMA DE 1959	
1. Ana Gracik	18. Lidia Kosik
2. Ana Jussara Polanski	19. Maria Borigo Miranda
3. Ana Possebon	20. Maria Cretani
4. Ana Vanir Ghedin	21. Maria Inês Traiano
5. Anilde Vandressen	22. Marilene Pierucini
6. Cilene Aparecida de Liz	23. Marilu Valrela
7. Clemência Lúcia Araújo	24. Marilene Terezinha Justen
8. Dalair Geemeli	25. Nadir Massoti
9. Dulce Viegas Lazarini	26. Nair Antunes dos Santos
10. Edite Coloniese	27. Olga Buzacaro
11. Elisa Soares Martins de Mello	28. Qadelise Lurdes Capra
12. Hadir de Freitas	29. Renata Pickler
13. Jandira Luiza Parsianello	30. Tania Maria Botton
14. Joanita Ratier	31. Teresinha Traiano
15. Judith Alves	32. Tony Kuntze
16. Laci da Silva	33. Vanilde Ghedin
17. Leni Viana (Alcinda)	34. Zelir Bigaton

Fonte: Ana Gracik (Documento avulso).

Quadro 10 Relação da primeira turma de Formandas da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória, ano de 1962.

LISTA DAS FORMANDAS DA PRIMEIRA TURMA em 1962	
1. Ana Gracik	8. Maria Burigo Miranda
2. Carmen Cardinal	9. Maria Crestani
3. Cilene Aparecida de Liz	10. Marilu Varela
4. Hadir de Freitas	11. Renata Pickler
5. Judite Alves	12. Tania Maria Botton
6. Laci da Silva	13. Teresinha Traiano
7. Lilian Cardinal	

Fonte: Ana Gracik (Documento avulso).

A partir dos dados levantados na escola também foi possível construir uma estatística dos formandos pela Escola Normal Ginásial entre 1962 e 1967.

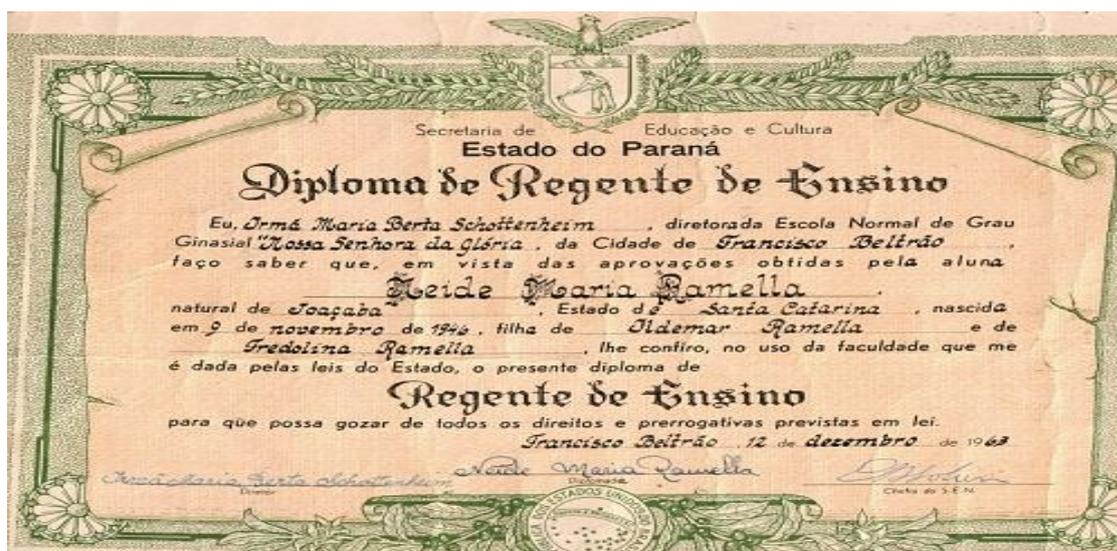
Quadro 11 Estatístico das Alunas que receberam os diplomas de Regente de Ensino da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória entre 1962 e 1967⁸⁰.

ANO DA FORMATURA	NÚMERO DE ALUNAS
1962	13
1965	24
1966	30
1967	31
TOTAL	98

Fonte: Livro de Registro de Diplomas. (Arquivo do Colégio Estadual Mario de Andrade).

Outra prova concreta da existência da escola é o diploma de professora Regente senhora Neide Maria Ramella aluna da 2ª turma, formada em 1963.

Imagem 6 Diploma da professora Neide Maria Ramella formada pela escola em 1963.



Fonte: Acervo Pessoal Neide Maria Ramella, (2016).

⁸⁰ No Livro de Registros de Diplomas que encontramos nos arquivos do Colégio Estadual Mário de Andrade, não constam as turmas de 1963 e 1964.

Imagem 7 Verso do Diploma da professora Neide Maria Ramella formada pela escola em 1963.



Fonte: Acervo Pessoal Neide Maria Ramella, (2016).

Este certificado demonstra a regularidade da Escola Normal, que certamente foi determinante na formação profissional das professoras, preparando-as para a arte de ensinar. O certificado legitima o trabalho das Irmãs Escolares em pensar projetos educacionais que beneficiassem, não apenas Francisco Beltrão, mas toda região.

Esta Escola Normal foi importante para Francisco Beltrão e região e fez a diferença na vida de muitas pessoas, uma vez que faltavam professoras formadas. A Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória cumpriu o seu papel e deixou lembranças.

Conforme documento localizado no Colégio Estadual Mário de Andrade, no final de 1967, “a Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória fez parte do processo de fusão das escolas e foi extinta, transformando-se no Ginásio Estadual de Francisco Beltrão” (PARANÁ. CEMA, 1973, p. 06). A partir da fusão do Ginásio Francisco Beltrão com a Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória e o Colégio La Salle, a formação de professores centrou-se na Escola Normal Colegial Regina Mundi. Contudo, vale a pena recordar que esta Escola foi importante para o município, por ser a primeira escola Estadual de nível ginásial que funcionou de 1959 até sua extinção em 1967, na estrutura do Colégio Glória na CANGO em Francisco Beltrão.

3.2.3. A Instalação da Escola Normal Colegial Estadual Regina Mundi em 1965

Depois de alguns anos de funcionamento da Escola Normal Ginásial, com vários professores formados e a expansão das escolas urbanas, na modalidade de grupos escolares, fazia-se necessário ampliar o nível da formação docente em Francisco Beltrão. Foi com esse intuito, que a comunidade beltronense, liderada pelas Irmãs Escolares de Nossa Senhora conseguiram dar mais um passo importante e se empenharam em oferecer as condições necessárias para a criação da Escola Normal Colegial⁸¹.

Na busca por informações encontramos a Ata de Instalação da Escola no arquivo do Colégio Estadual Mário de Andrade de Francisco Beltrão. Conforme consta no documento manuscrito:

Aos vinte e oito de dezembro de mil novecentos e sessenta e cinco, numa das salas da Escola Normal Colegial Estadual “Regina Mundi”, procedeu-se a Instalação da mesma. Os trabalhos foram seguidos na ordem seguinte. Fica criada na Cidade de Francisco Beltrão a Escola Normal Colegial Regina Mundi pelo decreto 19.838 assinado pelo Governador Ney Braga e Lauro Rego Barros Secretário de Educação e Cultura do Estado do Paraná (ESCOLA REGINA MUNDI, ATA n. 1, p. 1, 1965).

Ao observarmos atentamente o fragmento constatamos que uma das atividades da solenidade de Instalação da escola, no dia 28 de dezembro de 1965, foi a leitura do decreto n. 19.838/65, de 27 de outubro de 1965⁸², que autorizou a criação da Escola Normal Colegial Estadual “Regina Mundi. Localizamos no acervo fotográfico do Colégio Nossa Senhora da Glória uma fotografia que registrou o momento da reunião para a instalação oficial da escola, na qual estavam presentes várias as autoridades estaduais e municipais e as irmãs do colégio. Veja (anexo C).

⁸¹ A Escola Normal Colegial foi criada pelo Estado, mas funcionou junto ao Colégio Nossa Senhora da Glória entre 1965-1972 e a partir de 1973 deslocou por outras instituições até 1976, quando foi incorporada ao Colégio Roberto Antônio Croda. A primeira diretora da Escola Normal Colegial Regina Mundi foi a Irmã Alix Bento, posteriormente a Irmã Bárbara Zimmermann.

⁸² A data do decreto de instalação da Escola Regina Mundi, encontramos no Regimento Interno da Escola de Segundo Grau, Roberto Antônio Croda, todavia, não foi possível localizar o decreto na íntegra.

Imagem 8 Instalação da Escola Normal Regina Mundi em 28/12/1965.



Fonte: Acervo Escola Nossa Senhora da Glória (s/d, s/p).

Vera Lúcia Fregonese ao escrever sobre o Colégio Nossa Senhora da Glória fez a seguinte afirmação:

Ainda na década de 1950, foi incorporado o Curso do Magistério através da Escola Normal Regional Estadual Regina Mundi, dedicada à formação de professores das séries iniciais, que funcionava também nessa construção de madeira (2012, p. 250).

A afirmação acima, no nosso entendimento, não confere com os documentos encontrados, como a ata de instalação da Escola e a própria fotografia. A autora confundiu a Escola Regina Mundi com a Escola Normal de grau Ginásial, criada em 1959, que também funcionava no colégio das irmãs. Os depoimentos orais de vários alunos, bem como os certificados de conclusão de curso, demonstram claramente que não existiu a Escola chamada Regina Mundi no final da década de 1950, mas somente a partir de 1965. A Escola Normal de grau Ginásial Nossa Senhora da Glória, depois de uma preparação de quatro anos, formava as normalistas com o diploma de Regente de Ensino. Diante das fontes levantadas fica evidente que houve duas instituições de ensino, que conviveram juntas por um determinado período, mas com níveis de formação diferentes.

A Escola Regina Mundi foi uma importante instituição de formação de professoras a partir de 1966. Aos poucos, a Escola foi imprimindo mudanças não só no aspecto educacional, mas também nas questões sociais, econômicas, políticas e

religiosas de Francisco Beltrão e região, visto que significou mudança na qualidade educacional.

Um fato que nos chamou a atenção logo de início foi o nome dado à Instituição de ensino: Regina Mundi. Afinal, qual foi a justificativa para esse nome? Consultando o Regimento Interno da Escola de Segundo Grau Roberto Antônio Croda, encontramos a explicação para a razão do nome da Escola. Segundo tal documento, o nome de “REGINA MUNDI” que na língua latina se traduz como: “Rainha do Mundo” foi dado em homenagem a Nossa Senhora da Glória, por ser esta a Padroeira da cidade de Francisco Beltrão e que também é o nome do Colégio. A data da festa da padroeira da cidade é 15 de agosto, dia comemorado pelos católicos como a Assunção de Nossa Senhora ao Céu.

A Escola Regina Mundi, não chegou a ter uma sede própria. Ela funcionou em diferentes instituições escolares do município. Segundo depoimento da professora Maria Narcisa⁸³, que atuou como diretora da Escola em 1973, “[...] a Regina Mundi ela saiu do Colégio Glória e foi pro Castelo da Floresta na ASSESSOAR e de lá, quando eu peguei a direção, nós ficamos um ano na Escola Beatriz Biavati porque não tinha um lugar que fosse assim próprio da Escola” (NARCISA, 2015).

Em 1976, a Escola Normal Regina Mundi foi incorporada a Escola de Segundo Grau “Roberto Antônio Croda”, que funcionava junto ao Colégio Estadual Eduardo Virmond Suplicy, localizado no centro da Cidade de Francisco Beltrão. A instituição resultou da junção/reordenação do Colégio Comercial Estadual de Francisco Beltrão e da Escola Normal Colegial Estadual Regina Mundi, unificadas em obediência às determinações legais do Conselho Estadual de Educação e Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Estado, com embasamento legal no parecer nº. 130/74 e aprovado pelo parecer nº. 001/76, de 05 de fevereiro de 1976 (ESCOLA DE 2º GRAU ROBERTO A. CRODA, REGIMENTO). A instituição foi criada para atender a um público escolar que procurava o aperfeiçoamento profissional nos Cursos de Técnico em Contabilidade e Normal Colegial.

Com a Lei 5.692, de 1971, que reorganizou o ensino de 1º e 2º grau, a formação de professores passou a se dar na modalidade de habilitação em nível de Magistério de 2º grau. Como a lei determinou que sua implantação fosse gradual, a habilitação em nível Magistério de 2º grau só foi implementada em 1980, junto ao Colégio Estadual

⁸³ Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato em 2 de junho de 2015.

Mário de Andrade (PARANÁ. CEMA, 2011). A partir de então se extinguiu, a modalidade de Escola Normal em Francisco Beltrão, e com isso a Escola Normal Regina Mundi foi extinta.

3.2.4. A proposta pedagógica da Escola Normal Colegial Regina Mundi e experiências de formação

No levantamento de documentos sobre a escola Regina Mundi, encontramos nos arquivos do Colégio Mário de Andrade o Regimento Interno da Escola Normal Colegial Estadual Regina Mundi⁸⁴. Ao analisar o documento, logo foi possível constatar a articulação para o funcionamento desta importante Escola que beneficiou toda a região. O Regimento Interno era claro ao afirmar que: “esta Escola é o centro único de uma área cultural relativamente nova” (ESCOLA NORMAL REGINA MUNDI. REGIMENTO, s/d, p. 1)

A Escola Normal Regina Mundi foi instalada em um momento muito importante para o Sudoeste do Paraná, tornando-se um dos principais centros especializado na formação de professoras. Ao averiguarmos o Regimento Interno da Escola, identificamos as finalidades e os objetivos característicos da Instituição, no que se referia à formação das normalistas. Então vejamos:

- a) Desenvolver integralmente a personalidade humana e sua participação na obra do bem comum.
- b) Integrar a Escola Normal, através do contato diário no bom relacionamento do professor com a criança, possibilitando utilizar processos adequados ao aluno do curso primário em geral e, em particular àquele que constituirá sua classe em um determinado momento.
- c) Despertar na normalista a compreensão adequada do que consiste o trabalho pedagógico de levar o aluno a agir, a estudar, a aprender libertando-se da hipótese de que o cumprimento de um programa formal possa dar um preparo profissional efetivo.
- d) Oferecer-lhe a oportunidade de sentir que a Escola Normal e a Primária funcionam como um organismo perfeitamente estruturado e dinâmico na plena experimentação de seus objetivos.
- e) Propiciar, com o intercâmbio entre os professores das divisões e unidades, recursos para um contínuo aperfeiçoamento de técnicas de trabalho e levar os resultados dessa experiência ao Curso Primário no que concerne ao inter-relacionamento e cultura especializada.
- f) Procurar incentivar e informar o professor quanto ao uso de técnicas de trabalho que atendam à psicologia infantil ao ideal

⁸⁴ A pesquisa sobre a Escola Normal Colegial Estadual Regina Mundi nos conduziu ao Colégio Estadual Mário de Andrade – CEMA, por informação do Professor Luiz Carlos Niederhartmann que foi professor nesta escola entre 1973 a 1974. O mesmo informou que no Colégio Estadual Mário de Andrade deveria estar toda a documentação das várias escolas que deram origem ao CEMA. Infelizmente encontramos poucos documentos preservados. Certamente a maior parte foi destruída seja pela ação do tempo ou pela destruição deliberada dos próprios gestores, diante a falta de um espaço apropriado para arquivá-los.

cristão e à sociedade (ESCOLA NORMAL REGINA MUNDI. REGIMENTO, s/d, p. 1).

Ao analisarmos o Regimento Interno da Escola Regina Mundi, constamos o que a Escola pretendia durante o período de formação das normalistas isto é: a) em primeiro lugar, tratava-se do desenvolvimento integral da personalidade humana de cada normalista na função de professoras que no futuro iriam desempenhar. E mais, a sua participação na sociedade era entendida como “obra do bem comum”. b) Enfatizou a importância da integração entre professor e aluno, onde o relacionamento deveria ser agradável possibilitando assim a aprendizagem de forma serena e harmoniosa. c) Evidencia a importância da autonomia das candidatas, orientando que não era apenas estar fazendo parte do programa de formação de professores pensando que a formação aconteceria de forma automática, independente do empenho pessoal. As normalistas deveriam conforme prescrito agir, estudar e aprender para tomar conhecimento do que consistia, realmente, o trabalho pedagógico. Assim, fica claro que apenas fazer parte do programa formal, não garantiria de maneira alguma um profissional com qualidade efetiva. Era necessário que as normalistas tivessem consciência de que a formação deveria fazer parte de um processo contínuo, mesmo depois que concluíssem o programa de formação. d) O documento ressalta ainda, que as duas instituições, a Escola Normal e a Escola Primária deveriam funcionar como um organismo perfeitamente estruturado, tendo em comum, o papel ativo do professor. e) Enfatizou a importância do intercâmbio entre as divisões e unidades da Escola Normal, na troca de experiências e na partilha das técnicas de trabalho para o fortalecimento da Escola Primária. f) Por fim, ressaltou a importância do conhecimento da psicologia infantil e o papel do ensino para levar o ideal cristão para toda a escola.

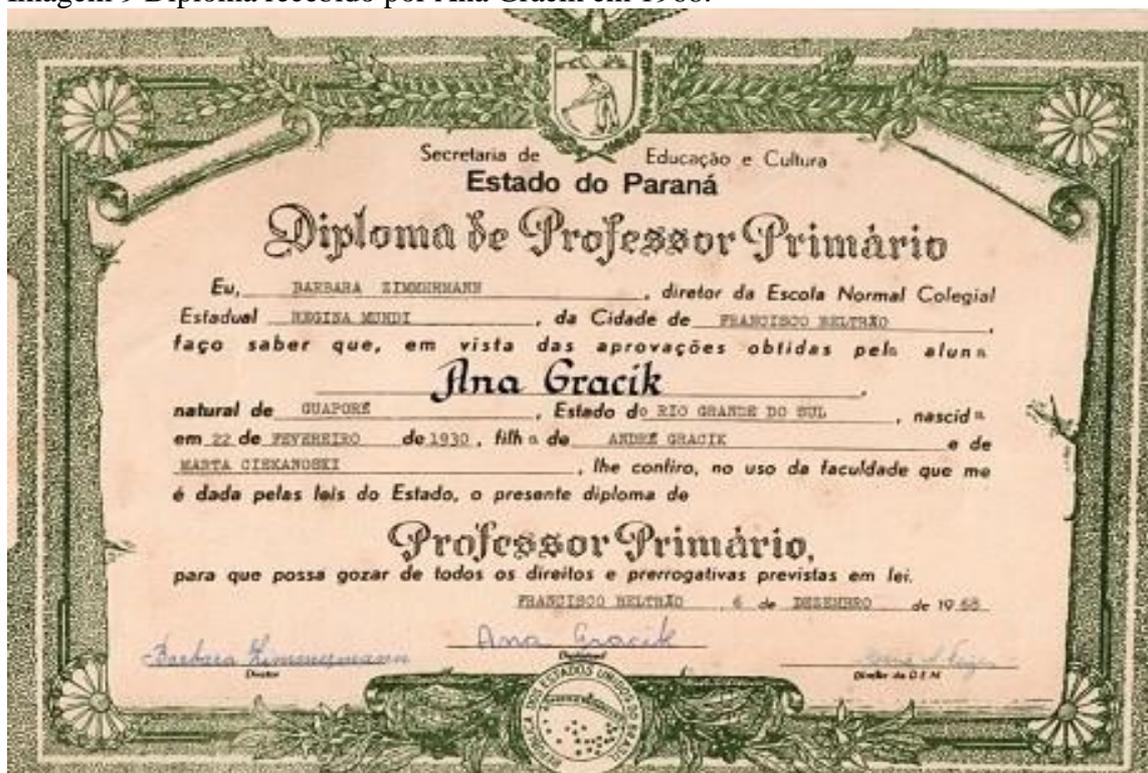
Na expectativa de encontrar alunos, professores, diretores da Escola, saímos a campo, tendo como orientação a metodologia da História Oral⁸⁵. Vale lembrar que os relatos orais se constituem de extrema relevância em nossa pesquisa, visto que são fontes muito ricas para a compreensão das questões que surgiram em torno do objeto e da prática educativa do passado. A ideia foi indagar os depoentes para conseguirmos compreender o desenrolar dos acontecimentos dentro do contexto histórico, social, político e religioso das décadas de 1960-70, período em que foi criada e instalada a Escola Normal.

⁸⁵ As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente transcritas. Depois de revisado foi disponibilizado uma cópia impressa para a leitura do depoente, o qual teve a oportunidade de fazer ajustes e revisão. Após a aprovação, foi solicitado o termo de consentimento para uso como fonte documental.

Nessa busca conseguimos encontrar e entrevistar a professora aposentada, Ana Gracik⁸⁶. Ela estudou na Escola Regina Mundi de 1966 a 1968, fazendo também parte da primeira turma do Curso Colegial. A professora exerceu a profissão de docente no ensino primário, tendo sido mestra de muitos alunos de Francisco Beltrão e região. Segundo ela “as aulas aconteciam no período matutino, das 7:00 às 11:00” (GRACIK, 2015). Conforme consta no seu diploma, as matérias que estudou foram as seguintes: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Moral e Cívica, Fundamentos da Educação, Teoria e Prática da Escola Primária, História da Educação, Administração Escolar, Educação Física, Artes, Recursos Áudio Visuais, Música e Cantos Orfeônicos.

Para demonstrar como era a habilitação oferecida pela Escola Regina Mundi, reproduzimos a imagem da frente do diploma original recebido pela aluna, depois professora Ana Gracik.

Imagem 9 Diploma recebido por Ana Gracik em 1968.



Fonte: acervo pessoal de Ana Gracik, (2015).

⁸⁶ Ana Gracik nasceu em 22 de fevereiro de 1930, é natural de Guaporé – RS, fez parte da primeira turma de matriculadas e formandas do Ensino Normal Ginásial, como registrado nos documentos citados anteriormente. Atualmente é professora aposentada e reside na cidade de Florianópolis – SC com a filha. Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato no dia 9 de junho de 2015.

A partir de Ana Gracik, conseguimos o contato com a professora Gilda Beatriz Davoglio⁸⁷, formada pela escola em 1969, fazendo parte da segunda turma da escola. Segundo a professora Gilda:

[...] a Escola Normal Regional Colegial Estadual Regina Mundi, veio justamente para suprir a falta de professoras. Sendo assim, as Irmãs Escolares de Nossa Senhora trouxeram este curso com toda a grade curricular voltada para a formação de professoras. O número de professores que havia, não era o suficiente para suprir as necessidades da escola (DAVOGLIO, 2015).

Conforme destacou, “as aulas eram articuladas de tal forma, que os alunos e alunas eram externos, eles estudavam na parte da manhã uma vez que as obras do novo Colégio ainda não haviam sido concluídas”. Segundo ela, “as salas eram mistas sendo constituídas por homens e mulheres. Claro que não havia muitos homens que se interessavam pelo magistério, porém, sempre tinha um ou outro. Este curso acontecia em um período de 03 anos” (DAVOGLIO, 2015)⁸⁸.

No levantamento dos ex-alunos conseguimos identificar e entrevistar o professor Evaristo Castanha⁸⁹, o qual afirmou ser o primeiro aluno que se formou na Escola Colegial Regina Mundi. No dizer do professor Evaristo:

[...] a maior curiosidade que eu posso destacar neste momento, é que nós éramos em 02 turmas. A primeira era só de moças. Já a segunda turma era só de professoras. Elas, por sua vez, possuíam muitos anos de profissão. Tanto em uma turma como na outra, só havia um aluno homem na turma de 1972. [...] no dia da nossa formatura, a Irmã Bárbara que foi a Diretora da Escola Regional, me deu os parabéns por ter sido o primeiro aluno homem que se formou normalista em Francisco Beltrão” (CASTANHA, 2015).

Considerando o significado desse fato, optamos por reproduzir a imagem do diploma do professor Evaristo Castanha.

⁸⁷ Gilda Beatriz Davoglio Virmond nasceu em 1950 na cidade de Casca – RS. Filha de Severino Giuseppe Davoglio e Rosalinda Camilotti Davoglio. Atualmente mora em Francisco Beltrão e vive como professora aposentada. Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato no dia 10 de Junho de 2015. Outra fonte importante que nos ajudou a levantar o nome de ex-alunas e alunos da Escola foi o Livro de Registros dos Diplomas dos alunos da Escola Regina Mundi, encontrado nos arquivos do Colégio Estadual Mário de Andrade.

⁸⁸ Como a Escola Normal Regina Mundi foi a primeira escola em nível secundário de Francisco Beltrão, vários estudantes formados não se dedicaram ao magistério. Por alguns anos, a Escola Normal constituiu-se na única opção para estudos secundários, com possibilidades de acesso aos cursos superiores.

⁸⁹ Evaristo Castanha nasceu em 23 de Novembro de 1935, é natural de Bom Retiro – SC. Filho de José da Silva Castanha e Maria Policastro. Atualmente o professor Evaristo é aposentado e reside em Francisco Beltrão mantendo uma vida ativa. Participa na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e desenvolve várias atividades na Igreja a que pertence no Bairro Alvorada. Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato no dia 17 de junho de 2015.

Imagem 10 Diploma do professor Evaristo Castanha formado em 1972.



Fonte: Acervo Pessoal de Evaristo Castanha, (2015).

O professor Evaristo Castanha já atuava como professor na zona rural, por isso sentiu a necessidade de se preparar melhor para o exercício da profissão. Ele pode ser considerado um privilegiado por ser o primeiro homem formado na instituição.

A Gilda Beatriz Davoglio⁹⁰, após se formar pela escola, tornou-se professora de artes. Ao se reportar a experiência de professora, afirmou:

Eu sempre trabalhei com Arte. Na realidade, havia na formação uma grande carência de professores. Eu vim de Curitiba do Colégio Sagrado Coração, com algumas ideias novas e as irmãs me propuseram que então, eu assumisse aulas. Em 1970, eu já estava formada e então lecionava aulas de Recursos Visuais e Educação Artística (DAVOGLIO, 2015).

Segundo a depoente, além do quadro e do giz:

[...] procurava suprir as necessidades dos professores. Havia uma correlação entre Educação Artística e Geografia e produzíamos com os alunos mapas em autorrelevo, usávamos jornais e revistas. Muitos recursos eram produzidos em sala de aula como televisãozinha com bobina com filmes, teatro de sombra (DAVOGLIO, 2015).

⁹⁰ A professora Gilda Beatriz Davoglio estudou no Colégio Sagrado Coração em Curitiba de 1966 a 1968 e assim que concluiu o ano, retornou para Francisco Beltrão e ingressou no último ano do curso de formação de professores oferecido pela Escola Regina Mundi e concluiu o curso no final de 1969. Esse fato evidencia que não havia professores com graduação em Francisco Beltrão, pois ela passou a atuar como professora com apenas o Curso Normal Colegial.

Além da professora Gilda, tivemos a oportunidade de conhecer e realizar uma entrevista em forma de questionário com o professor Luiz Carlos Niederhartmann,⁹¹ o qual relatou-nos que integrou o corpo docente da Escola Normal Regional Regina Mundi de 1973 a 1974. Lecionou as disciplinas de Geografia do Paraná, História do Paraná e OSPB. “Aliás, a disciplina de OSPB por ter sido o ano de implantação, todos deveriam estudá-la”. Ao ser questionado sobre quais eram os recursos didáticos da época, o professor Luiz Carlos Niederhartmann destacou que “as bibliotecas eram fracas, não havia muitos recursos didáticos para um maior aprofundamento nos estudos”. E complementou afirmando que “a maioria dos alunos era mais concentrada e iam à escola para estudar” (NIEDERHARTMANN, 2015).

No Estatuto Interno do Colégio Roberto Antônio Croda, encontramos a seguinte afirmação sobre a Escola Regina Mundi:

[...] 09 foram as turmas formadas pela Escola Normal Colegial Estadual REGINA MUNDI, muitos têm se destacado no Magistério Regional, levando à juventude do Paraná, os conhecimentos básicos para uma aprendizagem à altura das reais necessidades da atual conjuntura nacional e universal (ESCOLA DE 2º GRAU ROBERTO A. CRODA, s/d, p.2).

Essa informação pode ser confirmada na consulta que fizemos ao Livro de Registros de Diplomas localizado no arquivo do Colégio Estadual Mário de Andrade. No livro levantamos a relação de formandos das turmas de 1968 a 1977, contabilizado um total de 09 turmas, sendo formados aproximadamente 250 professores primários. (LIVRO DE DIPLOMAS, p. 2 a 8).

Apesar da falta de professores, das inúmeras dificuldades que as Irmãs Escolares de Nossa Senhora enfrentaram, mesmo assim, com esforço coletivo da comunidade Beltronense foi possível concretizar a proposta pedagógica de um projeto educacional, que ainda nos dias atuais, as pessoas recordam com saudade, de uma época, em que a Escola Regina Mundi foi essencial para a formação dos educadores, deixando importantes sinais de avanços na educação e, de modo particular, na formação de professores de Francisco Beltrão e do Sudoeste do Paraná.

⁹¹ O professor Luiz Carlos Niederhartmann foi acometido de uma doença que afetou a sua fala. Por isso, nós o entrevistamos por meio de um questionário que foi respondido de forma escrita. Entrevista realizada por Belliato no dia 8 junho de 2015.

3.3 As parcerias entre as Irmãs Escolares e a Secretaria da Educação do Estado do Paraná

As Irmãs Escolares como veremos, tinham uma boa sintonia com a Secretaria da Educação do Estado do Paraná. Esta aproximação possibilitou importantes contribuições de ambas às partes a serviço da educação no município de Francisco Beltrão e Região.

Conforme descrito na Crônica:

Em fins de 1967 a Secretaria de Educação e Cultura de Curitiba pediu às Irmãs para assumir a direção do Ginásio Estadual de Francisco Beltrão e que funcionasse em nosso prédio. Estava até então no prédio do Grupo Suplicy. O pedido foi aceito em 1968 IR. ARCELIA MARIA PAESE, que tinha nomeação como professora primária, assumiu a direção do Ginásio que passou a funcionar em nosso prédio. Funcionou em 3 períodos. No mesmo ano houve a fusão com mais duas escolas: Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória que já não tinha razão de existir porque foi criada e Escola Normal Colegial Regina Mundi e o Ginásio particular La Salle foram fechados (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

A Crônica revela uma clara relação entre o Colégio Glória e outras escolas públicas e particulares da cidade. Devido à nova estrutura concluída em 1967 a Secretaria de Educação do Estado propôs que as irmãs assumissem a direção do Ginásio Estadual, bem como alugasse as estruturas do Colégio para abrigar os alunos que estudavam em espaços improvisados no Grupo Escolar Suplicy. Pelo registro, o Estado aproveitou para suprimir a Escola Normal Ginásial que já funcionava no Glória e o Ginásio La Salle, formando uma só instituição, o Ginásio Estadual Francisco Beltrão, transformado anos depois no Colégio Estadual Mário de Andrade. A opção da escolha pelo Colégio Glória, certamente foi mais pela estrutura física, do que pelo projeto pedagógico, foi a forma encontrada para aliviar as pressões pela construção de uma nova estrutura para o Colégio Suplicy. O Estado, ao suprimir o Colégio La Salle passou a pagar professores que atuavam no La Salle. Qual o valor do aluguel que o Estado pagou? Isso não foi possível identificar, mas certamente não foi cedido de graça. Conforme registrado na Crônica:

Foi um ano duríssimo para a direção, pois custou muito que os alunos vindos da Escola Estadual se submetessem a um regime sério de disciplina e trabalho. Havia cerca de 100 casos de irregularidades, isto é com irregularidades nos históricos dos alunos. Após um levantamento por membros da Secretaria de Curitiba todos os respectivos alunos tiveram de se sujeitar-se às necessárias provas de

revalidação nas matérias com notas não "legais". Um ano não bastou para por em dia todos os casos. Foi montada uma secretaria para por em dia todas as listas de notas bimestrais e finais. Foi chamado aluno que já estava em outra cidade, já estava cursando 2º Grau. Em 1969 Ir. Arcélia deixou Francisco Beltrão para continuar seus estudos cursando Pedagogia em Curitiba (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

As irmãs encontraram dificuldades para impor um padrão disciplinar aos alunos das outras instituições. Os alunos precisaram se adaptar e resolver também problemas de suas matrículas por terem vindos de registros diferentes. A secretaria do Ginásio Francisco Beltrão estava desorganizada. A crônica revela problemas sérios. A nova direção constatou que vários alunos estavam com seus históricos em situação irregular.

Evidencia que as escolas públicas naquele momento estavam em situação precária, tanto do ponto de vista estrutural, quanto burocrático. Na época havia duas ou três instituições funcionando no mesmo espaço e, como consequência, muitos problemas surgiram com a documentação escolar dos alunos. Boa parte da desorganização era por falta de estrutura, demonstrando pouco interesse por parte do Estado pela educação pública. A opção por alugar o Colégio Glória foi uma forma que o governo encontrou para prorrogar os investimentos em novas escolas, demonstrando mais uma vez que uma educação pública de qualidade não era prioridade do governo estadual.

Reproduzimos abaixo a fotografia da Irmã Arcélia Maria Paese⁹² que ficou um ano na Direção do Ginásio Francisco Beltrão. Depois, a superiora da Congregação transferiu-a para Curitiba, para fazer a faculdade de Pedagogia visando reforçar a equipe do Colégio Glória em Francisco Beltrão. Quando concluiu os estudos em Curitiba, retornou para as atividades no Colégio Nossa Senhora da Glória.

⁹² Irmã Arcélia Maria Paese nasceu no dia 15 de setembro de 1938 em Maximiliano de Almeida (RS). Depois se mudou para Concórdia (SC) com sua família. Irmã Arcélia é a segunda dos sete filhos de Dionísio e Ida Zanella Paese. Formada em Teologia pelo Instituto Franciscano de Petrópolis – RJ. Também formada em Pedagogia e Administração Escolar. Foi Provincial das Irmãs Escolares de Nossa Senhora da Província de São Paulo de 1997 – 2001.

Fotografia 22 Irmã Arcélia Maria Paese 1997.



Fonte: Revista Gente do Sul, (1997, p.7).

Conforme registrado na Crônica, para o seu lugar a Congregação designou:

Irmã Bárbara Zimmermann⁹³, que também tinha padrão pelo Estado como professora primária para assumir a direção e continuar a luta em prol da juventude estudantil de Francisco Beltrão. "Segundo informação ela conseguiu cercar-se de uma equipe de ótimos professores que lhe ajudaram a elevar a escola a um nível bastante bom e reconhecido na região" (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p).

Irmã Bárbara formou uma equipe de professores preparados para conduzir os trabalhos no Ginásio Francisco Beltrão. Alguns anos depois, a escola estava mais bem organizada e apresentava um nível de ensino satisfatório. Certamente, os professores mais bem formados de Francisco Beltrão atuavam no Colégio Glória, até porque, no Glória funcionavam as principais escolas mantidas pelo Estado na época. Não há dúvidas de que havia uma relação ambígua entre o público e o privado, a qual ajudou a

⁹³ Irmã Bárbara Zimmermann nasceu em 30 de Dezembro de 1914 na Alemanha. Fez sua profissão religiosa em 1938 em Munich na Alemanha. Foi professora de Francês, Inglês e diretora entre 1965-1968 no Colégio Nossa Senhora da Glória. Irmã Bárbara também foi diretora no Colégio Mário de Andrade até 1975. Faleceu em 21 de Dezembro de 2007 em São Paulo.

fortalecer o nome do Colégio Nossa Senhora da Glória. Reproduzimos a fotografia da Irmã Bárbara Zimmermann, que foi diretora do Colégio Nossa Senhora da Glória e do Colégio Estadual Mário de Andrade entre 1970 a 1975.

Fotografia 23 Irmã Bárbara Zimmermann.



Fonte: Acervo Colégio Nossa Senhora da Glória, (s/d, s/p).

Conforme registrado na Crônica:

Em 1970 já foi criado o 2º Grau, no mesmo prédio e todo o Colégio Estadual recebeu o nome de "Colégio Estadual Mário de Andrade pela SEC. Como era fundamental a implantação do CURSO FUNDAMENTAL também em nossa escola particular, Ir. Bárbara deixou a direção do Estadual, fins de 1975, pois era incompatível o mesmo curso no mesmo prédio. A Escola Estadual passou a funcionar ainda anos no prédio nosso sob a direção de um professor leigo, Danilo Schiessl, mas que não soube corresponder à confiança nele depositada (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p) .

A informação registrada na Crônica acima sobre a criação do 2º Grau na década de 1970, que funcionava no prédio do Colégio Glória pode ser confirmada pelo Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Mário de Andrade, o qual indica a mudança do nome de Ginásio Francisco Beltrão para “Colégio Estadual Mário de Andrade pelo Decreto nº. 21.289 de 14/10/70, em homenagem à personalidade de Mário de Andrade, figura ilustre da Literatura Brasileira” (Projeto Político Pedagógico. [...] Em menos de dois meses “em 11/12/1970, pelo Decreto nº. 21883 foi criado o 2º Ciclo (Curso

Científico), passando o “Ginásio Mário de Andrade a denominar-se de Colégio Estadual Mário de Andrade – Ensino de 1º e 2º Graus” (Projeto Pedagógico Político, 2011, p. 8).

O fragmento acima evidencia o início da autonomia do Colégio Glória. Conforme indicado era incompatível o mesmo curso no mesmo prédio. Na época a base legal era a Lei 5.692 de 1971. Essa lei criou o ensino de 1º grau elevando de 4 para 8 anos o ensino obrigatório. Com a lei estabeleceu a sua implantação de forma gradual no ano de 1976/77 teve início a 5ª série. As irmãs resolveram abrir a 5ª série no Glória, mas já havia a 5ª série do Colégio Mário de Andrade, daí a incompatibilidade. Por isso a irmã Bárbara deixou a direção do Mário de Andrade para dedicar-se somente no projeto do Colégio Glória. Ano após ano, o Glória incorporou novas séries, até ter todo ensino de 1º grau completo. Isso foi em 1979/80.

Conforme na Crônica:

A Escola Nossa Senhora da Glória desenvolveu-se sob a direção da Ir. Letícia Cunha e depois da Ir. Arcélia Maria Paese. O número de alunos cresceu ano após ano em todas as classes do Curso Fundamental - 1º grau e também PRÉ-ESCOLA. A semente que germinou há 25 anos, respectivamente em 30 anos a escola tornou-se CENTRO CULTURAL DA REGIÃO (HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, 1975, s/p) .

Conforme o depoente:

Por volta de 1977 funcionava inicialmente o Primeiro Grau, Ginásio me foge o nome que não era ainda o Primeiro e Segundo Grau. Mas, era alguma coisa parecida com isso. Depois então é que surgiu o Segundo Grau que na época se chamava Científico que era uma denominação diferente da que nós temos hoje e com a grande clientela que nós tínhamos faço também um parêntese para dizer que a clientela do Mário de Andrade era tão grande e a procura enorme que tínhamos 54 salas que funcionavam e ainda fazíamos uma chamada extensão no Cristo Rei e na Vila Nova (SHIESSL, 2016).

O depoente menciona 1977 como ano inaugural do curso Científico. O ano de 1977 não corresponde com as informações encontradas no PPP do Colégio Estadual Mário de Andrade, que afirma ter sido no final de 1970. Chama-nos a atenção o número de turmas que havia no Colégio Estadual Mário de Andrade: 54 turmas com extensões em outros bairros. Ele não está se referindo a 54 salas, mas sim turmas. Uma mesma sala poderia atender 3 turmas. Provavelmente nesse número foram consideradas as turmas desde o primário até o 2º grau. Esse volume expressivo de alunos deve ter sido o resultado da fusão feita pelo Estado em 1976 criando a Escola de 2º Grau Roberto

Antônio Croda, que incorporou o Regina Mundi, associada ao Colégio Mário de Andrade.

O depoente não disse em nenhum momento, mas podemos constatar que este número enorme refletido nas 54 salas de alunos foi em função do complexo envolvendo o Colégio Estadual Mário de Andrade, o Colégio Nossa Senhora da Glória e a Escola Beatriz Beavatti. Conforme o depoente:

A clientela era muito grande comparado com o número de alunos hoje proporcionalmente de habitantes da época praticamente 80% da população estava em sala de aula. Então era um número muito grande. O Mário de Andrade quando se deslocou para onde se encontra hoje, lembro-me que na ocasião nós tínhamos lá disponíveis de início apenas 8 salas pra abrigar as 54 turmas⁹⁴ que tinham saído daqui. O fato é que praticamente durante o primeiro ano de funcionamento lá, foram necessários 4 turnos reduzidos das 7:00 as 11:00 e das 11:00 até 3:30 e das 4:00 às 7:00 e mais um turno noturno para poder abrigar tudo isso. O Mário de Andrade lá criou “regis próprias” com o Segundo Grau Científico e também é preciso que se faça um registro para gáudio nosso e de todos os professores que trabalhavam na época, o nosso Colégio Científico os alunos que concluíam o nosso curso faziam vestibular e todos eram aprovados (SHIESSL, 2016).

Com a fusão realizada pelo Estado, constatamos que para evitar o problema da superlotação, foram implantados 4 turnos como solução para dividir as 54 turmas. Era um Colégio muito bem conceituado devido ao grande número de aprovação que havia para os alunos que prestavam o vestibular.

Não existia ainda a cultura do cursinho. Então de fato a educação era muito primorosa e o fato é que nós temos aí diversos profissionais que foram ex-alunos do Colégio Mário de Andrade depois. Mais tarde o Colégio Mário de Andrade com o aumento das turmas de Segundo Grau dividiu-se numa Escola Técnica e passou a ser uma Escola Técnica de Ensino e essa Escola Técnica de ensino passou a funcionar no Colégio Suplicy e então existiam lá 3 cursos: o Técnico em Contabilidade, o Magistério e o chamado Curso Propedêutico que formava só para quem quisesse ingressar depois numa faculdade não era nada muito específico (SHIESSL, 2016).

Evidencia-se que o Colégio Estadual Mário de Andrade mantinha um nível muito bom de ensino naquele período. O depoente não informa com precisão o ano, por isso acreditamos tratar-se do período entre 1976-1980, momento em que as salas do

⁹⁴ As salas tinham capacidade para abrigar apenas 32 turmas. Será que foi por essa razão que o Professor Danilo citou anteriormente a extensão que havia no Bairro Vila Nova e bairro Cristo Rei pela falta de salas e naqueles bairros funcionavam as outras 22 salas de aula?

Colégio Glória foram sendo desocupadas. Devido a falta de estrutura física, o Colégio Mário de Andrade ocupava espaços do Colégio Suplicy e Escola Beatriz Beavatti.

Sempre que se cria uma escola, o objetivo é possibilitar o acesso ao ensino para os alunos. Este gesto reforçou a esperança de dias melhores à educação, formando jovens mais preparados para vida e para o mercado de trabalho num país que investe pouco na educação e não valoriza os profissionais da área como deve.

No início da década de 1980, aconteceu algo relevante na história do Colégio Nossa Senhora da Glória, com a transferência do Colégio Mario de Andrade para a sua sede própria o Glória se consolidou como uma Escola particular, já não mais exercendo aquela influência que tinha quando as Escolas públicas não possuíam ainda suas sedes próprias. Conforme argumentou Neto:

[...] houve um tempo em que o Colégio Estadual Mário de Andrade funcionou nas instalações da Escola Nossa Senhora da Glória. Então veja por este motivo, a contribuição que o Glória as Irmãs Escolares de Nossa Senhora ofereceram para a sociedade de Francisco Beltrão colocando à disposição a estrutura física do Colégio Glória ao Colégio Estadual Mário de Andrade. Então era muito boa. Eu me lembro sempre, nos desfiles de Sete Setembro nas campanhas de vacinas. Vacinava-se em massa com a participação do Colégio. Enfim em todas as outras atividades sócio culturais, o Glória sempre esteve muito bem relacionado com as demais entidades de ensino de Francisco Beltrão não só com as escolas normais mas também com as escolas de músicas, de arte e todos os afins e, especialmente entre todas as atividades da Igreja Católica (NETO, 2016, p.9).

O depoente enfatiza que naquele período, o Colégio Glória era muito presente nas questões, não somente acadêmicas, mas também, nos momentos de demonstrar o patriotismo pelo país, nos desfiles de Sete de Setembro e até nas questões de saúde pública, no que se referia aos períodos das vacinações para as crianças e a população de modo geral. Era realmente um Colégio que se relacionava muito bem, inclusive com as escolas de músicas e arte, bem como com a catequese e outros trabalhos desenvolvidos pela Igreja Católica.

O Colégio Nossa Senhora da Glória não vivia isolado da sociedade, este se desenvolveu a partir do trabalho em equipe coordenado pelas diversas Irmãs que passaram pela instituição, fazendo com que a escola se integrasse com atividades conjuntas com outras escolas. O Colégio Glória esteve presente em momentos importantes da sociedade beltronense, colaborando, da forma que era possível, em

diversas ações sociais e eventos culturais, religiosos e educacionais. Conforme Neto, (2016):

O Glória cumpriu um papel muito importante na formação intelectual das pessoas, do caráter e no ensinamento. Então eu reafirmo que a história de Beltrão e a história do Colégio Nossa Senhora da Glória que no meu tempo se chamava Instituto Nossa Senhora da Glória se confundem. A história de Francisco Beltrão e do Colégio Nossa Senhora da Glória andam juntas. Tenha certeza absoluta que todos os alunos que passaram entre as décadas de 1950 a 1980 tiveram marcados na sua personalidade ensinamentos da Escola Nossa Senhora da Glória e na de muitos que fizeram o ensino médio na sequência em Francisco Beltrão (NETO, 2016).

Cientes que embora o Colégio Glória tenha predominantemente atendido a elite de Francisco Beltrão não há dúvidas que no período recortado também teve relevância significativa, o atendimento das classes populares da cidade e região. Percebemos que tanto a história do município, quanto a do Colégio caminharam juntas visto que as religiosas chegaram aqui, praticamente no início de tudo. O Colégio certamente deixou boas recordações, principalmente naqueles que tiveram a oportunidade de passarem pelo Colégio na condição de alunos ou professores.

Neste capítulo, demonstraremos a influência positiva que o Colégio Nossa Senhora da Glória exerceu na instalação de escolas no município e na região. Concomitantemente, explicitamos os esforços, a participação e as parcerias celebradas entre Colégio Glória o Estado, promovendo a criação de cursos direcionados para a formação de professores visando suprir as necessidades do município e região. Ficou evidente a participação importante no processo de escolarização do município, a contribuição singela da Congregação das Irmãs Escolares que trabalharam a favor da educação no município de Francisco Beltrão atingindo de uma forma ou de outra as diversas classes sociais deste município. Apresentamos no quadro a seguir com os nomes das respectivas Irmãs que atuaram na Direção do Colégio Nossa Senhora da Glória entre 1952-1984.

Quadro 12 Irmãs Escolares que foram Diretoras no Colégio Glória de Francisco Beltrão entre 1952-1984.

Ano	Direção
1952-1958	Irmã Maria Alix Bento
1959-1964	Irmã Maria Boaventura Gress
1965-1968	Irmã Bárbara Zimmermann
1969-1974	Irmã Letícia Almeida Cunha
1975-1984	Irmã Arcélia Maria Paese

Fonte: Quadros Colégio Nossa Senhora da Glória (2017).

O trabalho delas foi central na construção da identidade da instituição e no projeto educacional das irmãs Escolares em Francisco Beltrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto apresentou o resultado de uma pesquisa realizada entre 2015 e 2017. O estudo procurou investigar o Colégio Nossa Senhora da Glória e o processo de escolarização no município de Francisco Beltrão e região entre 1951 e 1982. Após o levantamento das fontes, surgiram algumas questões que precisaram ser problematizadas. A pesquisa procurou investigar como se constituiu historicamente a educação no Colégio Nossa Senhora da Glória, desde a sua origem em 1951 até 1982.

Em Francisco Beltrão, naquela época, em qual situação se encontrava a educação? Qual o envolvimento das Irmãs Escolares para ampliar o nível de escolarização na região? Que tipos de parcerias com o estado, com o município e as comunidades, as religiosas desenvolveram? Com quais bases econômicas e sociais as religiosas conseguiram construir uma estrutura educacional na região? Para tentar responder estas indagações coletamos as fontes bibliográficas, documentos, fotografias e realizamos entrevistas orais.

A pesquisa revelou que a Congregação das Religiosas que surgiu em 1833 na Alemanha, disseminou-se rapidamente por várias cidades da Alemanha e para outros países da Europa, chegando também aos Estados Unidos ainda em 1847. Nos Estados Unidos, o trabalho das irmãs consistiu em atender os imigrantes alemães que estavam marginalizados pelas políticas educacionais americanas. Essa mesma política alimentou a vinda delas para o Brasil a partir de 1935 em Santa Catarina e 1937 em São Paulo.

Ficou evidente que Madre Maria Teresa Gerhardinger, com suas colaboradoras contribuíram de forma significativa em importantes projetos educacionais voltados para a formação feminina, visto que na época, a própria Alemanha, bem como outros países da Europa ainda ofereciam poucas oportunidades educacionais para as meninas. Pelo projeto original, deveria ser feito a partir de pequenas comunidades escolares inseridas nos locais mais pobres. Madre Maria Teresa colaborou e muito ao propor uma nova concepção de educação e formação integral, para meninas jovens e mulheres. Ela entendia que as mulheres deveriam ter independência. Sua maneira de pensar estava à frente de sua época, e “junto com suas irmãs, foi uma pioneira na formação moderna das mulheres. Dentro do contexto da história da Igreja, Madre Teresa foi uma importante pedagoga no século XIX” (OESTHEL, 2012, p. 30).

Com a instituição do estado totalitário, imposto pelo partido político de Hitler, o projeto das Irmãs Escolares de Nossa Senhora foi desconsiderado pelas novas

autoridades alemãs. Diante das perseguições aos institutos religiosos, uma parte significativa de religiosas teve que abandonar sua pátria. Vale lembrar que elas foram expulsas de sua pátria porque não seguiram as orientações do novo regime que era extremamente intolerante com as entidades religiosas, tanto católicas quanto protestantes. O Brasil foi o destino de muitos religiosos europeus naquele período.

A chegada das Irmãs em terras brasileiras não aconteceu de forma muito tranquila. Quando as Irmãs chegaram ao Brasil, encontraram outra situação do ponto de vista político. O presidente do Brasil era Getúlio Vargas e o país vivia um período de ditadura e de forte nacionalismo. O sistema capitalista atravessava uma crise generalizada, em esfera global.

Do ponto de vista religioso, o que elas encontraram ao desembarcarem no porto de Santos e, posterior instalação em Matão? Elas encontraram uma Diocese necessitando de religiosas para prestar serviços na área da enfermagem e orfanatos, mas também somaram forças na missão de implantação do projeto da cristandade católica, mediante a inserção em instituições assistenciais e educacionais e em trabalhos catequéticos.

A pesquisa também demonstrou que a vinda das religiosas para o Brasil aconteceu por necessidades financeiras, para o próprio sustento da congregação, uma vez que o governo alemão havia confiscado todos os bens das congregações na Alemanha. Não há como negar as perseguições promovidas pelo regime ditatorial de Adolf Hitler contra as religiosas. O Estado de São Paulo, para as Irmãs Escolares de Nossa Senhora vindas da Província da Baviera, tornou-se lugar de esperança e ao mesmo tempo, a sua terra de missão, da mesma forma que Forquilha – SC foi para as Religiosas vindas da província da Silésia.

As Religiosas Escolares, portanto, se inseriram dentro de um projeto de Reforma Católica comandado pelos bispos brasileiros sob orientação da Cúria Romana. Se na Europa, naquele período, a Igreja perdeu bastante espaço, aqui ela tinha condições de se expandir e se consolidar. Para tanto, seria fundamental reformar em primeiro lugar, o clero, oferecendo aos padres uma formação intelectual adequada para trabalharem com as lideranças populares. Em seguida seria importante preparar bem as crianças, os jovens e os adultos com uma formação catequética melhor, com a fundação de Colégios Católicos, tanto femininos quanto masculinos. Em outras palavras, portanto a vinda de congregações religiosas masculinas e femininas foi incentivada pela Igreja para difundir o catecismo e evitar a expansão das igrejas protestantes.

No início, elas assumiram os serviços de hospitais, orfanatos até que a situação se normalizasse em virtude dos conflitos que levaram a 2ª Guerra Mundial. No momento em que as religiosas aqui chegaram, estava para começar a Segunda Guerra mundial na qual Brasil e Alemanha ficaram de lados opostos. Por isso, qualquer pessoa que vinha da Alemanha era vista com desconfiança, pois, o Brasil procurava se precaver dos serviços de espionagem. Durante o período de 1937 a 1951, as Irmãs concentraram suas atividades no estado de São Paulo e Minas Gerais.

No ano de 1951 as Irmãs viajaram para a Santa Catarina e fizeram visitas às Irmãs Escolares que vieram da província da Silésia e aproveitaram para fazer uma sondagem vocacional por lá e foram aconselhadas a visitarem Palmas no Paraná. Ao chegarem em Palmas foram encaminhadas para a Vila Marrecas. O vigário da época, Frei Deodato, as acolheu.

Frei Deodato também era alemão e se empenhou em criar condições para a vinda das Irmãs para a região. Com esse intuito reuniu alguns membros da comunidade para tomar medidas para viabilizar a vinda das irmãs. De imediato, adquiriram 10 terrenos e iniciaram as arrecadações para construir a casa para as religiosas.

Em 1952, ao chegarem em definitivo a Francisco Beltrão sem condições de construir uma escola, alugaram ou emprestaram uma antiga casa de comércio desativada e ali iniciaram a escola no mês de fevereiro daquele ano. As matrículas de alunos foram tantas que precisaram utilizar outros espaços improvisados. A saída foi construir um colégio próprio. Foi aí que apareceu a proposta de construir o colégio da CANGO.

A construção do colégio da CANGO não foi uma tarefa simples, pois, a GANGO não cumpriu com o que havia prometido inicialmente. A transferência da escola para a CANGO, uma construção ampla e espaçosa foi motivo de muita alegria, todavia, a transferência para lá acabou gerando descontentamentos nos pais das crianças pequenas que moravam no centro da cidade. A partir das pressões desses pais e com a eminência da extinção da CANGO, as irmãs resolveram iniciar a construção da estrutura educacional na Rua Tenente Camargo. A construção da sede própria na Rua Tenente Camargo foi outra batalha que contou com o apoio da comunidade, do estado e de financiamentos de entidades católicas da Alemanha.

Com uma ampla estrutura física na CANGO e na Rua Tenente Camargo, as irmãs passaram a atuar, em parceria com o estado, na criação de instituições educacionais para além do ensino primário.

Foi nesse sentido que em 1959 a Congregação das Irmãs Escolares através da Irmã Boaventura, deu uma grande contribuição para a educação regional, com a criação da primeira Escola Normal Regional Ginásial para a formação de Regentes. Esta escola foi importante para o município de Francisco Beltrão e para região, pois formou várias professoras que começaram suprir as necessidades locais. No início, o Colégio transformou-se em um ponto turístico. Não havia nada em nossa região com uma estrutura semelhante para a época muitos se matricularam no Glória da Cango.

Depois de consolidar a Escola Normal de Grau Ginásial, as Irmãs também se empenharam para trazer a Escola Normal Colegial Estadual Regina Mundi para a formação de professores em nível colegial. Essa Escola também deixou contribuições na formação de professores, pois formava profissionais capazes de pensar e refletir sobre o papel do ensino primário. Além dessas instituições, as irmãs alugaram suas estruturas educacionais para abrigar outras instituições públicas criadas em Francisco Beltrão, que não tinham estrutura própria.

Assim, entendemos que resgatar parte dessa história educacional, foi importante para compreendermos a educação no município e região, principalmente ao constatarmos que as irmãs instituíram o primeiro Jardim de Infância em 1954.

A construção de escolas na cidade de Francisco Beltrão e na região significou um trabalho importante naquele momento histórico, quando o estado era praticamente ausente e quando vinha algum auxílio era de forma precária. Por isso, sob a influência das Irmãs, outras escolas foram criadas na região para atenderem as demandas que eram grandes, como foram os casos das escolas comunitárias em Nova Concórdia, Enéas Marques e Dois Vizinhos.

Não temos dúvidas em afirmar que o Colégio Nossa Senhora da Glória contribuiu decisivamente no processo de escolarização de Francisco Beltrão e região e fomentou a construção de escolas públicas no município. Todavia também temos certeza de que o estabelecimento de parcerias com os poderes públicos foi fundamental para construir a identidade do Colégio Nossa Senhora da Glória na cidade e região.

Neste ano de 2017, a Congregação das Irmãs Escolares, está completando 80 anos da chegada ao Brasil. O Colégio Nossa Senhora da Glória está completando 65 anos de existência e de trabalhos ininterruptos em Francisco Beltrão. Neste período de funcionamento formaram-se muitas turmas. A pesquisa constatou que o Colégio Glória colaborou na formação de várias gerações oferecendo uma formação intelectual de qualidade a uma parte significativa da juventude do município de Francisco Beltrão e

municípios vizinhos, preparando-os para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade.

Desenvolver esta pesquisa para mim foi algo prazeroso, porque é muito bom descobrir e desvendar parte desta história que vem sendo escrita há mais de meio século em Francisco Beltrão. Neste período de 2 anos de estudos e pesquisas, quantas descobertas, quantas amizades feitas. Ao mesmo tempo, quanta preocupação com o descaso no cuidado de documentos importantes para a história das escolas da nossa região. Nas escolas que visitei a procura de informações e de fontes, me deparei com os documentos empilhados, sendo devorados aos poucos pelos insetos e ácaros. Sorte que as entrevistas realizadas revelaram parte de uma história, que jamais encontraríamos em documentos escritos.

Oxalá esta pesquisa abra caminhos para que outros pesquisadores possam dar prosseguimento nos estudos sobre o Colégio Nossa Senhora da Glória e outras escolas da região Sudoeste, pois ainda há muito que se descobrir via documentos e mediante o uso da história oral. Conhecer a história educacional regional é uma condição para avançarmos na qualificação da educação atual.

REFERÊNCIAS

- ARNS, Irmã M. Helena. **A Bem Aventurada Maria Teresa de Jesus Fundadora da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora**, 2ª Edição, Formsul Editora e Gráfica, Forquilha - SC, 2012.
- AZZI, Riolando. **A Crisandade Colonial: Um Projeto Autoritário**, Edições Paulinas, São Paulo, 1987.
- AZZI, Riolando. **O Altar Unido ao Trono: Um Projeto Conservador**, Edições Paulinas, São Paulo, 1992.
- AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil: Terceira Época – 1930 – 1934**, Vozes, Petrópolis – RJ, 2008.
- BELLIATO, Moacir da Costa e CASTANHA, André Paulo, A Escola Normal Colegial Estadual Regina Mundi - 1965-1976: Primeiros Apontamentos sobre a formação de professores primários em Francisco Beltrão-PR. **Faz Ciência**, vol. 18, n. 27, jan/jun de 2016, p. 191-212.
- CASTANHA, André Paulo. **Edição Crítica da Legislação Educacional Primária do Brasil Imperial: a legislação geral e complementar referente à Corte entre 1827 e 1889**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, Campinas: Navegando Publicações, 2013.
- CATTELAN, Carla. **Educação rural no município de Francisco Beltrão entre 1948 a 1981: a Escola Multisseriada**. Francisco Beltrão - PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, 2014. (Dissertação de mestrado em Educação).
- CONCEIÇÃO, Machado. Cortelini, Caroline, **Práticas e Representações da Institucionalização da Infância: Bebês e Crianças Bem Pequenas na Creche em Francisco Beltrão – PR (1980 - 1990)**: Universidade do Vale Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2014. (Tese de Doutorado).
- CRUZ, Afonso de Santa. **A Carolina do Danúbio** 5ª Edição, Edições Rosário, Curitiba 1992.
- DIEL, Paulo, F. **Religião e Religiosidade: A Contribuição dos Franciscanos no Desenvolvimento Religioso, Cultural, Político e Econômico de Palmas e Região (1903 – 1958)**, Editora da Assembleia Legislativa do Paraná, Curitiba, 2004. ((Dissertação de Mestrado).
- DIX, Irmã Benilda. **O Amor não Pode Esperar**. Edições Paulinas, São Paulo - SP, 1993.
- EBY, Frederick. **História da Educação Moderna: Sec. XVI/XX teoria, organização e prática educacionais**. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.
- FIORESE, Gilmar, **A Mulher e os Conflitos Sociais no Sudoeste do Paraná (1943-1962)**. UNESP/ASSIS-SP E UNICENTRO/GUARAPUAVA-PR, Guarapuava, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).
- FREGONESE, Vera Lúcia. Uma Instituição Escolar na Vila Marrecas (1952-1953). In: BONAMIGO, et. all. (org), **História e Territórios: diversidades de abordagens e domínios**. Francisco Beltrão – PR: Editora Jornal de Beltrão, 2012, p. 250 - 265.
- FREITAS, Sônia Maria. **História Oral Possibilidades e Procedimentos**. Humanitas, São Paulo, 2002,

- EMER, Ivo. **O Desenvolvimento Histórico do Oeste do Paraná e a Construção da Escola**, Rio de Janeiro, 1991.
- GEMI, Cassiane. **A primeira escola de formação de professores em Pato Branco e o desenvolvimento econômico, social e educacional da região sudoeste do Paraná: 1960-1986**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012. (Dissertação mestrado em Educação).
- HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio, O Dicionário da Língua Portuguesa**, Nova Fronteira, São Paulo, 1999.
- HUFFNER, Pierre. **Teresa Gerhardinger, Corajosa Mulher de Fé e de Visão Mundial**, Editions du Signe, Lingolsheim - Strasbourg - France - 1979.
- JORNAL DE BELTRÃO **Entrevista com Neusa Paiano Javoriski**, em 30 de Novembro de 2014, p. 3A. Francisco Beltrão, 2014.
- LAZIER, Hermógenes. Francisco Beltrão: 25 anos de lutas, de trabalho e de progresso. **Revista Jubileu de Prata - Francisco Beltrão Edição Histórica**. Francisco Beltrão - PR: Editora Folha do Sudoeste LTDA, s/d, p. 5-27.
- LAZIER, Hermógenes, **Escola Nossa Senhora da Glória, “A Semente que Germinou”**. Francisco Beltrão – PR: Grafisul – 1982.
- LAZIER, Hermógenes. **Análise Histórica da Posse da Terra no Sudoeste Paranaense**. 2ª ed. Francisco Beltrão: Grafit, 1998.
- LEMIECHEK, Lucimara. **Aspectos históricos da formação de professores normalistas no município de Laranjeiras do Sul - PR (1946 – 1980)**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão, 2014. (Dissertação de Mestrado em Educação).
- MARTINS, Rubens, S. **Entre Jagunços e Possiões**, 1ª Edição, Curitiba, 1986.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**, 5ª edição, Edições Loyola, São Paulo, 2005.
- MICHAELIS, **Moderno Dicionário de Língua Portuguesa**, Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1998
- MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A formação do professor e a organização social do trabalho**. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.
- NELSON, Saily Ann. **MADRE TERESA, Mulher de Visão, Grupo Interprovincial de pesquisa sobre a herança, Gráfico "Design" pelas gráficas franciscanas em colaboração com a Faculdade de Notre Dame de Maryland, Baltimore, Maryland** 31 de Julho de 1979, Editora Gráfica Metrópolis, Porto Alegre, RS, s/d.
- NIEDERHARTMANN, Luiz Carlos. **Das Matas Primitivas a Pólo de uma Região: Abordagem Histórica**. Francisco Beltrão - PR: UNICENTRO, 1986.
- NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. **Schola Mater: A Antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos: EDUFISCAR, 2002.
- PADIS, Pedro Call. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**, Editora Hucitec, São Paulo, 1981.
- OLIVEIRA, M. C. Organização Escolar no Início do Século XX: O caso do Paraná, **Revista Educar**, Curitiba, n. 18 p. 143-156. Editora UFPR, 2001.

OESTHEL, Madre Charlotte. Superiora Provincial, **Maria Teresa Gerhardinger, Pedagoga do Século XIX**, Editora Sadifa Media, Munique - Alemanha, 2012.

PEGORARO, A. Ivo. Irmã Arcélia Maria Paese, Beltrão poderia estar melhor. **Revista Gente do Sul** – Francisco Beltrão – PR: Editora Jornal de Beltrão S/A, Nº 34, Março de 1997, p.7 -10.

RABELO, Amaro Korb e DUTRA, Gelsi. ASSESSOAR: 50 anos de Lutas Construindo o Projeto Popular. Francisco Beltrão/ PR, **Revista Cambota**. Edição Especial. ano XLII, nº 271: março de 2016.

RICHARD, Lionel. **A vida Cotidiana na República de Weimar**, 3ª Reimpressão, Companhia das Letras, 1988.

SALVADORI, Celmo Albino. **Legislativo Beltronese: 50 Anos de História**, Grafisul, Francisco Beltrão, 2002, s/p.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2ª. ed. rev. e amp. Campinas: autores Associados, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico Crítica**. 10ª ed. .rev. Campinas: autores associados, 1991.

SECRETARIA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO. **Histórias Geografia: Educando com o Coração**, Francisco Beltrão, 2002.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, maio/agosto, 2000, p. 61-88.

TRIVINOS, Augusto. N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação: São Paulo**, Atlas S.A, 1992.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**, Imprensa Oficial do Paraná, Curitiba, 2002.

WEISZFLOG, Walter, **Michaelis Moderno Dicionário de Língua Portuguesa**, São Paulo: Companhia Melhoramento, 1998.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. Relatório do Estágio de Pós – Doutorado desenvolvido junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Francisco Beltrão: Unioeste, 2015.

WERLE, Flávia Obino Correa. História das instituições escolares: de que se fala? in: LOMBARDI, José Claudinei e Maria Isabel Moura Nascimento (orgs), **Fontes, História e Historiografia da Educação**, Campinas: Autores Associados, 2004, p. 13-36.

WERNET, Augustin. **As IENS Rompendo Fronteiras**, Vol. 1. Induspian Indústria Gráfica LTDA, São Paulo 2002.

FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. Decreto-Lei nº 8.529, de 2 de Janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União - Seção 1 - 4/1/1946, Página 113. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União - Seção 1 - 04/01/1946, Página 116.

Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>.

BRASIL. Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União - Seção 1 - 27/12/1961, Página 11429. (Coleção de Leis do Brasil - 1961, Página 51 Vol. 7 Publicação Original). Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília. Coleção de Leis do Brasil de 1971, vol. 5. Publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 em 12/8/1971, p. 6377. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>.

COLÉGIO ESTADUAL MÁRIO DE ANDRADE, Projeto Político Pedagógico, Francisco Beltrão, 2011.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA. Madre Teresa e os Desafios da Educação. III Encontro Interprovincial de Educação das Irmãs Escolares da América do Sul, Porto Alegre, Fevereiro de 1999.

CRÔNICA ESCOLAR DO INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA. Francisco Beltrão: Colégio Nossa Senhora da Glória, 1962 (Documento manuscrito).

ESCOLA DE 2º GRAU ROBERTO ANTÔNIO CRODA. Regimento Interno. Arquivo do Colégio Estadual Mário de Andrade – CEMA, s/d. Mimeo.

ESCOLA NORMAL COLEGIAL ESTADUAL REGINA MUNDI, Regimento Interno. Arquivo do Colégio Estadual Mário de Andrade – CEMA, s/d. Mimeo.

ESCOLA NORMAL GINASIAL E COLEGIAL ESTADUAL REGINA MUNDI. Livro de Registro de Diplomas s/d. Arquivo do Colégio Estadual Mário de Andrade – CEMA. (Documento manuscrito).

ESCOLA NORMAL COLEGIAL ESTADUAL REGINA MUNDI, Livro de Atas. Ata n.1 de 28/12/1965. Arquivo do Colégio Estadual Mário de Andrade. (Documento manuscrito).

HISTÓRIA REMOTA DE MARRECAS, Francisco Beltrão. Crônicas, Arquivo Colégio Nossa Senhora da Glória, 1975. Mimeo.

<http://crernapalavra.blogspot.com.br/2016/02/o-documento-syllabus-1864-do-papa-pio-ix.html> Postado por Luís Rodrigues às 16:55 . Consultado em 20.01.2017.

INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, Francisco Beltrão. Álbum Histórico da Fundação, Arquivo Colégio Nossa Senhora da Glória, s/d.

INSTITUTO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, Francisco Beltrão. Livro de Atas. Ata n. 1 de 7/10/1951, Arquivo Colégio Nossa Senhora da Glória (Documento Manuscrito).

LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA DE DOIS VIZINHOS, 1970.

PARANÁ. Colégio Estadual Mario de Andrade. **Planejamento prévio:** primeiro complexo – Colégio Estadual Mario de Andrade, Instituto Nossa Senhora da Glória e Grupo Escolar Beatriz Biavatti. Francisco Beltrão – PR, s/d. (Livro encadernado mimeo).

PARANÁ. Colégio Estadual Mario de Andrade. **Projeto Político Pedagógico de 2011**. Francisco Beltrão: CEMA, 2011.

PARANÁ. Lei n. 1.363 de 26 de outubro de 1953. **Autoriza o Poder Executivo a abrir um crédito de Cr\$ 200.000,00, destinado a auxiliar o Instituto Nossa Senhora da Glória, no município de Francisco Beltrão, para construção de sua sede própria**. Curitiba: Diário Oficial n.º. 189 de 29 de outubro de 1953. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=14997&indice=1&totalRegistros=12>.

PARANÁ. Lei n. 1511 de 1 de dezembro de 1953. **Cria em Clevelândia, o Curso Normal Regional**. Palácio do Governo em Curitiba, em 1º de dezembro de 1953. Publicado no Diário Oficial n.º. 221 de 7 de dezembro de 1953. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=15470&indice=1&totalRegistros=17>.

PARANÁ. Lei n. 4.832 de 22 de fevereiro de 1964. **Declara de utilidade pública o Patronato Santo Antônio, de São José dos Pinhais e o Instituto Nossa Senhora da Glória, de Francisco Beltrão**. Curitiba: Diário Oficial n.º. 290 de 25 de fevereiro de 1964. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=10567&indice=1&totalRegistros=9>

PARANÁ. Lei n. 4978, de 05 de dezembro de 1964. **Estabelece o sistema estadual de ensino**. Curitiba: Diário Oficial n.º. 242 de 26 de dezembro de 1964. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=12350&indice=1&totalRegistros=3>.

PARANÁ. **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado do Paraná por ocasião da sessão legislativa ordinária de 1958 pelo senhor Moysés Lupion, governador do Estado**. Curitiba, 1958.

PARANÁ. Secretaria de Educação e Cultura. Portaria n. 873 de 15 de março de 1962. **Institui normas para a fixação de currículos nos estabelecimentos estaduais de ensino médio e dá outras providências**. Curitiba: Secretaria de Educação e Cultura, caderno 2, 1962.

RELAÇÃO das primeiras alunas matriculadas da Escola Normal Ginásial Nossa Senhora da Glória em 1959. Arquivo Pessoal de Ana Gracik.

RELATOS ORAIS E MANUSCRITOS

CASTANHA, Evaristo, **Entrevista concedida a Moacir da Costa Belliato**, dia 17 de junho de 2015.

DAVOGLIO, Gilda Beatriz, **Entrevista concedida a Moacir Belliato**, dia 10 de junho de 2015.

GAGLIOTO, Elena, **Entrevista concedida a Moacir Belliato**, dia 8 de dezembro de 2015.

GRACIK, Ana, **Entrevista concedida a Moacir Belliato**, dia 17 de junho de 2015.

MEURER, Daniel, **Entrevista concedida a Moacir Belliato** dia 23 de novembro de 2016.

NARCISA, Maria, **Entrevista concedida a Moacir Belliato**, dia 02 de junho de 2015.

NETO, Antônio Cantelmo, **Entrevista concedida a Moacir Belliato** dia 2 de agosto de 2016.

NIEDERHARTMANN, Luiz Carlos, **Entrevista concedida a Moacir Belliato** dia 8 de junho de 2015.

PADILHA, Félix, **Entrevista concedida a Carla Catelan, 2013**. Arquivo de História Oral da Unioeste – Campus de Francisco Beltrão.

PONTERMAYER, Irmã Inês Teresinha, **Entrevista concedida a Moacir Belliato**, dia 19 de maio de 2015.

RADIN, Maria Iracema, **Entrevista concedida a Moacir Belliato** dia 04 de fevereiro de 2016.

RAMELLO, Neide Maria, **Entrevista concedida a Moacir Belliato** dia 8 de dezembro de 2016.

SHIESSL, Danilo, **Entrevista concedida a Moacir Belliato** dia 15 de dezembro de 2016.

TOMÉ, Noeli Helena, **Entrevista concedida a Moacir Belliato** em 16 de dezembro de 2015.

ANEXO A

Ata nº 1 2

Aos setes dias do mez de Outubro de 1957 as quatorze horas na Igreja de Nossa Senhora da Gloria, neste povoado de Maricás, sob a direção do Reverendissimo Padre Frei Leodato Gaiard; reuniram-se os Srs. João Pedro Maggano, Guerino Faloris, Antonio Patrik, Rineri Celba, Luiz Antonio Faedo, Vicente Longo, José Opolski, Filiciano Pessôas, Natalício A. Tando, Angelo Frascium, Teodoro Zanata, Ciro Galbam, Pedro Feromato, Augusto De-Ros, João Antunes, Luiz Cavanni, Edvino Marmontini, Giacini, Luiz Pagi, Julio Lago, Dionisio Dalas, João Dalla-Vechia, Angelo Rodin, Luiz Lorenzetti, Luiz Menon, Olivio Locatelli, Angelo De-Costa, Laurindo Gemelli, Altilio Fausto, tendo esta reunião o objetivo de criar um Colegio que sera dirigido por Irmãs religiosas; em primeiro lugar foi tratado a compra de direitos dos terrenos urbano, sendo que pelo Padre Leodato tratou do assunto com os Senhores Luiz Antonio Faedo e Luiz Pagi, tendo tratado com o primeiro Sr. Faedo oito lotes pelo preço de Cr\$ (10.000.00) dez mil, e com o segundo Sr. Pagi 1 lote por Cr\$ (1.500.00) um mil e quinhentos; mas deixando de mencionar que o Sr. Faedo deixou um terreno, ficando assim constituído ditos terrenos em numero de dez, pela importancia que mais tarde sera pago

no valor de Cr\$ (11.500,00) onze mil e quinhentos cruzinos.

Em segundo lugar, sem aver eleições foi escolhido a comissão que dirigirá os estudos do mencionado collegio a construir, sendo escolhido entre o presentes os senhores. João Pedro Maggano "Presidente," Guerinio Fabris "Secretario," e Antonio Patrik "Tesoureiro".

E por fim deu-se inicio da "tomada em relação" de improviso, das ofertas dos presentes.

E por não ter presente um livro de atas deixou-se de lavrar a presente na ocasião da reunião, que, mais tarde, ou na proxima reunião será aprovada a presente ata, que no impedimento do secretario em João Pedro Maggano o a escrevi e lavrei

João Pedro Maggano
 Guerinio Fabris
 Antonio Patrik
 José Manoel Vargas
 Pedro Ferronato
 Pedro Faullla
 Vitorio Truciano
 Ezilio Piorezza
 João Guigini
 Luiz Mesozo
 Luiz Manoel Faccin
 Francisco Camunello
 Antonio Rodighiero
 Flavio de Assis
 Primo Botelho

Laureano Borea
 Theodoro Junqueira
 Paulo Mainardi
 Vicente Louro
 Pierei Gello
 Antonio Joao de Miranda
 lido na reunião de 27 de janeiro de 1952
 Mandato. fm.

Fonte: Arquivo Colégio Nossa Senhora da Glória (2016).

ANEXO B:

Lista de donativos

ofertados voluntariamente em prol da construção
do novo Colégio.

Um sincero Deus. lhe pague!

C. Prefeitura Municipal	Salvador de m. Jesus	CR\$ 10.000,00	
P. Barmaio Nossa Senhora da Glória	Daniel poss.	500,00	pg.
Angelio Pous		500,00	pg.
José Cabral		100,00	pg.
Vittorillo Lia		200,00	pg.
Pinheiro Lally		500,00	pg.
M.A.	Social (terreno) e prédio coberto. com telhas.		
Leoni Peta		100,00	pg.
p.p. José port. Bezais	Paranápolis Peta. S. D. Loup.	200,00	pg.
Blumia		100,00	pg.
Ubiratã		50,00	pg.
Walter Alberto Pereira		1.000,00	pg.
compreendendo a a seu auxílio museal, durante a construção.			
José Bras mirica		200,00	pg.
Charidio Bassatto		50,00	pg.
Júlio Roberto		100,00	
Ricardo B. Costa		500,00	
Henrique Carada		100,00	
Homens	P.g.	10,00	

Fonte: Arquivo Colégio Nossa Senhora da Glória (2016).

ANEXO C

Ata da Instalação da Escola Normal Colegial
"Regina Mundi"
Francisco Beltrão Paraná

Aos vinte e oito de dezembro de mil novecentos sessenta e cinco, numa das salas da Escola Normal Normal Colegial "Regina Mundi", procedeu-se a Instalação da mesma.

Com a presença da Inspectora do Ensino Médio Sr. Nely Elvira Dall'Agnol Moqueira também representante da Inspectora Regional do Ensino e demais autoridades.

Os trabalhos foram seguidos na ordem seguinte. Foi lido pela Sr. Inspectora o decreto da criação. Fica criada na cidade de Francisco Beltrão a Escola Normal Colegial "Regina Mundi" pelo decreto 19.838. Assinado pelo governador Ney Braga e Lauro Rêgo Barros secretário de Educação e Cultura do Estado do Paraná.

Em seguida tomaram posse a diretora Irmã Maria Bento e Tereza de Jesus Bressan secretária.

Em seguida falou o Sr. Prefeito Municipal de Francisco Beltrão Antonio de Biva Cantelmo Padre José Kackenberg, representante do vigário da Paróquia; Ten. Ynencio Lemos comandante da 1ª Cia. do 15 R. T. O. Euclides Seale em nome da Câmara dos Vereadores; Irmã Adelmara Zimmermann representando a Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora.

A presente ata será assinada por mim secretária ad hoc e pelas demais auto

idades presentes
 Francisco Beltrão, 28 de dezembro de 1965
 Sonia Damuzia Pakulski de Oliveira sec. ad. loc.
 Nela Elvira Dall'Agua Nogueira - Inspectora do Ensino Básico
 Maria Bento - Diretora
 Soraia de Jesus Bressan - Secretária
 Antônio de Souza Constantino
 José Celso Marques
 Mariana da Silveira
 Carlos
 Sr. mar. Adelyra Timmermann
 Carlos P. Ricci
 Rosemary Cavallari
 Daisy Nogueira
 Juliana de Jesus
 Thuzila G. da Silva
 Míriam Constantino
 Gladys de Freitas
 Irene Oliveira de Freitas
 Maria Jossi Ramalho
 Maria M. de S. M.
 Arcebia Maria Paes
 Virginia Gomes Klein

Fonte: Arquivo Colégio Estadual Mário de Andrade (2016).